

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

GRASIELE BARRETO RANGEL MONTEIRO

“Ah... se essa biblioteca falasse...”: Narrativas, Memórias e Identidades na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
2012

GRASIELE BARRETO RANGEL MONTEIRO

“Ah... se essa biblioteca falasse...”: Narrativas, Memórias e Identidades na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Diana de Souza Pinto

RIO DE JANEIRO
2012

Monteiro, Grasielle Barreto Rangel.
M775 “Ah - se essa biblioteca falasse - ” : narrativas, memórias e identidades na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Grasielle Barreto Rangel Monteiro, 2012.
134f. ; 30cm

Orientador: Diana de Souza Pinto.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde. 2. Memória – Aspectos sociais. 3. Análise do discurso. 4. Identidade - Aspectos sociais. 5. Sociolinguística. I. Pinto, Diana de Souza. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós- Graduação em Memória Social. III. Título.

CDD – 302

GRASIELE BARRETO RANGEL MONTEIRO

“Ah... se essa biblioteca falasse...”: Narrativas, Memórias e Identidades na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Diana de Souza Pinto (orientadora) - UNIRIO

Profa. Dra. Branca Falabella Fabrício - UFRJ

Profa. Dra. Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei - UNIRIO

Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira - UFRJ

Dedico este trabalho a Deus, meu criador, sem o qual nada seria possível. Ele renova as minhas forças a cada dia, me ajudando a prosseguir e a tornar realidade todas as minhas aspirações.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho, por me impulsionar a vislumbrar melhores horizontes e por suportar a minha ausência ao longo deste processo. Espero, meu filho, que um dia possamos olhar para trás com orgulho de ver concretizado este anseio. Ao meu esposo, por estar de mãos dadas comigo durante toda esta jornada. Aos meus pais, pelo apoio, motivação e colaboração, e à minha irmã pelos momentos que me fez sorrir, que me animou e me fez sentir que eu poderia fazer grandes coisas.

À Diana, minha orientadora, pela dedicação, incentivo e paciência de acompanhar cada passo deste trabalho e por acreditar no meu desempenho desde o começo. Estou cada dia mais feliz pela segura e competente orientação.

A todos os colegas da Biblioteca Central do CCS, pela colaboração e disponibilidade em ajudar sempre. Especialmente, ao diretor da biblioteca, Marco Túllio Zuric, por acreditar e apoiar a minha pesquisa, à colega de trabalho e amiga Fátima Fernandes, principal motivadora desde o começo dessa caminhada, e ao amigo e colega de seção José Carlos Paz que despertou em mim o interesse pela memória da Biblioteca Central do CCS através da elocução que inspirou o título deste trabalho.

Aos professores Branca Falabella Fabrício, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei e Antonio José Barbosa de Oliveira, agradeço pelo tempo dedicado a este estudo e pelas ricas contribuições.

A todos os professores e amigos do Programa de Pós-graduação em Memória Social que contribuíram direta ou indiretamente para esta pesquisa.

"Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver" (BERGSON, 1990, p. 90).

RESUMO

O presente trabalho investiga as memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais de funcionários da Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde (CCS)/UFRJ, a partir de narrativas de experiências pessoais inseridas em uma entrevista grupal. Observa-se a co-construção da interação localmente e suas relações com os contextos macro-estruturais que a permeiam. Parte-se do pressuposto de que as memórias, as narrativas e as configurações identitárias são construções sociais realizadas na interação, sendo, portanto, conceitos dinâmicos (LINDE, 2009). O corpus desta pesquisa é constituído por uma entrevista grupal com funcionários da biblioteca com base em perguntas abertas que visavam à evocação de narrativas que tematizassem as memórias em relação à biblioteca. A análise da entrevista pauta-se na perspectiva interacional para a análise do discurso (GOFFMAN, 1979; GUMPERZ, 1982) e na Análise das Narrativas (RIESSMAN, 2008). A análise evidenciou o compartilhamento de experiências, a alta sintonia conversacional e o emprego de várias estratégias discursivas, tais como o diálogo construído (TANNEN, 1989). Observou-se, também, na construção da memória coletiva (HALBWACHS, 2004), diferentes alinhamentos (GOFFMAN, 1979) constitutivos de uma variada gama de identidades pessoais e profissionais, alicerçadas em valores tais como companheirismo, amizade e solidariedade.

Palavras-chave: Memória Social. Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde. Narrativa. Análise do discurso. Identidade. Sociolinguística Interacional.

ABSTRACT

This paper examines the professional and personal memories as well as identity configurations of employees of the Central Library of the Center for Health Sciences/Federal University of Rio de Janeiro based on personal experience narratives contained in a group interview. The local co-construction of the interaction and its relationships with the macro-structural contexts permeating it were observed. The study was founded on the assumption that memories, narratives and identity configurations are social constructions built during interactions, and therefore are dynamic contexts (LINDE, 2009). The corpus of this study is a group interview with the library employees. The interview consisted of open questions designed to evoke narratives involving memories of the library. The analysis of the interview was guided by the interactional perspective on discourse analysis (GOFFMAN, 1979; GUMPERZ, 1982) and by Narrative Analysis (RIESSMAN, 2008), and It revealed shared experiences, highly tuned conversations and the use of several discourse strategies such as constructed dialogue (TANNEN, 1989). Different alignments (GOFFMAN, 1979) consisting of a wide range of personal and professional identities based on values such as comradeship, friendship and solidarity were also observed during the construction of the collective memory (HALBWACHS, 2004).

Key words: Social memory. Central Library of the Center for Health Sciences. Narrative. Discourse analysis. Identity. Interactional sociolinguistics.

SUMÁRIO

| | | |
|---------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | UM DIÁLOGO ENTRE NARRATIVA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA LINGUAGEM | 14 |
| 2.1 | A TRÍADE MEMÓRIAS, NARRATIVAS E IDENTIDADES EM INSTITUIÇÕES | 16 |
| 2.1.1 | Memória Social | 18 |
| 2.1.2 | O conceito de identidades através do discurso | 24 |
| 2.1.3 | Narrativas: definição e abordagens | 27 |
| 2.1.3.1 | <i>A abordagem sociointeracional</i> | 32 |
| 3 | APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO | 38 |
| 3.1 | SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL | 38 |
| 3.1.1 | A Situação Negligenciada | 41 |
| 3.1.2 | Footing | 42 |
| 3.1.2.1 | <i>Mudanças de footing</i> | 45 |
| 3.1.3 | Convenções de contextualização | 47 |
| 3.2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 49 |
| 4 | ANÁLISE DOS DADOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS | 53 |
| 4.1 | ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS | 53 |
| 4.2 | ANÁLISE DOS SEGMENTOS DO GRUPO FOCAL | 57 |
| 4.2.1 | “O que vocês acham que quer dizer isso “ah... se essa biblioteca falasse...””: a pergunta inicial | 58 |
| 4.2.2 | “Passou muita coisa desde que [a biblioteca] veio para cá até os dias de hoje”: a constituição da Biblioteca Central do CCS ao longo dos anos | 65 |

| | | |
|----------|--|-----|
| 4.2.3 | “Pô, se não fosse essa biblioteca eu estava ferrado”: a importância da biblioteca no discurso dos participantes, projetado discursivamente através do diálogo construído. | 78 |
| 4.2.4 | “Para mim foi a melhor coisa que aconteceu, foi eu pertencer ao serviço público na UFRJ na biblioteca”: o privilégio e a satisfação | 85 |
| 4.2.5 | “Ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes aí correndo”: a resignificação do espaço na biblioteca – configurações identitárias profissionais/pessoais | 93 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 101 |
| | REFERÊNCIAS | 108 |
| | ANEXO A – Convenções de transcrição | 115 |
| | APÊNDICE A – Roteiro para a entrevista | 116 |
| | APÊNDICE B – Transcrição do grupo focal | 117 |
| | LISTA DE QUADROS | |
| Quadro 1 | Dados sobre os funcionários entrevistados | 50 |

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos este texto contando uma estória pessoal que constitui um dos fatores determinantes para a investigação que desenvolvemos neste trabalho. Em 2008, eu Grasielle, ingressei no corpo de servidores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lotada na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Fui recepcionada pelos funcionários dessa biblioteca com frases de boas vindas seguidas, muitas vezes, de comentários ou até mesmo de estórias sobre algo interessante, curioso ou inusitado ocorrido na biblioteca, mesmo não havendo uma pergunta direta que suscitasse tais declarações. Fui percebendo, no cotidiano, como os funcionários sentiam prazer em narrar as suas experiências e como, de fato, essa biblioteca “tem estória para contar”. Torna-se pertinente, neste momento, indicar um dos discursos mais reveladores da riqueza da memória dessa biblioteca, em torno do qual surgiu a idéia e o próprio título deste trabalho: “Ah... se essa biblioteca falasse...”. Esta elocução, dita frequentemente pelo funcionário mais antigo da biblioteca, sempre representou uma fonte de curiosidades para mim. Era como se houvesse algo para ser contado que não estava sendo dito, mas que eu precisava conhecer - embora hoje eu compreenda que não é possível conhecer, e sim construir - os sentidos dessa elocução. Desse modo, a partir da elocução apresentada acima, inferimos que essa biblioteca, desde a sua criação, passou por diferentes situações e que várias pessoas, principalmente seus funcionários, já ouviram e presenciaram muitos episódios interessantes. Em vista disso, nosso desejo é compreender algo que é efêmero: os instantes. Instantes capazes de nos auxiliar a co-construir a memória social desta instituição. Um desejo antigo desses funcionários, que se ressalta a partir da idéia inferida no discurso acima. Tal discurso não é apenas uma mera observação. Inferimos que há um desejo latente de lembrar o passado e um pedido tímido: não deixe nossa história morrer. Assim, esperamos que, ao final desta pesquisa, possamos compreender como as memórias profissionais e pessoais em relação à biblioteca são construídas através das percepções e experiências pessoais narradas por alguns de seus funcionários.

A inserção deste trabalho no campo da Memória Social se dá através da observação de que as práticas sociais são constitutivas da memória e são

conjuntamente construídas através do discurso. A análise das narrativas fornece elementos importantes que podem ser identificadores de práticas de um determinado grupo, bem como de ações individuais motivadas pela memória social.

Partindo do pressuposto de que estes discursos são capazes de co-construir a memória desta instituição e de operar para a construção de identidades dos seus funcionários, foi delineado como corpus desta investigação as narrativas orais dos funcionários da Biblioteca Central do CCS/UFRJ. Assim, este trabalho surgiu do interesse em estudar as narrativas de experiências pessoais enunciadas em um grupo focal no contexto profissional na biblioteca e investigar como elas são capazes de potencializar a memória e as configurações identitárias nessa instituição.

O objetivo desta pesquisa desenvolvida no âmbito da linha de Pesquisa Memória e Linguagem do Programa de Pós-graduação em Memória Social/UNIRIO foi investigar, a partir das narrativas de experiências pessoais dos funcionários da Biblioteca Central do CCS/UFRJ, as suas memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais, co-construídas durante (ess)a interação e a relações desse discurso com o viés macro contextual, o qual reflete a visão sócio-histórica e institucional que ancora essa construção. Em vista disso, a nossa análise partiu do pressuposto de que a memória, as narrativas e as identidades são construções sociais realizadas e recriadas na interação, sendo, portanto, conceitos dinâmicos, como será apresentado no capítulo 2.

As questões que nos orientam são: Como os funcionários co-constroem as suas memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais, através das narrativas de experiências pessoais? Quais projeções discursivas são projetadas, ratificadas e/ou modificadas ao longo da interação? Como se dá a relação entre os discursos localmente construídos e os contextos macro estruturais que os permeiam? Em que medida é possível um diálogo entre as narrativas, memórias e identidades através da linguagem?

A Biblioteca Central do CCS foi criada em 1973 na Cidade Universitária, Ilha do Fundão. A coleção desta biblioteca é, em parte, proveniente de diversas unidades acadêmicas e administrativas transferidas para o Campus Universitário. Alguns funcionários, assim como o mobiliário mais antigo da biblioteca vieram, principalmente, da Biblioteca da Faculdade de Medicina, que era localizada na Praia Vermelha. Essas

informações são provenientes de bibliografias sobre a história da UFRJ, principalmente sobre a Faculdade de Medicina, pois não foram encontrados, até o momento, documentos relativos à implantação da Biblioteca Central do CCS, como regimentos, atas de instituição etc., a despeito de recentes tentativas junto àqueles responsáveis pelos setores competentes na instituição.

Com 6.000 m² de instalações físicas, seu acervo é composto atualmente de cerca de 60.000 exemplares de livros, 2.200 exemplares de obras raras, 55.000 fascículos de periódicos e 27.000 exemplares de teses. Atende aproximadamente 5.000 usuários por ano e possui vinte e quatro funcionários concursados e sete funcionários terceirizados (UNIVERSIDADE, 2010). Através da base Minerva (base de dados utilizada pelas bibliotecas da UFRJ) e do portal de periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), os usuários podem pesquisar quais títulos a biblioteca possui.

Este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO, que o considerou aprovado em 25 de outubro de 2010. Após o parecer do referido Comitê, foram convidados os funcionários mais antigos da Biblioteca Central do CCS, lotados por mais de dez anos e em exercício regular na biblioteca na ocasião de agendamento e realização da entrevista. Assim, o corpus desta pesquisa é composto de uma entrevista grupal com nove funcionários da biblioteca, realizada com base em um roteiro com perguntas abertas, previamente definidas, realizadas por mim e pela professora Diana de Souza Pinto. A duração do grupo focal foi de uma hora e doze minutos, gravado em áudio, em 3 de dezembro de 2010 e transcrito por mim de acordo com as convenções listadas no Anexo A.

Com o intuito de ilustrar nossas discussões, em vários momentos neste trabalho são citadas elocuições selecionadas do corpus de análise desta pesquisa. Tais fragmentos são apresentados juntamente com o código (GF) para grupo focal, seguidos da página da transcrição de onde foi retirado o segmento discursivo em evidência. Por exemplo: (GF p.92), significa que o segmento foi retirado do grupo focal e pode ser localizado na página 92 no apêndice referente à transcrição do grupo focal (Apêndice B). Foram mantidas, nos segmentos analisados, as numerações originais das linhas da transcrição para que os leitores possam encontrar o local onde o segmento se insere.

Todos os nomes dos participantes do grupo focal, bem como aqueles citados no decorrer da entrevista, foram substituídos por pseudônimos¹.

Para sustentar a presente pesquisa, refletimos a partir dos seguintes referenciais teóricos: no âmbito da Memória Social foram utilizados os conceitos de Halbwachs (2004), principalmente a sua concepção de memória coletiva. Em relação às configurações identitárias e às narrativas foram abordadas, principalmente, as perspectivas de Linde (2009), Mishler (2002), Fabrício e Lopes (2002) e Fabrício (2002) as quais pressupõem que as narrativas e as identidades são continuamente atualizadas no discurso. As análises das narrativas serão realizadas através da vertente da Sociolinguística Interacional da análise do discurso. Assim, Gumperz (1982) e Goffman (1964; 1979) alicerçarão nossas reflexões acerca dos fundamentos da Sociolinguística Interacional. Em consonância com as abordagens da Sociolinguística Interacional, nos beneficiamos da noção de contexto de forma micro e macro na análise do discurso através dos apontamentos de Gee (1999) e Ribeiro e Pereira (2002). Para a investigação das estratégias discursivas observadas nas narrativas foram utilizadas as abordagens estrutural e interacional através de Reissman (2008), e Bastos (2005) e as noções de repetição, estrutura quiasmática e diálogo construído propostas por Tannen (1989).

Discutiremos no próximo capítulo, os principais conceitos que ancoram a pesquisa no que se referem ao diálogo entre memória social, identidades e narrativas na linguagem. Em seguida, no capítulo 3, discutiremos as demais reflexões teóricas e metodológicas da pesquisa que irão subsidiar a análise do discurso, todos em consonância com a dinâmica interacional que subsidia o estudo. Apresentamos, ainda, a opção metodológica utilizada neste trabalho, bem como o corpus desta pesquisa. No capítulo 4, analisamos alguns segmentos do grupo focal, selecionados com o foco na investigação proposta acima. No capítulo 5, apresentamos as considerações finais do estudo. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas, o anexo A – Convenções de transcrição, o apêndice A – Roteiro para a entrevista e o apêndice B – Transcrição do grupo focal.

¹ Mais detalhes serão apresentados no capítulo 3, no qual apresentamos a opção metodológica utilizada neste trabalho.

2 UM DIÁLOGO ENTRE NARRATIVA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA LINGUAGEM

Este estudo investiga as memórias e as configurações identitárias profissionais e pessoais dos funcionários da Biblioteca Central do CCS a partir das suas narrativas de experiências pessoais, as quais foram suscitadas por questões de natureza sócio-histórica sobre essa instituição. Tais questões foram recontextualizadas pelos participantes do grupo focal, de forma que observamos um atravessamento das experiências e vivências na biblioteca nas memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais desses funcionários. Desse modo, após a qualificação deste trabalho, o estudo se reconfigurou, de forma que o nosso foco de investigação passou a ser a compreensão da construção de uma percepção, de um engajamento em relação à biblioteca nas narrativas de alguns dos seus funcionários e não mais uma investigação sócio-histórica dessa instituição, embora esses níveis macro contextuais também sejam considerados na análise dos segmentos selecionados do grupo focal, tendo em vista as questões e objetivos da pesquisa.

Ao olharmos para a narrativa com o foco no que está sendo construído no aqui e agora, observamos, conforme aponta Fabrício (2002), um vínculo indissociável entre a linguagem, o contexto, o comportamento e as atividades humanas. Nesse sentido, a autora cita Marcondes (1992, p. 13-14 apud FABRÍCIO, 2002, p. 75):

Assim sendo, podemos afirmar que ao investigarmos a linguagem, estamos investigando igualmente a sociedade da qual ela é linguagem, o contexto social e cultural na qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a "racionalidade" desta comunidade; e desta forma pode-se dizer que não há uma separação radical entre "linguagem" e "mundo", já que a realidade é constituída exatamente pelo modo como aprendemos a linguagem e a usamos.

Todo esse processo pode remeter a uma fluidez do discurso e propiciar a constante transformação de identidades. Segundo Fabrício (2002, p. 76), a partir dessa noção de linguagem, com um caráter cambiante, fugaz e contingente, somos remetidos a duas implicações importantes. A primeira mostra-nos a linguagem sendo influenciada por algum grau de estabilidade, mesmo que não exista um apelo para a representação de algo exterior a ela mesma. A segunda desconstrói uma possível crença na existência de uma identidade única, problema ocasionado pela tendência humana em

criar regras capazes de consagrar formas de vida, jogos, conceitos e identidades, negligenciando o aspecto contingente desse processo.

Conforme falamos na introdução, nosso pressuposto se baseia no dinamismo dos conceitos de memória, narrativas e configurações identitárias visto que são construções sociais que se realizam no processo da interação, sendo uma tríade inseparável. Em vista disso, analisaremos, a seguir, a tríade memórias, narrativas e identidades. No entanto, é importante salientar que um dos objetivos desta pesquisa é investigar a memória de uma instituição - a Biblioteca Central do CCS. Assim, discutiremos a relação entre memória, narrativas e identidades em instituições. Nossas reflexões terão o suporte de três perspectivas: no campo da memória social o conceito de memória coletiva preconizado por Halbwachs (2004); na sequência, o dinamismo do conceito de identidades através da concepção de que elas são construídas e atualizadas no discurso. Por fim, o aporte do conceito de narrativas e suas abordagens, considerando que este é o tipo discursivo investigado neste trabalho.

Segundo os nossos pressupostos, o diálogo entre as narrativas, as memórias e as identidades se dá através da linguagem. Nesse sentido, há um consenso entre os autores mobilizados, como Mishler, Gondar, Halbwachs, Le Goff, dentre outros, sobre a concepção do processo de construção da memória. Para esses autores, a memória é construída no presente não sendo possível representar uma recapitulação exata de eventos, pois a memória não se reduz à representação do passado, porque ela é construída através de uma interação entre as lembranças de algo que passou e de uma situação do momento presente, ou seja, da interação. Além disso, a linguagem não pode ser separada da sociedade, pois ela cria a sociedade e ao mesmo tempo é circunscrita por ela. De acordo com Marcondes (1992, p. 32 apud FABRÍCIO 2002, p. 71), a linguagem deve ser entendida “como uma prática social concreta, como um sistema de atos simbólicos realizados em um determinado contexto social com objetivo preciso e produzindo certos efeitos e sentidos convencionais”. Dessa forma, a realidade é constituída pelo contexto social e cultural na ela qual é usada, pelas práticas sociais e pelos os paradigmas e valores. Assim, as perspectivas mais estáveis, da ordem social, devem ser consideradas visto que influenciam o discurso construído. Logo, pretendemos neste estudo abordar a linguagem não sob uma perspectiva

representacional, e sim sob o prisma da negociação dos sentidos das palavras, ou seja, pelo seu uso.

2.1 A TRÍADE MEMÓRIAS, NARRATIVAS E IDENTIDADES EM INSTITUIÇÕES

Discutiremos nesta seção alguns fundamentos acerca do campo de estudos Memória Social, orientados pela concepção da memória como um conceito ético e político, que ultrapassa a esfera representável, abrangendo gestos, práticas, ações políticas etc. e, fundamentalmente, como um fenômeno construído coletivamente. Nesse sentido, a memória pensada no presente evoca o passado em função de uma aposta quanto ao porvir. Desse modo, a memória pode ser vista como uma construção social. Veremos, ainda que, na interação, a ação da memória pode operar para a construção de identidades através das narrativas. Assim, as narrativas podem ser utilizadas por instituições ou grupos nas suas práticas de rememoração.

Linde (2009) investiga como as instituições trabalham o seu passado, especificamente, como as instituições e seus membros utilizam as narrativas para rememorem. Sua pesquisa foi realizada em uma grande companhia de seguro dos Estados Unidos, nomeada no estudo com o pseudônimo de MidWest, e envolveu três anos de intenso estudo etnográfico, o qual incluiu extensas observações de treinamento do trabalho dos agentes de vendas de seguros, assim como observações dos programas de formação continuada, convenções de vendas, encontros regionais e corporativos. O material utilizado por Linde era composto por observações etnográficas, gravações em áudio e filmagens dos agentes em escritórios, em chamadas de vendas de clientes e de uma série de reuniões locais, regionais e nacionais. A autora, ao discutir narrativa e memória institucional, aponta que a narrativa estabelece identidades à medida que trabalha para responder a pergunta “Quem somos nós” (LINDE, 2009, p. 4).

Ao introduzir a sua obra, Linde (2009) apresenta que o conceito de instituição inclui grupos formais e informais de pessoas com práticas reconhecidas e estabelecidas como, por exemplo, uma corporação, um casamento, a prática da medicina etc. A

autora afirma que a definição de instituição também pode ser utilizada para o sistema educacional e a família e para representar grupos sociais que tenham uma frequência contínua como, por exemplo, um jogo de cartas toda terça à noite. Assim, a Biblioteca Central do CCS, na concepção de Linde (2009), é uma instituição, visto que ela possui uma série de práticas, estabelecidas com base em um interesse comum e com regras específicas que a legitimam através de um grupo formalmente constituído.

De acordo com Linde (2009), as instituições e os seus membros utilizam as narrativas nas práticas de memória institucional, podendo tanto os indivíduos como os grupos ter uma variedade de propósitos ao evocar o passado. Dentre eles, o passado pode estabelecer legitimidade e autoridade, pode afirmar uma política ou, ainda, permite comparar o passado com o presente proporcionando uma noção de como as coisas poderiam ser melhores ou piores. Em vista disso, a autora afirma que as narrativas são um importante caminho para as instituições construírem suas apresentações de como elas são e do que elas têm feito no passado, podendo utilizar este passado no presente para projetar melhor o seu futuro. Nas narrativas, um evento interacional construído no “aqui e agora”, temos estórias de vida projetadas ao mesmo tempo em que as memórias são construídas. Isso nos conduziu para uma investigação em relação a essa construção discursiva local, onde as narrativas de experiências pessoais de alguns funcionários da biblioteca são atravessadas pelas memórias e configurações identitárias pessoais e profissionais e pelo contexto sócio-histórico e institucional que ancoram o discurso em construção. Todos nós temos estórias para contar sobre as experiências vividas no ambiente profissional, estejam elas relacionadas ao âmbito mais profissional ou pessoal. Desse modo, cabe destacar que os discursos pessoais e institucionais são inseparáveis e, reciprocamente, constituem o discurso em construção. Tais experiências não estão “gravadas em pedra” (RICOUER, 2010), ou seja, registrada nos livros, mas são constituintes da instituição onde desenvolvemos nossas atividades profissionais. Nesse sentido, observamos que uma biblioteca ou qualquer outra instituição, não serve apenas para os propósitos formalmente constituídos nos documentos que a institui. Elas também atendem aos propósitos e usos que lhe damos. Isso não é encontrado nos documentos, mas nesse tecer de experiências proporcionadas pelo trabalho narrativo, como por exemplo, as

experiências narradas sobre os namoros nas cabines, às festas ocorridas na biblioteca, às visitas dos filhos dos funcionários, o pioneirismo da biblioteca na implementação da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a mudança na execução dos trabalhos em virtude dos avanços tecnológicos, etc. como será abordado no capítulo 4.

Segundo Linde (2009) mesmo as estórias de vida (LINDE, 1993) individuais trazem também outros indivíduos, podendo ser aqueles que participaram diretamente do evento narrado ou os que acompanharam de certa forma o evento, mesmo sem ter participado diretamente, podendo expor opiniões ou definir de forma distinta esse evento. Considerando isso, a autora concebe a narrativa como uma construção social. Ela considera as entrevistas grupais como muito desafiantes tanto para os pesquisadores como para os entrevistados, pois é um tipo de interação em que as pessoas regularmente acrescentam contribuições umas às outras, expondo suas interpretações. Nas entrevistas grupais, geralmente, os participantes possuem algum tipo de relação o que propicia o compartilhamento de eventos como, por exemplo, um grupo de profissionais que trabalhe em uma mesma instituição.

Linde (2009) traz uma concepção de instituição que considera a narrativa como um locus fértil para a criação de identidades, ou seja, para responder a questão “quem somos nós”. A autora afirma, ainda, que as narrativas podem ser utilizadas nas práticas de memória institucional. Tudo isso corrobora com este estudo, visto que a compreensão de como as narrativas de experiências pessoais são construídas pelos funcionários da biblioteca e como elas propiciam a construção de memórias e configurações identitárias pessoais e profissionais constitui um dos objetivos desta investigação.

2.1.1 A memória social

Desde os primórdios dos estudos da memória, na época em que ela era vista mitologicamente até o momento em que ela passou a ser vista como uma (re)construção do passado, este campo de estudos interdisciplinar tem passado por uma série de flutuações e transformações, momentos de retração e de

transbordamento (LE GOFF, 2003), de acordo com as mudanças socioculturais ao longo do processo histórico da humanidade.

Mesmo antes de Maurice Halbwachs (1992) problematizar a memória do ponto de vista da sociologia no início do século XX, o que é considerado como o estabelecimento oficial do conceito de memória coletiva, esta já era a fonte de preocupação de pensadores como Nietzsche (1985), Bergson (1988) e Freud (1986). Além destes, outros autores contribuíram para discussão no campo da memória social como Pierre Nora (1993), Jacques Le Goff (2003), Krzysztof Pomian (1984) e Michael Pollak (1989). A concepção de memória como uma construção social tem suas origens no século XIX. “A partir desse período, encontramos autores que privilegiam a dimensão processual dessa construção, enquanto outros enfatizam o que a construção foi capaz de realizar” (GONDAR, 2005, p. 21). Nietzsche, Bergson e Freud compartilham a primeira posição, enquanto Pierre Nora, Jacques Le Goff, Krzysztof Pomian e Michael Pollak a segunda, ou seja, expressam algo da ordem do construído. Halbwachs participa desse último posicionamento, importando-se mais com a construção da memória a partir da integração das diferenças do que com o seu confronto ou com os embates e instabilidades nessa construção (GONDAR, 2005).

Para Gondar (2005, p.17), “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja”. Além da questão de recordar o passado, a perspectiva conceitual ligada à definição de memória social está também relacionada ao futuro à medida que, ao escolher o que se quer interrogar e conservar há uma aposta, quanto ao porvir. Nesse sentido, segundo Gondar, admite-se atualmente a memória como uma construção. Ao elaborarmos questões em relação ao passado, tais questões estão muito ligadas com as nossas perspectivas presentes; sendo assim, a memória passa a ser vista como uma construção social, considerando que o homem a produz a partir de suas relações sociais e valores em oposição à idéia da verdade do que é ou do que se passou. Inserindo o conceito de memória social para a esfera prática, visto que traz consequências para a vida que se leva e que se pretende levar, Gondar (2005) versa sobre a proposição de que a memória social é um conceito eminentemente ético e político. Conforme falamos, a concepção de memória social implicada na escolha e

posicionamento quanto ao que interrogar e conservar leva-nos a concepção do sentido de construção, porque escolhas sempre são feitas, sejam intencionais ou não, e, nesse sentido, conseqüentemente, há um comprometimento político e ético. Desse modo, a seleção das lembranças feitas pelos participantes do grupo focal que embasa esta pesquisa não está neutra nesse processo. Observamos, em alguns momentos da interação que compõe o corpus desta pesquisa, um posicionamento ético daquele que está construindo a memória a partir de um enunciado, por exemplo, na postura de alguns participantes em preservar a moral e a integridade da biblioteca através da proibição de determinados comportamentos considerados antiéticos dos usuários em suas instalações.

Ocasionalmente, as memórias dos participantes do grupo focal são discursivizadas de forma naturalizada e, até mesmo, cristalizada, a partir de um determinado posicionamento ético ou político, o que, aparentemente, algumas vezes se passa de forma imperceptível ao(s) interlocutor(es), visto que são reproduções de um discurso institucional. Isso ocorre, por exemplo, nas elocuições em que os funcionários narram sobre como se dava a contratação de pessoal na UFRJ algumas décadas atrás (GF p. 120): “porque na época eles fecharam concurso público e no que fecharam eles precisavam de pessoas que iam se aposentando. Aí o que que acontece, o governo não tinha tanta despesa assim, tanta coisa, então montava uma verba para montar tal lugar aí você ficava e ia ficando” (turno 133). Observamos, nesse turno, que, provavelmente, trata-se de um discurso baseado na opinião do senso comum, com base em um determinado posicionamento ético e político no qual a despeito da falta de funcionários, a alternativa era contratar por verba, abdicando da forma de ingresso por concurso, o que era viável na ocasião visto que, segundo a participante, “o governo não tinha tanta despesa”. Podemos observar outro exemplo no turno 294 (GF p. 125), contexto de transferência da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha para a Cidade Universitária, “quando veio para cá foi um ato político, né? A ditadura que determinou a vinda, para isolar”. Neste sentido, Oliveira (2005; 2011) nos esclarece que, na história de construção da Cidade Universitária, prevalece a visão de que o regime militar pretendia enfraquecer o movimento estudantil ao isolar os estudantes e a própria universidade do centro da cidade e entre os prédios constituintes. No entanto, o autor

defende que os motivos que levaram à ideia de construção de uma cidade universitária antecedem, em pelo menos três décadas, a Ditadura Militar. Ele aponta que o desconhecimento da história, ocasionado, por exemplo, pela ausência de trabalhos ou por privilegiar certos aspectos da memória, pode fazer com que certos processos não sejam percebidos ou negligenciados. Reduzir a história da construção da cidade universitária ao período dos governos Militares, possivelmente, um discurso predominante na universidade, é desconsiderar aspectos fundamentais para o entendimento dos sentidos da mudança de parte da universidade para a Ilha do Fundão (OLIVEIRA, 2005; 2011).

Ainda em relação aos exemplos acima, os discursos sobre a contratação de pessoal por verba na biblioteca e sobre a transferência da Faculdade de Medicina para a Cidade Universitária devido à ditadura são representações cristalizadas da memória. No entanto, Gondar (2005, p. 23) afirma que “as representações não surgem subitamente no campo social, mas resultam de jogos de forças bastante complexos, envolvendo combinações e enfrentamentos que a todo tempo se alteram”. Desse modo, a autora aponta que a memória não é apenas um conjunto de representações, pois excede também a esfera irrepresentável, como gestos, práticas de si, modos de sentir e querer, ações políticas inovadoras, por exemplo. Nesse sentido, os discursos são ancorados com um grau de estabilidade de sentidos compartilhados no senso comum através dessa dimensão ética, política e institucional e relaciona-se ao contexto interacional que subjaz essa construção (GEE, 1999; RIBEIRO; PEREIRA, 2002).

Halbwachs tem um papel fundamental para o estabelecimento da memória como construção social. Discípulo de Émile Durkheim, Maurice Halbwachs diz, fundamentalmente que, para se lembrar, precisamos dos outros. Antes de sua obra “A memória coletiva”, Halbwachs já havia trabalhado com o conceito de “quadros sociais da memória”. Pensando na construção social da memória, o autor analisa que os indivíduos se lembram através de quadros de memória que o antecedem, existindo, assim, uma memória social além da individual. O autor, pautado na coesão social, trabalha com os quadros sociais da memória através da unificação de grupos que compartilham determinados sistemas de valores. A concepção de Halbwachs sobre a construção social da memória pressupõe que as lembranças sempre provêm de um

tempo, um local e de um compartilhamento por outras pessoas. Nesse sentido, podemos conceber que na projeção das lembranças estamos sempre em interação com uma rede de sentidos que organizam e projetam coerência na construção das memórias. Tais sentidos são atravessados pelas janelas éticas, políticas e institucionais durante a interação, momento em que várias memórias são negociadas e compartilhadas entre os interlocutores.

Uma instituição é um ambiente propício para a investigação de memórias e identidades através de narrativas, visto que as narrativas dos grupos que dela participam compõem uma expressão coletiva. Em vista disso, é comum, nessas narrativas, o compartilhamento de experiências, além de diferentes projeções dos participantes ao longo da interação.

A concepção de memória como uma construção é extremamente relevante para este estudo. A chave de nossa investigação pressupõe que a memória é construída através de narrativas, como será exposto na seção 2.1.3. O ato de narrar se dá através do modo como o narrador seleciona e organiza as suas experiências. Nesse sentido, o narrador constrói e atualiza as suas identidades no discurso. Logo, assim como a memória, as narrativas e as identidades também são construções sociais.

Segundo Pollak (1992) existem alguns elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva, tais como os acontecimentos, as pessoas ou personagens e os lugares. Os acontecimentos podem ser vividos pessoalmente ou o que o autor chama de “vividos por tabela”, ou seja, aqueles de que a pessoa nem sempre participou, mas tamanha é a sua importância para o grupo ou coletividade que a pessoa se sente pertencer que é como se ela tivesse participado desses acontecimentos. As pessoas ou personagens podem ser aquelas encontradas no decorrer da vida, aquelas conhecidas indiretamente, ou ainda, aquelas que não frequentaram o mesmo espaço e tempo da pessoa. Os lugares são aqueles ligados a uma lembrança, os chamados “lugares da memória”. Nesse contexto, tomamos a biblioteca como um lugar de memória devido às lembranças que esse espaço remete aos funcionários que participaram do grupo focal. Outras características também poderiam induzir-nos a tal classificação, como a importância do acervo bibliográfico que esta armazena, conforme, brevemente, mencionado no grupo focal. No entanto, como

um estudo aprofundado do acervo da biblioteca não é o objetivo deste trabalho, a observação da biblioteca como um lugar de memória deve-se às reflexões sobre esse lugar ser constantemente associado às lembranças dos funcionários em suas narrativas.

Paul Ricoeur (2007, p. 57) faz uma análise bem interessante e contemporânea que problematiza o pensamento de Nora (1993):

A transição da memória corporal para a memória dos lugares é assegurada por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se, e, acima de tudo, habitar. É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado lugares memoráveis. Assim, as coisas lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. É não é por acaso que dizemos, sobre alguma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos “lugares de memória”, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico. Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira de reminders, dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória que falha, uma luta na luta contra o esquecimento, até mesmo uma suplementação tácita da memória morta. Os lugares “permanecem” como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras.

As lembranças dos funcionários da Biblioteca Central do CCS estão associadas ao espaço da biblioteca. Na verdade, assim como Ricoeur afirmou, este é um lugar que funciona como um meio de recordação e apoio contra o esquecimento. É relevante observar que Ricoeur, através do conceito de “lugares de memória”, reafirma a importância do discurso no processo de construção da memória. Nesse caso, as lembranças transmitidas oralmente são os “meios de memória” na concepção de Nora (1993), corroborado por Ricoeur (2007).

Para Nora, fala-se de memória porque não há mais os “meios de memória”, os quais são passados no dia a dia, com a transmissão da tradição através da oralidade. Quando algo não está mais presente nos meios de memória, ou seja, no cotidiano, é levado a um local quase de adoração nostálgica ao tempo que passou. Para o desfecho da memória em seu jazigo, ou seja, no lugar de memória, existe, segundo o autor, uma relação necessária entre objeto, imagem e relato. Nessa relação triádica, os três se complementam ao valorizar a memória em si, celebrando, grosso modo, o seu próprio esquecimento.

Para Nora, hoje toda a memória está problematizada. Aquilo que, muitas vezes, chamamos de memória, na verdade, é história. O autor considera que a história é uma atividade escrita que organiza, reúne e sistematiza diferenças e hiatos da memória coletiva; esta, sendo primordialmente oral e afetiva, fragmenta-se numa pluralidade de narrativas.

Pierre Janet (apud LE GOFF, 2003) considera o comportamento narrativo como um ato mnemônico fundamental, devido a sua função social. Trata-se de comunicar a outrem uma informação, quando um acontecimento ou um objeto que constitui o seu motivo não existe mais.

Assim, através dos argumentos apresentados sobre os lugares de memória percebemos que, através da oralidade, especificamente em função das narrativas, uma instituição pode ser concebida como um lugar de memória. Para tanto, deve haver algo digno de lembrança que nos remeta a algum lugar. Nesse contexto, caberia à biblioteca cumprir esse papel. Destacamos, ainda, que os lugares de memória podem ser observados também através de imagens, sons, arquitetura, placas, odores ou documentos etc.

2.1.2 O conceito de identidades através do discurso

Halbwachs (2004) sugere que a memória é um elemento constitutivo da construção de identidades. Nesse sentido, Pollak (1992) nos esclarece que a memória é uma prática construtora de idéias de coerência e de continuidade tanto de um indivíduo como de um grupo na sua própria reconstrução. Complementando o conceito de Pollak (1992), utilizaremos, nesta pesquisa, o termo “configurações identitárias” para designar o termo “identidades”, pois como estamos trabalhando com projeções discursivas, acreditamos que as identidades são constantemente atualizadas na interação, configurando-se em um conceito altamente dinâmico. Pollak (1992) observa o anti-essencialismo deste conceito à medida que afirma que “memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p. 5).

Nosso pressuposto, neste estudo, é que as identidades são construídas e negociadas nas narrativas.

Desse modo, de acordo com Fabrício e Lopes (2002), as narrativas pessoais são consideradas verdadeiras performances de identidades. Elas se concretizam na relação dialógica entre o “eu” e o “outro”. Sendo assim, “nossa fabricação identitária é um processo intersubjetivo, dialógico e relacional, pois os efeitos de sentido criados estão sempre submetidos ao olhar do outro, sendo afetados pelo contexto emergente” (FABRÍCIO; LOPES, 2002, p. 17). Para os autores, os contextos institucionais são repletos de experiências de vida e, também, profissionais que fazem parte de uma trama identitária.

Fabrício e Lopes (2002) refletem sobre a inexistência de um princípio de identidade desvinculado de uma prática coletiva e de um determinado contexto social que lhe dê sentido (MARCONDES, 1997 apud FABRÍCIO; LOPES, 2002). Esses autores apoiam-se em teorias socioconstrucionistas do discurso e das identidades sociais e mostram que, à medida que novas possibilidades identitárias entram em ação no mundo contemporâneo, pressionando as identidades conhecidas a engajarem-se com a diferença, o entendimento dos processos identitários torna-se ainda mais complexo. Segundo esses autores, Foucault e Goffman trazem uma compreensão de como as narrativas na contemporaneidade constroem efeitos de sentido e de que forma elas colaboram no projeto identitário. Com base em Foucault (1979 apud FABRÍCIO; LOPES, 2002), como não é possível pensar a vida social ou identidades sociais de forma descontextualizada, ainda mais porque elas sempre estão atravessadas pelas relações de poder, não é possível pensar em identidade única e homogênea. Assim, a concepção do significado e da vida social de forma unidimensional, homogênea e única foram substituídos por parâmetros da heterogeneidade e da diferença, visto que a linguagem é imprevisível, indeterminada, cujos efeitos de poder nos constroem de formas variadas. As identidades sociais são construções de validade contingencial e definidas por regras que atuam na linguagem. Nesse sentido, Fabrício e Lopes (2002) afirmam que a aparente homogeneidade das identidades sociais é operacional.

Para Fabrício e Lopes (2002), com relação à construção das identidades sociais, o socioconstrucionismo aponta para um contínuo envolvimento no processo de auto-

construção e também na construção dos outros. Dessa forma, construímos o outro ao mesmo tempo em que o outro nos constrói, influenciados tanto sob o prisma da construção local como em relação a uma ordem social mais ampla e estável no discurso. Sendo seres sociais, estamos imersos constantemente no processo de vir a ser socialmente; isso significa que inexistem uma representação da essência de quem somos – como apontara Pollak (1992) e corroborado nos estudos de Fabrício e Lopes (2002).

Linde (2009) aponta que identidades e memória atuam como construção, ou seja, o passado não é algo inerte. As várias representações do passado são construídas no presente formadas para o futuro através de um trabalho contínuo realizado por indivíduos e coletividades.

A narrativa, de acordo com Linde (2009), é uma unidade discursiva que, além de apresentar acontecimentos passados, demonstra o que eles significam, ou seja, a significação moral e o valor destes eventos.² Assim, a apresentação do passado, juntamente com a sua significação, corresponde a um dos principais meios para propor e negociar identidades, tanto individual como coletiva. Observe, por exemplo, no segundo segmento apresentado na análise do corpus deste trabalho (capítulo 4) que, Jair³, ao ser indagado sobre como interpretava a frase “Ah... se essa biblioteca falasse”, se concentrou nos episódios ocorridos nas antigas cabines de estudo da biblioteca (turno 64): “eu já peguei situações. Situações indecentes, indecentes” (GF p. 119). Aqui Jair não se preocupa apenas em narrar as situações às quais ele descreve na sequência do segmento. Ele seleciona o adjetivo “indecente” atribuindo valor moral a “situações”. É relevante destacar que, neste caso, emerge a identidade de Jair como um guardião da moral na instituição. O verbo que Jair utiliza “peguei” sugere essa interpretação. Ele poderia ter falado “eu vi”, “eu presenciei” etc., se colocando como um mero observador. No entanto, ele se projeta discursivamente como um responsável por manter a ordem na biblioteca.

Para Goffman ([1959] 1975 apud FABRÍCIO; LOPES, 2002) quando estamos na presença dos outros, engajamo-nos em um processo de construção discursiva da auto

² O conceito de narrativas será abordado com mais detalhes na seção 2.1.3 deste trabalho.

³ Para maiores detalhes sobre os funcionários entrevistados consulte o quadro 1, disposto no capítulo 3.

imagem e de auto apresentação através de sinais verbais, não verbais e paralinguísticos. Tal processo é monitorado e interpretado pelos participantes da interação, adquirindo contornos dramáticos, pois é como se fosse uma performance feita para uma platéia (GOFFMAN, 1974).

Nesse sentido, de acordo com Linde (2009), as pessoas moldam as suas próprias identidades, as quais são representadas nas suas narrativas e, nem que seja parcialmente, nas narrativas das outras pessoas que pertencem às instituições das quais elas fazem parte. Vejamos nas elocuições a seguir, como Bianca, auxiliar administrativa que trabalha na biblioteca há muitos anos, ao falar sobre a importância da biblioteca na sua vida, molda as suas configurações identitárias e de sua filha (turno 473): “Teve tanta influência [a biblioteca] que a minha filha agora está fazendo vestibular para biblioteconomia e quer trabalhar aqui né” (GF p. 132). Nesta elocução Bianca se alinha como uma “mãe participante” na vida de sua filha, de forma que conhece os seus desejos acadêmicos e profissionais. O fato da filha de Bianca ter escolhido o mesmo local de trabalho de sua mãe para, futuramente, ali trabalhar sugere cumplicidade entre ambas, principalmente devido à escolha ter sido realizada a partir das frequentes visitas de sua filha à biblioteca, conforme elocução a seguir (turno 468): “... Porque quando eu vim pra cá minha filha tinha-tava com 11 meses, então ela... é... (6.0) ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes aí correndo”. Quando tinha... tinha alguma coisa... é, algum evento né, aqui... ela gostava muito de vim pra cá, né” (GF p. 132). Em ambas as elocuições apresentadas acima, Bianca também molda as configurações identitárias de sua filha, por exemplo, como uma filha dedicada e estudiosa que está sempre próxima a sua mãe.

2.1.3 Narrativas: definição e abordagens

Pretende-se aqui trazer algumas considerações sobre as narrativas a partir de uma visão mais contemporânea deste tema. Sabemos que Walter Benjamin fala sobre a morte da narrativa em consequência da extinção do dom de narrar. Atualmente, ao contrário do que pensava Benjamin, percebemos que a arte de narrar está em

ascensão, sendo explorada em vários estudos no campo científico, conforme afirma Bourdieu (2001). No entanto, Benjamim (1985) já chamava atenção para a atuação dos narradores experientes, cujas narrativas sempre apresentavam um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida. Nesse sentido, Benjamin observa que o processo de assimilação das narrativas exige um grau de distensão que se dá em camadas muito profundas. Esquecendo de si mesmo, o ouvinte grava o que está sendo ouvido. Considera, assim, a forma de trabalho manual como um dos grandes colaboradores para a arte de narrar. A narrativa, neste caso, seria uma forma artesanal de comunicação. O narrador não se preocupa em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como um relatório ou uma informação. A narrativa é capaz de mergulhar uma coisa na vida do narrador e em, sequência, retirá-la dela. Para Benjamin, como a mão do oleiro na argila do vaso, assim se imprime a narrativa na mão do narrador.

Segundo Bourdieu (2001), ao falar de uma história de vida, deve-se pressupor que “vida é uma história”. Considera-se, assim, o narrador como o ideólogo de sua própria vida, o qual seleciona, de acordo com uma intenção determinados acontecimentos significativos e estabelece conexões entre eles, dando-lhes coerência. O ouvinte possui certa cumplicidade com o narrador, sendo levado a aceitar uma criação artificial de sentido. Dessa forma, podemos observar que a narrativa é construída de acordo com as relações sociais e para atender um propósito estabelecido no presente. Assim, a seleção, organização e significado dos eventos são conduzidos para uma audiência particular. Segundo Reissman (2008), uma estória que ocorre naturalmente na conversação recebe um tratamento diferente daquelas encorajadas em situações de entrevistas; por isso, é importante sempre considerar o contexto de produção das narrativas.

De acordo com Bastos (2005) as histórias contadas em situação de entrevista de pesquisa podem contribuir para entendermos o sentido que cada indivíduo faz de si mesmo, do mundo que o cerca e de suas experiências nesse mundo. Nesse sentido, observa-se o aumento pelo interesse acadêmico pelas histórias de vida contadas em situação de entrevista em várias áreas do campo científico, principalmente nas ciências humanas e sociais, fenômeno denominado de “virada narrativa”.

Ricoeur (2007) afirma que no profundo plano das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição de identidade por meio da narrativa. Os recursos oferecidos pelo trabalho de configuração da narrativa possibilitam a ideologização da memória. Os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada. Tal recurso pode modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo em que os contornos da própria ação. Hannah Arendt (apud RICOEUR, 2007) nos lembra de que a narrativa diz o “quem da ação”. Nesse sentido, Riessman (2008) inicia o seu livro criticando um modelo padrão para narrar. Com base na autora e através da perspectiva interacional, da qual lançamos mão, podemos afirmar que não existe uma ordem correta ou errada para narrar, pois a narrativa é construída ao longo da interação. Assim, é importante verificar na construção das narrativas o que se passa no “aqui” e “agora”, através dos questionamentos sobre quando, onde, como, para quem e com que objetivo eu conto uma estória, ou seja, suas condições de produção circunscrevem o ato de narrar.

Segundo Riessman (2008), apesar do termo narrativa ser utilizado por várias disciplinas com diferentes significados, frequentemente, este termo é considerado como sinônimo de estória. As narrativas se apresentam em todas as idades e em todos os lugares. Consideramos, neste estudo, que a narrativa pode se referir a uma estória de vida, conforme afirma Reissman (2008). A noção de estória de vida é definida por Linde (1993) como uma unidade social, oral e descontínua sujeita a revisões e mudanças.

Riessman (2008) aponta as funções das narrativas tanto para indivíduos como para grupos. Segundo a autora, os indivíduos utilizam a narrativa ao lembrar, argumentar, entreter, persuadir etc., e, algumas vezes, como forma de induzir a sua audiência. Já os grupos podem utilizar as suas narrativas para mobilizar e fomentar um sentimento de pertencimento. Riessman descreve outras funções das narrativas. Em suma, elas representam o poder e a força da narrativa como instrumento capaz de persuadir, convencer e comover uma audiência.

Um dos principais pressupostos desse trabalho é considerar que as narrativas, as memórias e as identidades são constructos sociais realizados na interação. E, como construção, podemos afirmar que, além de contemplar os processos relacionais e intersubjetivos, a interação também é construída pela audiência, a qual influencia em

todo esse processo. A concepção da audiência como co-autora no processo de interação se dá à medida que consideramos que as narrativas são construídas para e, também, pela audiência. A audiência participa do processo interacional compartilhando experiências, pedindo esclarecimentos, organizando e orientando as falas, que são conduzidas de acordo com a audiência em questão. Além disso, as convenções culturais e estratégias interpretativas são revistas constantemente pelos participantes ao longo da interação. Segundo Fabrício (2002), com base em seu conhecimento de mundo, os falantes “criam expectativas e elaboram hipóteses quanto ao jogo interacional, confirmando-as, redefinindo-as ou abandonando-as à medida que o discurso se desenvolve”. (FABRÍCIO, 2002, p. 78)

As pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que utilizam narrativas se ancoram em diferentes tradições no âmbito da Linguística, as quais são representadas pela visão mais estrutural e pela visão da narrativa como uma prática social.

Bastos (2005) afirma que Labov e Waletzky introduziram em 1967 o estudo da narrativa na sociolinguística. Para os autores, a narrativa é “[...] um método de recapitulação de experiências através da combinação de uma sequência verbal de sentenças com a sequência de eventos que (infe-re-se) ocorreram de fato” (LABOV; WALETZKY, 1967 apud BASTOS, 2005, p. 75). Nesse caso, a narrativa é estruturada numa sequência temporal, tem um ponto e é contável. O ponto é motivo pelo qual a narrativa está sendo contada, ou seja, é a razão de ser da narrativa. Para a narrativa ser digna de ser contada, ela precisa trazer algo de novo, fazer alguma referência a algo extraordinário, capaz de atrair a atenção e o interesse do interlocutor. Porém, segundo Labov (1997 apud BASTOS, 2005), se a narrativa fizer referência a algum elemento extremamente extraordinário, poderá perder a credibilidade. Então se recomenda que se ofereçam evidências de credibilidade ao que está sendo reportado. A abordagem estruturalista de Labov e Waletzky traz componentes optativos e obrigatórios. Apesar de não ser obrigatório, é muito comum que as narrativas se iniciem com enunciados que as sumerizem: o resumo. Pode haver também uma seção de orientação que contextualiza o evento a ser contado, podendo indicar lugar, tempo, pessoas, e circunstâncias. Temos, ainda, a estória propriamente dita, através de uma sequência de enunciados temporalmente ordenados. Estas sequências são

denominadas de ação complicadora e, segundo Labov, é o único componente obrigatório da narrativa. Pode ocorrer uma etapa de finalização, chamada resolução. Segundo Bastos, o elemento mais complexo e mais fascinante da estrutura narrativa é a avaliação, que traz informações sobre a carga dramática ou clima emocional da narrativa, também usada para indicar o seu ponto. A avaliação pode ser externa ou explícita, quando o narrador suspende o fluxo da narrativa para expressar algum comentário pessoal sobre o evento. Por exemplo, na seguinte elocução: “Em época de prova, você não tinha lugar para sentar. Era aluno sentado no chão, procurando por cadeira. E tinha ar condicionado. **Era bem legal**” (turno 341, GF p. 127); encaixada ou implícita, quando o narrador comunica se os eventos foram tristes, perigosos, divertidos etc., sem interromper o fluxo narrativo, como na elocução “Você não pode tapar o sol com a peneira e dizer que tudo foi bom” (turno 7, GF p. 117). Existem, ainda, formas intermediárias de avaliação, as quais se encontram entre a avaliação externa e a avaliação encaixada, como a técnica de introduzir falas relatadas próprias ou de outras pessoas avaliando o narrador, a exemplo da elocução: “... por ser da área da saúde você vai ao médico “aí que saudade, que saudade da época, fulano ainda tá lá, trabalha lá. Puxa que legal...”” (turno 2, GF p. 117). Segundo Labov, este tipo de avaliação é bastante sofisticado, utilizado apenas por narradores experientes. Para marcar a finalização da narrativa, pode ser utilizada a coda, que também pode ter caráter avaliativo através de comentários sobre como foi um evento ou sobre como ele deveria ter sido.

Apesar da importância do trabalho de Labov para a introdução das pesquisas em narrativa nos estudos linguísticos, as críticas à abordagem laboviana têm sido inúmeras. Duas das críticas mais relevantes para o presente estudo referem-se ao tratamento da narrativa como uma estrutura autônoma e descontextualizada (SCHEGLOFF, 1997) e ao fato da relação entre o evento passado, memória e narrativa não serem problematizados (MISHLER, 2002). Contudo, o modelo laboviano pode ser bastante útil e, em interface com teorias sociais de natureza mais abrangente, continua sendo utilizado em pesquisas na área das Ciências Humanas (BASTOS, 2005).

Neste estudo utilizaremos a abordagem estrutural de forma secundária, focando no elemento avaliação. Beneficiaremos-nos, prioritariamente, da visão da narrativa

como uma prática social, sendo influenciada pela situação local e por uma ordem social mais ampla (BASTOS, 2005). Esta tem se mostrado uma opção teórico-metodológica produtiva nos campos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (BASTOS, 2005, PINTO, 2001; 2011, SCHIFFRIN, 1996, LINDE 1993, entre outros). Assim, é possível compreender, a partir das narrativas, quem somos bem como a dinâmica de nossa vida social. Nesse sentido, propomos a investigação das memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais através das narrativas de experiências pessoais. Presume-se que tais narrativas são frutos das experiências vividas pelos participantes.

2.1.3.1 *A abordagem sociointeracional*

Nos estudos de Labov as narrativas eram produzidas a partir de entrevistas sociolinguísticas em que a presença do pesquisador deveria ser neutralizada para que o entrevistado produzisse uma variante linguística mais espontânea. Segundo Bastos (2005), tal estrutura tem recebido muitas críticas, pois negligencia a concepção de que as narrativas são construídas na interação e tanto falante como ouvinte influenciam neste processo. Numa conversa espontânea o narrador, geralmente, precisa conquistar o espaço e a atenção do ouvinte para contar as suas histórias, cabendo ao ouvinte permitir que a história seja contada. Trata-se, assim, da dinâmica conversacional preconizada pela a Análise da Conversação, área introduzida por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Bastos relata que muitos autores incorporam essa visão interacional à perspectiva estruturalista. Assim, a entrevista seria considerada como um evento da fala, como tantos outros existentes na vida social.

Com base nos estudos de Richard Bauman (1986 apud BASTOS, 2005), Bastos afirma que o contexto cultural através de diversos padrões sociais orienta a produção e a interpretação de narrativas, que também atuam na manutenção desses mesmos padrões.

No que diz respeito a como se relacionam experiência e relato, na abordagem interacional, as narrativas não são consideradas como representações fiéis dos

acontecimentos do passado. As experiências são co-construídas durante a narrativa, sendo consideradas recontagens seletivas e contextualizadas das nossas lembranças.

Desse modo, durante uma narrativa, fazemos uma série de escolhas ao introduzir determinados cenários, personagens ou ações. Assim, conforme Schiffrin (2000 apud BASTOS, 2005, p. 81), ao criarmos esse “universo narrativo” estamos mostrando quem somos, mesmo que em algumas dimensões. A forma como contamos uma estória ou o seu conteúdo está, de certa forma, impregnado de identidades. Nesse sentido, Bastos faz uma observação bem interessante: “Se compreendemos identidade como uma construção social, que envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos, o relato de narrativas revela-se um lócus especialmente propício a essa exposição” (BASTOS, 2005, p.81).

Quando falamos, podemos utilizar vários recursos “poéticos” ou estratégias de envolvimento. Tais recursos estão mais presentes nos discursos de alguns falantes do que de outros. Tannen (1989) afirma que quando o falante emprega com maior frequência tais estratégias ele está utilizando o que a autora denomina de estilo conversacional de alto envolvimento. De acordo com a autora, as estratégias de envolvimento refletem e criam simultaneamente o envolvimento interpessoal. O envolvimento na interação implica que tanto falante como ouvinte respondam ativamente o que é transparecido na interação, através de sinais de envolvimento, seja diretamente através de palavras ou indiretamente através de gestos ou sinais não verbais. Gumperz (1982), afirma que o envolvimento conversacional é a base para todo o entendimento linguístico. No entanto, é necessário que as especificidades da língua e do conhecimento sócio-cultural sejam compartilhadas. Assim, segundo Gumperz, para que o envolvimento conversacional seja bem sucedido é necessário que ocorra o processo de inferência conversacional, que é a habilidade de inferir o significado das elocuições dos outros participantes e as suas expectativas na interação. As estratégias de envolvimento são constantemente empregadas pelos sujeitos desta pesquisa e, por isso, serão exploradas na análise dos dados. No entanto, para efeitos de ilustração, exemplificamos com uma elocução em que Geovana narra que foi convidada para organizar o acervo de uma biblioteca departamental, onde os livros estavam organizados por cor e tamanho. Ela os organizou por classificação e o diretor do

departamento achou que o modo em que estavam organizados antes, todos da mesma cor e tamanho, era mais adequado e a repreendeu, conforme a elocução: “Então ele veio aqui e reclamou, né, Juca? Eu acho que eu comentei com você...” (GF p. 124). Em seguida, ela convida Juca para a narrativa dirigindo-lhe indiretamente uma pergunta “né, Juca?”, o que, na verdade, pode ser interpretado como um pedido de confirmação, o que possivelmente proporciona maior credibilidade e envolvimento ao evento narrado. Geovana conta para o grupo no turno 269 que o evento narrado foi compartilhado, mesmo indiretamente, pois Juca não estava presente durante o episódio, mas conhecia o evento. A indiretividade, segundo Tannen (1989), também é uma maneira de preencher os espaços vazios no discurso.

Dentro da perspectiva interacional temos a abordagem performática/dialógica e a abordagem experiencial. De acordo com Riessman (2008), na abordagem performática, o investigador observa como falantes e ouvintes estão interativamente produzindo as narrativas. Nesse caso, o investigador também é um participante da interação e influencia no processo de construção das narrativas; por isso ele também deve ser considerado no processo de análise. Minayo (2002) admite que a neutralidade em uma investigação científica é um mito. Além disso, Lévi Strauss (1975 apud MINAYO, 2002, p. 14) também afirma que “numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”. Assim, a base desta análise parte do pressuposto de que as diferentes circunstâncias sociais influenciam a produção e a interpretação das narrativas. O próprio pesquisador não é um agente neutro em todo este processo. Nessa abordagem, o investigador observa para quem uma locução está sendo dirigida, quando, porque e quais são os propósitos comunicativos das diferentes elocuições.

Segundo Riessman, essa abordagem é uma extensão da tradição teórica que enfatiza a importância da interação, incluindo a teoria do Interacionismo Simbólico (GOFFMAN, 1967) e alguns aspectos da Análise da Conversação. Ambas as tradições, através de diferentes caminhos, compartilham o interesse em compreender como a realidade social é construída através da interação, geralmente através de conversas informais, apesar dos gestos e outros aspectos não verbais da conversação serem muitas vezes considerados (RIESSMAN, 2008). A Análise da Conversação, de acordo

com Pinto (1995), é uma subdisciplina da Sociologia que demonstrou, através de extensa pesquisa (SCHEGLOFF E SACKS, 1973; SCHEGLOFF, 1982; MARCUSCHI, 1986 apud PINTO 1995), a existência de regras universais que subjazem a conversa - o gênero mais simples da interação humana. Estes analistas estudaram as características organizacionais da conversa tais como a organização de turnos, as sequências e os marcadores conversacionais. O princípio básico da Análise da Conversação demonstra que a conversa se funda na produção conjunta entre os participantes (MARCUSCHI, 1986), o que caracteriza a conversação como uma atividade de co-produção discursiva. Já a partir do Interacionismo Simbólico (GOFFMAN, 1967), podemos inferir que a arte de contar histórias é uma ação coletiva na qual as identidades são construídas localmente no discurso, e, portanto, são situadas e resultantes do mútuo monitoramento entre os participantes de uma interação. A abordagem performática, ao adotar a concepção do Interacionismo Simbólico, que destaca que as ações sociais são caracterizadas por uma orientação imediatamente recíproca, sugere que um método utilizado por narradores experientes é dar imediaticidade aos acontecimentos do passado, ou seja, as ações do passado aparecem como se estivessem acontecendo no presente. Assim, passado e presente se fundem.

Riessman (2008) aponta estratégias utilizadas no modelo performático, no qual a performance do(a) entrevistador(a), no caso deste estudo, da analista, está atrelada à visão que os demais participantes da interação tenham em relação a ele/ela. No caso desta pesquisa, as pesquisadoras também estão sujeitas à análise, visto que ambas participaram do grupo focal e, no meu caso, além de pesquisadora-participante, sou funcionária da instituição.

Com relação à abordagem experiencial, Mishler (2002) descreve vários exemplos que apontam para a inadequação do modelo tempo/relógio, ou seja, quando a sequência de elocuições que integram uma narrativa é tomada como correspondentes da sequência de ações que de fato ocorreram, preconizado pela abordagem estrutural. De acordo com o autor, em pesquisas sobre narrativas pessoais e construção de identidades não é possível admitir que um evento ocorreu de fato, muito menos admitir a possibilidade de representá-lo fielmente, pois em tais pesquisas, assim como neste

estudo, parte-se da visão das narrativas como construções sociais. Mishler (2002) apresenta uma frase de Ricoeur (2010) na qual o autor afirma que, no estabelecimento de um enredo, prevalece o âmbito da memória em detrimento da ordem temporal. As investigações de Mishler baseiam-se, fundamentalmente, na visão do sujeito fragmentado, cujo trajeto é repleto de desvios e hiatos. Assim como as experiências humanas são, muitas vezes, marcadas por pontos de virada, que levam a uma re-historização do passado e à adoção de uma nova identidade, faz-se necessária à adoção de novas teorias e métodos capazes de dar conta da reconfiguração do enredo das experiências passadas. Desse modo, Mishler propõe o modelo narrativo/experiencial em vez do relógio/cronológico.

A abordagem experiencial trabalha com a visão de que “nós nos movemos para trás e para frente, entre nossos entendimentos do todo e de suas partes, engajando-nos em uma reciclagem repetitiva de movimentos interpretativos [...]”. (MISHLER, 2002, p. 116). Assim, a narrativa deve ir além de uma coisa após a outra, pois ela é muito mais profunda e abrangente. Mishler trabalha com a perspectiva que dá ênfase ao final da estória, pois, segundo ele, o final da estória nos habilita a compreender o sentido da própria estória.

Para o autor o passado é constantemente reenquadrado por nós. Os significados dos eventos e experiências são reconstruídos de acordo com os contextos de nossas vidas correntes. Sendo assim, as pesquisas relacionadas a narrativas e identidades, a exemplo do presente trabalho, devem propor novas perguntas, métodos e conceitos para estudar cada vida em seu contexto. Em tais pesquisas, o autor nos orienta a observar, especialmente, as funções psicológicas, culturais e sociais que norteiam a interação. O motivo pelo qual a história é contada, em um determinado cenário, como o narrador seleciona e organiza experiências e acontecimentos devem fazer parte da questão central da pesquisa. O problema é como se irá interpretar tal material. Relacionada a esta questão, a análise do discurso na vertente da Sociolinguística Interacional nos fornecerá os principais subsídios para analisar as narrativas que irão compor o corpus deste estudo.

De acordo com Fabrício (2002), a perspectiva relacionada à multiplicidade do significado e à valorização do contexto no uso da linguagem para a compreensão

desses significados deu origem a metodologias de análise do discurso em campos do conhecimento como a sociologia, a psicologia e a linguística. Isso possibilitou reflexões sobre linguagem, cultura e sociedade e suas interseções; e sobre a linguagem como comunicação e nos processos de formação de identidades em diferentes contextos. Nesse sentido, coube, segundo a autora, à área dos estudos linguísticos, a tarefa de elaborar uma análise mais complexa e sofisticada do discurso. Assim, a Sociolinguística Interacional, por exemplo, reflete sobre a linguagem em uso tanto no nível micro da ordem interacional, como no nível macro da ordem social. No entanto, segundo Fabrício (2002), a Sociolinguística Interacional vem sendo questionada visto que, algumas vezes, considera secundariamente as articulações entre as ordens interacional e social/institucional, além dos aspectos políticos de poder e ideologia, focando, sobretudo, na descrição, explicitação e interpretação da linguagem e da comunicação. Desse modo, não encaminha “um questionamento mais profundo sobre o sentido das normas e convenções do discurso e a que interesses elas servem” (MARCONDES, 1992 apud FABRÍCIO, 2002, p. 89). Nesse sentido, a autora exemplifica com Gumperz (1982), o qual propõe encaminhar esse tipo de trabalho. Entretanto, ao analisar seus dados, não ressaltava os aspectos ideológicos e as relações de poder presentes no discurso. Após a contemplação desse ângulo, nossos esforços serão no sentido da realização de uma análise micro e macro contextual, visto a importância de tal dimensão para a compreensão da linguagem em uso, inserida não apenas no contexto de interação, como também no contexto “de valores e normas, papéis e instituições, regras e convenções estabelecidos socialmente” (MARCONDES, 1992, p. 30 apud FABRÍCIO, 2002, p. 89). Tais elementos são variáveis de acordo com as condições sócio-históricas que os constituem e em correspondência com interesses daqueles envolvidos no seu processo de constituição.

3 APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

Apresentaremos, nesse capítulo, o aporte teórico e metodológico que subsidia a análise dos dados. Assim, apontaremos o conceito de interação/discurso que sustenta este trabalho, o qual é preconizado pela análise do discurso da vertente da Sociolinguística Interacional. Desse modo, discutiremos, inicialmente, os fundamentos da Sociolinguística Interacional, sobretudo os conceitos de Goffman sobre a situação social (1964) engendrada na interação, o conceito enquadre (1974) e footing (1979). Em seguida, apresentaremos o conceito de Gumperz (1982) de convenções ou pistas de contextualização. Por fim, apresentaremos a opção metodológica adotada e o corpus desta pesquisa.

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

O objetivo desta seção é apresentar alguns fundamentos da abordagem da Sociolinguística Interacional visto que essa é a ferramenta metodológica que nos auxiliará na investigação sobre a construção das memórias e configurações identitárias nas narrativas dos funcionários da Biblioteca Central do CCS. Assim, nos basearemos nos fundamentos da Sociolinguística Interacional, partindo do questionamento proposto por Ribeiro e Garcez (2002) na apresentação do livro “Sociolinguística Interacional”: “O que está acontecendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem?” Segundo esses autores, essa é a pergunta que se fazem os sociolinguistas interpretativos, os quais, em geral, alinham-se aos estudos propostos por Goffman (1964; 1979) e Gumperz (1982). Nesse estudo, as investigações propostas estão centradas nas narrativas de experiências pessoais, com base nas perguntas: como os funcionários co-constroem as suas memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais? Quais projeções discursivas são projetadas, ratificadas e modificadas ao longo da interação? Como se dá a relação entre os discursos localmente construídos e os contextos macro estruturais que os permeiam? Em que medida é possível um diálogo entre as narrativas, memórias e identidades através da linguagem? Em resumo, nossa

investigação está focada em compreender o que está acontecendo aqui e agora na interação, além dos processos de natureza macro contextual que atravessam esses estudos.

A proposta da Sociolinguística Interacional é considerar cada um dos “pequenos momentos da interação face a face como cenários de construção do significado social e da experiência, passíveis de análise e de interesse sociológico e linguístico” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 7). A preocupação, neste caso, é analisar uma comunicação situada na interação face a face. Assim, o discurso, na Sociolinguística Interacional, seria uma co-produção conjunta dos participantes durante essa interação, sendo, portanto, o resultado de um esforço conjunto entre os participantes. Observaremos na análise dos dados que a co-construção das narrativas, memórias e configurações identitárias é uma característica marcante no grupo focal entre os funcionários da biblioteca. Os participantes constroem e orientam o discurso em construção, seja compartilhando suas memórias e pedindo orientações ou moldando o discurso em construção visto que esse é conduzido de acordo com a audiência. Assim, Marcurschi (1986), ao discutir o conceito de interação conversacional, demonstra que a conversa “não se funda exclusivamente na produção individual de cada falante, mas na produção conjunta” (MARCUSCHI, 1986, p. 84), levando-nos a considerar a conversação como uma atividade de co-produção discursiva. Neste sentido, de acordo com Pinto, “poder-se-ia localizar aqui o surgimento da concepção de discurso tomada pela Sociolinguística Interacional enquanto o resultado de um esforço conjunto de seus participantes” (PINTO, 1995, p. 14). Na Sociolinguística Interacional a compreensão do discurso é permeada pelo processo inferencial em todos os momentos de sua realização e não pode ser visto exclusivamente do ponto de vista do falante ou do ouvinte. De acordo com Marcuschi (1986), é na forma como os interlocutores interagem que encontramos a melhor fonte para análise do processo de compreensão da interação. Isso torna o processo co-inferencial, visto que é produzido conjuntamente entre os participantes, central na interação. Além disso, Pinto (1995) observa que a compreensão do discurso é essencialmente “um processo de recuperação de informações guardadas em nossa memória que são ativadas e relacionadas ao discurso do qual estamos participando” (PINTO, 1995, p. 15). Nesse sentido, podemos considerar que essa ativação pode se

dar através do compartilhamento de experiências, processo de rememoração que é construído coletivamente. De acordo com a autora, o discurso é um processo em que encaixamos o que nos é dito naquilo que já conhecemos, visto que em nossa comunicação estamos constantemente evocando situações discursivas anteriores, ao mesmo tempo em que nos remetemos ao conhecimento de mundo que possuímos. Dessa forma, podemos considerar que essa remissão reflete a visão institucional e sócio-histórica que ancora o discurso.

Segundo Ribeiro e Garcez (2002), a Sociolinguística Interacional está fortemente ancorada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa e estuda o uso da língua na interação social. Apesar das conversas do dia-a-dia representarem o dado mais comum deste tipo de abordagem, outros gêneros discursivos também são muito utilizados, a exemplo da entrevista psiquiátrica e a entrevista de pesquisa⁴.

Apresentaremos algumas perspectivas de Goffman (1964), o qual direciona o seu olhar para o estudo da situação social, fator que fora negligenciado em investigações sociolinguísticas até a década de 70. Goffman afirma que a interação é resultado da co-construção entre os participantes. Assim falante e ouvinte possuem papéis fundamentais na interação face a face. Através desta perspectiva, este autor introduz o conceito de footing e seus desdobramentos. Em seguida, analisaremos o conceito de Gumperz (1982) de convenções de contextualização que, segundo o autor, são pistas utilizadas pelos participantes da interação para sinalizar os seus propósitos comunicativos e inferir sentidos aos mesmos.

⁴ Ver alguns exemplos nos seguintes estudos: PINTO, Diana de Souza. A percepção da loucura: análise do discurso de pacientes internadas numa Instituição Psiquiátrica. 1995. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995; PINTO, Diana de Souza. Análise do discurso, o uso de imagens e o campo da saúde: aspectos teórico-metodológicos. **RECIIS**. Revista eletrônica de comunicação, informação e inovação em saúde (Edição em português. Online), Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jun. 2011; RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001; SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. **Language in Society**, v.25, n. 2, p.167-203, 1996; GRINGS, Luciana. **Construções identitárias em narrativas de descendentes de imigrantes: genealogia e memória**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007; CRETTON, AnaMaria. **Folclore, Cultura Popular e Educação: Discursos e Memórias em Práticas Comunicativas Institucionais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

3.1.1 A Situação Negligenciada

Segundo Goffman (1964), os traços verbais de um discurso que podem facilmente ser transcritos têm sido enfocados há bastante tempo. Porém, são as peças intrincadas da fala que vêm recebendo uma crescente atenção. Aspectos como: com quem estamos falando, como, onde ou em que situação devem ser considerados durante uma interação. Assim, o autor alerta-nos para um fator que foi durante algum tempo negligenciado por pesquisadores, que é a situação social engendrada na comunicação face a face.

Ele define situação social como “[...] um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos uns dos outros que estão “presentes”, e para quem os outros são acessíveis de forma semelhante.” (GOFFMAN, 1964, p. 17). Considerando essa definição, a situação social pode emergir em qualquer momento, sendo necessário que dois ou mais indivíduos estejam perceptíveis uns aos outros para quaisquer sentidos: visão, audição e olfato. O comportamento daqueles presentes na situação é conduzido de acordo com regras culturais, as quais estabelecem como os indivíduos devem se conduzir em virtude de estarem co-produzindo uma situação social.

Existem algumas situações sociais que pressupõem uma maior estruturação de conduta do que outras, embora todas as combinações sociais pressuponham limites e organização. Nesse sentido, os empreendimentos em orientação conjunta podem ser chamados comprometimento de face ou encontros. No encontro social, a fala é socialmente organizada, tanto em termos de quem fala, para quem e em que língua, como também através de um sistema de ações face a face que são ratificadas mutuamente e governadas ritualmente. Os gestos trabalham no sentido de propiciar e policiar os estados de fala e manter esses pequenos sistemas de atividade em funcionamento (GOFFMAN, 1964).

Logo, para Goffman (op. cit.), em um nível de análise, o estudo de turnos da fala e do que foi dito durante o turno de alguém fazem parte do estudo da interação face a face. Tais estudos são importantes para esta pesquisa à medida que acreditamos que os significados das narrativas de experiências pessoais dos funcionários da biblioteca

são construídos ao longo da interação. Assim, a observação das pistas verbais e não verbais é fundamental para analisarmos como as memórias e configurações identitárias dos funcionários são construídas nas narrativas selecionadas já que podem ser utilizadas pelos participantes para sinalizar e inferir propósitos comunicativos. Além disso, também é importante observar as diversas possibilidades de projeção discursiva dos participantes durante a interação. Desse modo, o conceito de footing e de convenções de contextualização, os quais serão abordados nas próximas seções, serão alguns dos recursos que utilizaremos neste processo.

3.1.2 Footing

Introduzido por Gregory Bateson em 1972 e desenvolvido por Erving Goffman em 1974, o termo enquadre “[...] situa a metagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou o que fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito” (GOFFMAN, 1979, p. 107). Em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres, que organizam e orientam o discurso em relação à situação interacional. Posteriormente, em 1979, como um desdobramento do conceito de enquadre no discurso, Goffman introduziu o conceito de footing, passando a caracterizar o aspecto dinâmico do enquadre. O “footing representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio ou com o discurso em construção” (GOFFMAN, 1979, p. 107). São sinalizados através do modo como os participantes gerenciam a produção e a recepção das elocuições. Podem indicar aspectos pessoais e sociais. Durante a interação os footings são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), sustentados e modificados. Tais mudanças são inerentes à fala natural e implicam, segundo Goffman, uma mudança no alinhamento que assumimos para nós e para os outros presentes, expressando o modo como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução.

Observe, por exemplo, um segmento do grupo focal ⁵:

- 467 Grasi e você Bianca, tem alguma coisa pra falar, como é que foi?
 468 Bianca é... como Jair, lara, também tenho 17 anos aqui, também concursada de 92 e... a biblioteca teve assim certa influência é... forte, né? Porque quando eu vim pra cá minha
 [choro]
 filha tinha-tava com 11 meses, então ela..., e... (6.0) ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes, aí correndo. Quando tinha... tinha alguma coisa... é, algum evento né, aqui... ela gostava
 [vários participantes com lágrimas nos olhos]
 muito de vim pra cá, né-

A funcionária Bianca, ao responder a pergunta que lhe fiz sobre a importância da biblioteca para a sua vida, ratifica o enquadre entrevista, se alinha como funcionária e narra alguns episódios relativos ao seu ingresso na função (turno 468): “é... como Jair, lara, também tenho 17 anos aqui, também concursada de 92 e...” (GF p. 132). Em seguida evidencia a influência da biblioteca na sua vida pessoal relatando que ela está na biblioteca desde que a sua filha era um bebê (turno 468) “a biblioteca teve assim certa influência é... forte, né? Porque quando eu vim pra cá minha filha tinha-tava com 11 meses...” (GF p. 132). Nesta elocução, Bianca reenquadra a interação propondo um enquadre familiar, no qual se alinha como mãe. O choro do turno 468 no remete a um enquadre mais emotivo e envolve de forma bastante evidente os demais participantes que não conseguem conter as suas lágrimas. Os conceitos de Goffman (1974; 1979) são fundamentais para este estudo, principalmente em relação à mudança de alinhamento, assunto que será aprofundado na próxima seção desta pesquisa.

Ribeiro e Garcez (op. cit.) afirmam, com base em Goffman, que as identidades sociais e linguísticas dos participantes afetam de forma sutil, mas de modo definitivo, a ação em curso em uma situação de interação face a face.

Goffman (1979) destaca que, tomando a elocução como ponto de partida para a investigação, as nossas noções consensuais de ouvinte e falante são rudimentares. Em relação ao ouvinte, por esconder uma complexa diferenciação de posições de participação, e, em relação ao falante, por encobrir questões complexas de formato de produção.

⁵ A lista de símbolos utilizados na transcrição e seus respectivos significados estão descritos no ANEXO A – Convenções de Transcrição.

Quanto à figura do ouvinte, Goffman (op. cit.) apresenta a interação entre três ou mais participantes oficiais. Segundo o autor, na fala com dois participantes, o ouvinte ratificado é o endereçado. Quando se encontram três ou mais participantes oficiais, o falante do momento poderá dirigir as suas observações para o círculo como um todo, abarcando todos os ouvintes. No entanto, provavelmente, o falante endereçará as suas observações, pelo menos durante alguns momentos, a um ouvinte em especial. Neste caso, existem entre os ouvintes oficiais, os interlocutores endereçados e os não-endereçados. Essa distinção é obtida, frequentemente, através apenas de pistas visuais. Goffman considera que numa conversa amigável a relação entre falante e interlocutor endereçado ou interlocutor(es) não-endereçado(s) deve ser equilibrada. No caso das narrativas que integram o grupo focal realizado neste estudo, observamos que nós, pesquisadoras, na maioria das vezes, fomos as ouvintes endereçadas. Naturalmente, porque tínhamos, reconhecidamente, o papel legitimado como entrevistadoras de direcionar a discussão para o foco da investigação. No entanto, muitas vezes, os interlocutores direcionaram-se para outros participantes.

Goffman (1979) aborda ainda que um encontro entre quatro ou mais participantes pode se dividir devido a algumas frequentes circunstâncias microecológicas, ocasionando uma forte instabilidade de participação. Sendo assim, a presença de um falante que polície a sua platéia seja para trazer de volta os participantes dispersos ou para encorajar futuros participantes que estejam incipientes foi fundamental para esta investigação. Na análise das narrativas deste estudo, atentamos também para as interrupções, silêncios, aumentos de tom de voz, pois, segundo Goffman (1979), estes elementos possuem significados especiais que aprendemos a eles atribuir sentidos.

Com relação ao falante, para Goffman (1979), ele é o indivíduo que está engajado na produção da elocução. Assim, o seu formato de produção é elucidado a partir das noções de animador, autor e responsável. O falante pode ser um animador sem ser o autor das palavras que estão sendo ouvidas. Nesse caso, o autor é alguém que selecionou os sentimentos expressos e as palavras que enunciam tais sentimentos. Algumas vezes, considera-se que algum responsável está envolvido, ou seja, alguém que está comprometido com o que as palavras expressam. Ele pode falar implícita ou

explicitamente em nome de um “nós” e não de um “eu”, quando possui alguma qualificação que o defina como membro de um grupo, posto, associação etc.

Observe a elocução a seguir, na qual Geovana descreve uma conversa com o seu médico, um ex-aluno da universidade que costumava frequentar a biblioteca. Eles falam de um evento comum ocorrido até os dias de hoje na instituição: o hábito dos alunos esconderem os livros especiais na quinta-feira. Isso se deve ao fato dos livros classificados como especiais (esgotados ou com poucos exemplares) só serem emprestados para estudar no final de semana. Por isso, o empréstimo deve ser realizado na sexta-feira e a devolução na segunda-feira. Como não existe uma fila de espera para estes livros, leva quem chegar primeiro. Os alunos escondem os livros que lhes interessam no meio da coleção na quinta-feira para dificultar o acesso dos demais colegas e garantir que ele será o primeiro a ter acesso ao livro na sexta-feira a fim de obter o empréstimo: “Eu tenho um médico que ele fala “ah que saudade quando chegava sexta-feira, eu ia lá na quinta de noite e escondia o livro. Ainda continua assim?” “Não, não continua não...” (turno 34, GF p. 118). Quando Geovana fala “Eu tenho um médico”, podemos considerar que ela é a autora, animadora e responsável concomitantemente da elocução, pois fala em nome próprio. Já em “ah que saudade quando chegava sexta-feira eu ia lá na quinta de noite e escondia o livro. Ainda continua assim?”, Geovana é apenas a animadora, pois expressa as palavras e os sentimentos de outra pessoa. Na elocução “Não, não continua não...” podemos considerar que, implicitamente, ela fala em nome da instituição, visto que presta uma informação sobre o funcionamento das rotinas e práticas na biblioteca, falando como funcionária em nome de um “nós”.

O conceito de footing é relevante para esta pesquisa, pois é uma das categorias teóricas que nos permite interpretar os dados e observar em que medida há um grande compartilhamento de experiências profissionais e pessoais sugerindo uma memória do grupo/coletiva construída no discurso.

3.1.2.1 *Mudanças de Footing*

Como vimos, a base estrutural para a análise das mudanças de footing é delimitada pela estrutura de participação e pelo formato de produção em relação à elocução. A visão resultante simplifica sistematicamente a influência que as estruturas de participação e os formatos de produção exercem sobre as elocuições. Nesse caso, não é contemplado o caráter auto-referencial e independente do discurso. Goffman (op. cit.) aponta como um começo para solucionar essa problemática o exame das maneiras como as afirmações são construídas, especialmente quanto ao encaixamento.

A visão de mudança de footing como uma simples alternância da postura e do alinhamento do participante em uma interação face a face parece mecânica. Segundo Goffman, essa visão não responde de modo satisfatório ao modo como funcionam o encaixamento e a ritualização. A mudança do tom de voz, por exemplo, seja para delimitar outro aspecto de nossa fala ou marcar o encaixamento de uma fala proferida inicialmente por outra pessoa, ou para inserir algum arranjo de interação fora do contexto, não caracteriza o encerramento do alinhamento anterior, mas a sua suspensão temporária, entendendo que ele poderá ser restabelecido a qualquer momento. Em uma conversa, quando cedemos o turno, estamos, temporariamente, assumindo o footing de interlocutor. Neste caso, não estamos encerrando o necessariamente alinhamento anterior. Assim, Goffman afirma que podemos admitir a possibilidade de manter o mesmo footing através de vários turnos na fala e incluir um alinhamento em outro. No caso da elocução “Porque quando eu vim pra cá minha filha tinha-tava com 11 meses...” (GF p. 132), Bianca relata que, quando ingressou na biblioteca, sua filha estava com onze meses. Aqui ela suspende temporariamente o alinhamento profissional, no enquadre entrevista, para se alinhar como mãe, propondo, neste caso, um enquadre familiar. No entanto, ao fazer isso, Bianca não abandona o enquadre entrevista; este permanece como “pano de fundo” nesta elocução, podendo retornar a ser figura a qualquer instante. Nesse caso, podemos afirmar que houve um processo denominado “laminação”. A laminação pode ocorrer tanto em relação aos alinhamentos como os enquadres. Segundo Fabrício (2002), Goffman sugere que na laminação, frequentemente, os interlocutores na interação face a face podem mudar de footing e construir múltiplos alinhamentos simultâneos. Esse processo de laminação, ou seja, a sobreposição de alinhamentos ou de enquadres, é possível, muitas vezes,

devido a uma mudança de alinhamento que pode transformar um enquadre interpretativo da ação em curso. Nesse sentido, a autora afirma que as noções de enquadre e alinhamento estão intimamente relacionadas visto que o termo footing proposto por Goffman é utilizado “para descrever como os participantes enquadram os eventos ao mesmo tempo que negociam as relações interpessoais (alinhamentos) constitutivas desses eventos.” (FABRÍCIO, 2002, p. 87).

3.1.3 Convenções de Contextualização

Além de Goffman, o antropólogo John Gumperz trouxe grandes contribuições para a constituição da abordagem de análise do discurso Sociointeracionista.

Gumperz (1982) privilegia o discurso situado, especificamente o processo de inferência conversacional. Ele coloca no centro de sua análise teórica os traços linguísticos contextuais que até então eram considerados marginais ao sistema linguístico. Lida com os fenômenos sociolinguísticos enquanto um meio que se baseie em evidências empíricas de cooperação social e não depende da identificação *a priori* de categorias sociais.

As convenções de contextualização, categoria fundamental para as análises aqui empreendidas, são “[...] pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar os nossos propósitos comunicativos ou inferir os propósitos conversacionais do interlocutor” (GUMPERZ, 1982, p. 149). Assim, de acordo com Ribeiro e Garcez, existem as pistas linguísticas (por exemplo, alternância de idioma, de dialeto ou de estilo), pistas paralinguísticas (por exemplo, a sobreposição, o valor das pausas, o tempo da fala, as hesitações) e/ou pistas prosódicas (por exemplo, a entonação, o acento, a ênfase, o tom), constituídas de vários (sub)sistemas de sinais estabelecidos culturalmente. Podem ocorrer pistas não verbais, como direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores, a presença de gestos, mudança de postura etc.

Parte-se do pressuposto de que a elocução pode ser compreendida de diferentes maneiras, cabendo aos participantes da interação interpretar uma dada elocução de acordo com as suas definições sobre o que está acontecendo no momento da

interação. Segundo Goffman (1974), as pessoas definem a interação em termos de um enquadre ou esquema identificável e familiar. Levinson (1978 apud GUMPERZ, 1982, p. 151) utiliza “[...] o termo tipo de atividade ou atividade para designar a unidade básica de interação socialmente relevante em termos do qual o significado é avaliado”. Tais conceitos envolvem um processo dinâmico que pode sofrer alterações durante a interação. Como os significados das pistas de contextualização são implícitos, eles são geralmente analisados dentro de um contexto, conforme nos indica o seu próprio nome.

Os participantes em uma conversa compartilham certa expectativa convencional do que é considerado normal e o que é considerado marcado em termos do volume da voz, entonação, ritmo e estilo discursivo. Quando um ouvinte não reage a uma determinada pista, ou não conhece a sua função, pode haver divergências de interpretação e mal entendidos. Tais falhas de comunicação são consideradas gafes sociais e levam a julgamentos errôneos acerca da intenção do falante, muitas vezes, deixando de se considerar os simples erros linguísticos. Para o autor, não há dúvida que a história e a experiência comunicativa compartilhada facilitam a cooperação conversacional.

Em relação à análise das pistas de contextualização, ela pode ser realizada em três níveis:

- Nível perceptual: dentre todas as pistas quais serão aquelas que vão fundamentar a nossa interpretação;
- Nível sequencial ou movimento conversacional: as minhas ações discursivas são sempre respostas a outras ações. Uma sequência comunicativa menor está inserida numa sequência comunicativa maior que está atrelada a outra maior do que ela. Refere-se aos atos comunicativos;
- Nível do enquadre: refere-se ao nível mais global. Trata-se de identificar, por exemplo, se a interação está ocorrendo em uma sala de aula, se está ocorrendo durante uma brincadeira etc.

Para Ribeiro e Pereira (2002), as pistas de contextualização nos remetem tanto para informações de nível micro como macro contextual. Nesse sentido essa será uma ferramenta importante para identificarmos tais processos nos discursos selecionados.

Logo, a análise das pistas de contextualização, a utilização dos conceitos de

enquadre e alinhamento já vistos, juntamente com a definição de narrativas e suas diferentes abordagens (seção 2.1.3 do capítulo anterior) nos fornecerão os principais subsídios para realizarmos a análise dos dados que será apresentada no quarto capítulo deste trabalho.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo cujo corpus é constituído por uma entrevista grupal com alguns funcionários da biblioteca, realizada a partir de um roteiro previamente definido, constituído por perguntas abertas que visavam a evocar narrativas que tematizassem as memórias em relação à biblioteca, com o intuito de observar como elas são construídas e como as múltiplas identidades emergem nesses discursos. O roteiro da entrevista e a sua transcrição se encontram, respectivamente, nos apêndices A e B, apresentados ao final deste trabalho.

O grupo focal foi realizado no dia 03 de dezembro de 2010 e contou com a participação de nove funcionários da Biblioteca Central do CCS, de mim, pesquisadora e também funcionária dessa biblioteca, e da Prof. Dra. Diana de Souza Pinto, pesquisadora/orientadora deste estudo. A entrevista foi gravada em áudio, com duração de uma hora e doze minutos. Para evitar interrupções e barulhos externos, o encontro foi realizado na sala de processamento técnico de livros, localizada no conjunto de seções internas da Biblioteca Central do CCS, cujo acesso é restrito, sendo permitida apenas a entrada de funcionários e pessoas autorizadas. O primeiro agendamento, negociado pessoalmente com cada participante para o dia 26 de novembro de 2010 às 10:00 h., foi adiado devido aos intensos episódios de violência ocorridos no Rio de Janeiro, principalmente nas proximidades da Ilha do Fundão, na última semana de novembro. O segundo agendamento, negociado através de e-mail, foi marcado para o dia 03 de dezembro de 2010 no mesmo horário. Foram convidados doze funcionários, dentre estes, nove compareceram, sendo 3 homens e 6 mulheres. O convite foi feito a todos os funcionários que trabalham na Biblioteca Central do CCS há mais dez anos.

Seguem na tabela abaixo dados dos funcionários entrevistados. Tais dados foram gerados através de conversas informais.

| QUADRO I - DADOS SOBRE OS FUNCIONÁRIOS ENTREVISTADOS | | | | | |
|--|----------------|--------------------------|--------------------------------|--|--------------------------------|
| PSEUDÔNIMO | IDADE | TEMPO DE SERVIÇO NA UFRJ | TEMPO DE SERVIÇO NA BIBLIOTECA | ESCOLARIDADE | CARGO ATUAL |
| <i>Aline</i> | <i>52 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>Superior com Especialização (Lato sensu na área de atuação)</i> | <i>Bibliotecária</i> |
| <i>Bianca</i> | <i>50 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>2° Grau</i> | <i>Auxiliar Administrativo</i> |
| <i>Cecília</i> | <i>54 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>Superior com Especialização (Lato sensu na área de atuação)</i> | <i>Bibliotecária</i> |
| <i>Geovana</i> | <i>54 anos</i> | <i>29 anos</i> | <i>29 anos</i> | <i>Superior</i> | <i>Bibliotecária</i> |
| <i>Iara</i> | <i>55 anos</i> | <i>28 anos</i> | <i>16 anos</i> | <i>Superior com Especialização (Lato sensu na área de atuação)</i> | <i>Bibliotecária</i> |
| <i>Jair</i> | <i>54 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>2° Grau</i> | <i>Contínuo</i> |
| <i>Juca</i> | <i>60 anos</i> | <i>38 anos</i> | <i>38 anos</i> | <i>1° Grau</i> | <i>Auxiliar Administrativo</i> |
| <i>Marcelo</i> | <i>49 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>17 anos</i> | <i>Superior com Especialização (Lato sensu na</i> | <i>Bibliotecário - chefe</i> |

| | | | | | |
|--------------|----------------|----------------|----------------|----------------------------|----------------|
| | | | | <i>área de atuação)</i> | |
| <i>Selma</i> | <i>57 anos</i> | <i>22 anos</i> | <i>10 anos</i> | <i>1ºGrau (incompleto)</i> | <i>Copeira</i> |

Quadro 1: Dados sobre os funcionários entrevistados. Mês base: Fev. /2011

A transcrição do grupo focal foi realizada por mim e consta do Apêndice B, onde apresentamos a transcrição das falas. No entanto, apenas nos segmentos analisados no capítulo 4 são usadas as convenções listadas no Anexo A. Cabe destacar que a transcrição é uma interpretação, análise e recriação dos dados, não pretendendo ser definitiva e completa visto que é sempre um processo seletivo.

A seleção dos segmentos analisados do grupo focal deu-se após repetida leitura de toda a transcrição. Em seguida, foi realizada a separação das narrativas de experiências pessoais. Na sequência, selecionamos as narrativas (segmentos) com a maior evidência dos aspectos relacionados na investigação, ou seja, a construção de memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais dos funcionários e da observação das identidades projetadas discursivamente entre os participantes do grupo focal. Por último, subcategorizamos as narrativas em tópicos, seguidas da análise de todos os segmentos selecionados com o foco nos objetivos e questões desse estudo.

Algumas observações não verbais observadas no momento da entrevista foram anotadas pelas duas pesquisadoras. Tais anotações integram os segmentos transcritos através de colchetes⁶ ou são mencionadas no corpo da análise.

Conforme falamos, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro⁷. Todos os participantes autorizaram a utilização dos dados da entrevista, a qual foi realizada a partir da assinatura do Termo de Consentimento Informado, de acordo as exigências do mesmo Comitê. Como dito anteriormente, a fim de preservar a identidade e o caráter

⁶ A lista de símbolos utilizados na transcrição dos segmentos analisados e seus respectivos significados estão descritos no ANEXO A – Convenções de Transcrição.

⁷ Este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO, em 18 de agosto de 2010 e aprovado em 25 de outubro de 2010, através do Protocolo CEP-UNIRIO: 0006/2010, Folha de Rosto 359013 e CAAE 0005.0.313.000-10.

confidencial dos sujeitos envolvidos na pesquisa, todos os nomes dos participantes do grupo focal foram substituídos por pseudônimos no presente estudo.

Nossas investigações baseiam-se na investigação de como as memórias e as configurações identitárias profissionais e pessoais dos funcionários são construídas no discurso. Assim, as abordagens interacional e performática nos apoiaram na perspectiva de que os sentidos são projetados, modificados e ratificados na interação, considerando que o pesquisador também é participante deste processo. Já a perspectiva estrutural nos ajudou a identificar algumas estratégias utilizadas pelos participantes do grupo focal, através da identificação de alguns componentes, como por exemplo, a avaliação, que traz informações sobre o clima emocional da narrativa e também é utilizada para indicar o seu ponto, e a resolução, que corresponde à etapa de finalização da narrativa após a uma sequência de enunciados. Além disso, nossa análise também considerou as informações sócio-históricas e institucionais que ancoram o discurso.

4 ANÁLISE DOS SEGMENTOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Neste capítulo será desenvolvida a análise do corpus da pesquisa. Na primeira seção apresentaremos as estratégias discursivas observadas nos segmentos selecionados do grupo focal. Nas seções seguintes analisaremos detalhadamente os segmentos apresentados com foco na investigação sobre a construção da memória dos funcionários através das narrativas e na observação das identidades projetadas discursivamente entre os participantes do grupo focal. A análise dos dados pauta-se na perspectiva interacional para a análise do discurso (GOFFMAN, 1979; GUMPERZ, 1982) e na Análise das Narrativas (RIESSMAN, 2008). Observaremos, na análise dos dados, o compartilhamento de experiências; a alta sintonia conversacional e o emprego de várias estratégias discursivas, tais como o diálogo construído (TANNEN, 1989) na enunciação das narrativas (seção 4.2). Observaremos, também, diferentes alinhamentos (GOFFMAN, 1979) na construção da memória coletiva, os quais oscilam entre identidades pessoais e profissionais, o privilégio e a satisfação dos funcionários por trabalharem na biblioteca e a ressignificação do seu espaço.

4.1 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Nas narrativas a serem analisadas observamos uma grande incidência de estratégias discursivas, as quais, segundo Tannen (1989), são capazes de criar coerência e envolvimento interpessoal no discurso. As repetições em suas diferentes formas, o alongamento de vogais, como, por exemplo, a fonologia expressiva e os discursos direto e indireto – ou diálogo construído – são algumas das estratégias discursivas que, segundo a autora, integram a natureza dialógica da linguagem, configurando, assim, a conversa como uma produção conjunta entre os participantes.

Tannen (1989) apresenta uma abordagem diferente para a visão tradicional dos conhecidos discursos direto e indireto. Também, as noções estáticas de paráfrase e repetição inseridas na fala relatada são substituídas por conceitos mais dinâmicos como construção e transformação. A autora afirma que as falas relatadas sofrem

transformações ao serem transpostas para outros contextos. Em vista disso, Tannen (1989), ao ancorar seu trabalho na noção de interação, sugere que o termo fala relatada é enganoso, considerando que a utilização do discurso de outra pessoa é um produto da criação construtiva de outro falante. A transposição da fala de alguém, em outro contexto, transforma a natureza do enunciado. Some-se a isto o fato de que a construção da fala através de diálogos se caracteriza como uma estratégia discursiva que pode criar maior envolvimento entre os participantes da interação e tornar a comunicação mais afetiva. Assim, a motivação interacional que, segundo a autora, subjaz ao emprego da fala relatada através da construção e transformação do discurso, dá subsídios para a substituição do termo fala relatada pelo termo diálogo construído.

A repetição, de acordo com a autora, é capaz de sinalizar que os participantes possuem uma conexão, ou seja, nos fornece indicadores de que o universo discursivo é compartilhado, pois todas as funções da repetição direcionam-se para a compreensão da metagemagem, criando uma participação mútua no estabelecimento do sentido que pode ser reinterpretado através da justaposição, junção e inserção de um novo contexto. Assim, a repetição pode assumir algumas funções que se encontram em dois níveis de compreensão; referencial e interacional.

O nível interacional aponta como os participantes administram as negociações conversacionais, pois evidencia sinais de retroalimentação e ratificação. Este tipo de interação é criado linguisticamente através da criação de ritmo e, como já vimos, através da participação mútua no estabelecimento de sentido.

No nível referencial temos a repetição atuando com a função de produção, de compreensão e de conectividade. Na função de produção a repetição é automática. Esta função facilita a produção da mensagem, exigindo um esforço cognitivo menor tanto por parte do falante como do ouvinte no processo de interpretação. Assim, a função de produção contribui para aumentar a fluência no discurso. Já a repetição, usada como função de compreensão, tem como propósito facilitar a compreensão da informação através da redundância. Neste caso, a repetição favorece a memorização da informação. A repetição pode ser utilizada também para conectar o que foi dito com o que está por vir. Neste caso, através da contribuição da abordagem estrutural de Labov, Tannen (1989) considera que a repetição possui uma função avaliativa visto que

contribui para estabelecer o ponto da narrativa, pois enquadra a informação que está sendo contada.

Além de diferentes funções, as repetições podem assumir várias formas. Dentre elas a auto-repetição e a hetero-repetição (repetição da elocução produzida por outros participantes na conversação). Outra forma de repetição se refere à fixidez, que pode oscilar entre uma repetição exata (as mesmas palavras da elocução original e no mesmo ritmo) e a paráfrase (elocução com a idéia similar, mas produzida com palavras diferentes). Existem também as formas de repetição relacionadas à escala temporal, ou seja, se as repetições aparecem imediatamente no discurso sob o qual se originou ou ao longo do segmento.

Tannen (1989) também propõe a estratégia de *chiasma*. Na estrutura chiasmática duas elocuições contem as mesmas partes, porém de forma revertida. Segundo a autora, essa é uma estratégia discursiva capaz de provocar maior envolvimento entre os participantes. Observe, por exemplo, o seguinte segmento (GF p. 118):

- | | | |
|----|------|---|
| 54 | lara | tinham as cabines de estudos, eles namoravam dentro das cabines. |
| 55 | Juca | então eu acho que é isso= |
| 56 | lara | o que eles queriam dizer é isso. =o que eles queriam dizer "... ah se essa biblioteca falasse" [risos] porque deve ter rolado [risos] muitas coisas dentro daquelas cabines ali. |

A elocução de lara "Então eu acho que é isso o que eles queriam dizer" e de Juca "o que eles que eles queriam dizer é isso" ditas conjuntamente, como indica o colchete, provoca envolvimento nos interlocutores à medida que um retro-alimenta o outro, dando indícios de que eles compartilham a mesma opinião sobre o tópico.

Segundo Tannen (1989) existem outras categorias de repetição. No entanto, uma decisão metodológica tem de ser feita, de acordo com os propósitos de análise deste trabalho. Loder (2008) nos adverte que uma transcrição nunca é neutra ou completa, ou seja, existe uma totalidade de fenômenos de ordens diversas em jogo na situação de uso da linguagem registrada (ainda que em áudio). Assim, ela afirma que transcrever é um processo seletivo. Como este estudo insere-se em um campo

interdisciplinar, a transcrição da entrevista (Apêndice B) apresenta as convenções mais relevantes para as análises, as quais visam a responder nossas questões de pesquisa. Acredito que o mesmo ocorre com o processo de análise. Conforme afirma Minayo (2002, p. 13) “a pesquisa social é sempre tateante, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos”. Em vista disso, exploraremos as estratégias que nos auxiliarão a investigar os questionamentos desta pesquisa, as quais nos fornecerão os indícios para avançarmos rumo aos nossos objetivos.

Conforme afirmamos anteriormente, nossas lembranças não são autônomas, elas dependem da nossa interação social através dos diversos grupos e instituições. A partir das nossas diferentes experiências construímos as nossas memórias. Assim, sob a perspectiva de Halbwachs (2004) podemos admitir que nossas memórias emergem nas nossas relações sociais. Nesse sentido, não apenas a memória é uma construção social; mas também as narrativas e as identidades também são construídas durante a interação.

Nos segmentos que serão apresentados, principalmente no segmento 1, as narrativas são construídas coletivamente através do compartilhamento de lembranças, um fenômeno que Ricoeur (2007) chama de *reminiscing* que consiste em fazer reviver o passado evocando-o entre várias pessoas, uma ajudando a outra a lembrar acontecimentos ou saberes compartilhados, as lembranças de uma servindo de *reminder* para as lembranças da outra. Segundo este autor, nas narrativas o *reminiscing* é um processo muito comum. Observaremos que, ao longo desses segmentos, este fenômeno se repete. É muito comum nas narrativas dos funcionários da biblioteca a construção coletiva dos discursos através da memória compartilhada. A narrativa é iniciada por um(a) participante e, em seguida, os(as) demais participantes colaboram seja fornecendo novas informações, detalhes, orientações ou mesmo pedindo esclarecimentos. Neste processo a narrativa é co-construída, ou seja, de acordo com a fala de um participante, o próximo organiza a sua fala.

Ao longo de toda a entrevista, observa-se uma dinâmica de diferentes alinhamentos projetados discursivamente nas narrativas dos participantes. Eles alinham-se como guardiões da moral, como pais, funcionários, e aqui encontramos

várias laminações discursivas (Goffman, 1974), como o funcionário esforçado e dedicado, o funcionário público etc.

Nas próximas seções deste capítulo analisaremos detalhadamente os segmentos selecionados.

4.2 ANÁLISE DOS SEGMENTOS DO GRUPO FOCAL

Nos segmentos selecionados do grupo focal, os quais serão apresentados a seguir, analisaremos a co-construção das memórias e configurações identitárias dos funcionários, tanto profissionais como pessoais, nas narrativas de experiências pessoais, observaremos como os funcionários se projetam discursivamente e de que modo esse discurso localmente construído está permeado de processos mais estáveis presentes nas práticas sociais. Assim, através da interação entre os participantes, momento em que as narrativas, as memórias e as configurações identitárias são construídas, investigaremos “o que está acontecendo aqui e agora?”, buscando compreender algumas informações contextuais que estruturam e constituem esses discursos.

Gumperz (1982) enfatiza a importância do contexto à medida que afirma que, além da competência linguística, para interpretar uma elocução os participantes necessitam realizar todo um trabalho inferencial, realizado, principalmente, através de conhecimentos compartilhados. Desse modo, existe outro tipo de competência, além da linguística, envolvida no processo interacional. Com base nesse pressuposto, observamos vários outros autores que apontam a importância do contexto no nível micro (sociointeracional e pessoal) e no nível macro (histórico e institucional), a exemplo de Ribeiro e Pereira (2002). As autoras argumentam que a linha divisória micro/macro dilui-se a partir da própria análise do discurso, que remete tanto para informações situacionais ou locais, como para traços contextuais provenientes de informações sócio-históricas, por exemplo. (GUMPERZ, 1982, 2002; COULTHARD; ASHBY, 1996; COULTHARD, 2000; GEE, 1992, 1999 apud RIBEIRO; PEREIRA, 2002).

A seguir, apresentaremos a elocução que inspirou o título e a idéia inicial do estudo. Na sequência analisaremos o primeiro segmento selecionado do grupo focal, o qual se desenvolve em torno da pergunta sobre o significado desta elocução.

4.2.1 “O que vocês acham que quer dizer isso “ah... se essa biblioteca falasse...””: a pergunta inicial

O grupo focal no qual este trabalho se baseia teve como ponto de partida minha elocução “Ah... se essa biblioteca falasse...”. Expliquei, na ocasião, que esta elocução foi algumas vezes repetida por um funcionário da biblioteca que ao me contar, informalmente, sobre algumas estórias desta instituição sempre a exclamava. Então, perguntei para os funcionários o que eles achavam que essa elocução significava.

As estórias contadas inicialmente em resposta à pergunta sugeriam que tal elocução se referia à história da biblioteca, aos diversos episódios considerados marcantes pelos participantes ocorridos desde a sua fundação, a sua importância e, finalmente, às lembranças dos ex-alunos que passaram pela instituição. Assim, a pergunta que incita o grupo focal traz à tona várias narrativas de experiências pessoais dos funcionários da biblioteca, as quais constroem uma percepção, um engajamento, um tecer de experiências em relação a essa instituição através de uma imbricação entre as esferas públicas e privadas, institucional/profissional e familiar e de um entrelaçamento de “redes de memória”. Isso vai contribuir para a compreensão de uma memória sendo construída por certos atravessamentos, pois as narrativas dos funcionários sugerem que quando você se lembra, você lembra com toda a sua história de vida que está sendo projetada - razão pela qual os funcionários, ao narrarem as suas experiências pessoais, muitas vezes, não dissociam as lembranças da sua vida profissional das lembranças da vida privada - e isso é feito coletivamente. Na verdade, o processo de rememoração envolve toda uma rede de memórias, sejam aquelas com aspectos mais pessoais ou aquelas nas quais a ênfase se dá numa perspectiva profissional. No entanto, é impossível dissociar as lembranças da vida pessoal e as lembranças da vida profissional. Podemos até propor uma distinção para fins

operacionais à medida que as memórias podem ressaltar mais uma perspectiva do que outra, mas não negligenciando o aspecto dinâmico e relacional que envolve não só a construção das memórias, como das narrativas e das configurações identitárias. Conforme afirmamos, o processo de construção das memórias, narrativas e configurações identitárias dos funcionários que participaram do grupo focal envolve um intenso compartilhamento de experiências. Nesse sentido, esses processos são conjuntamente construídos pelos participantes e é nessa co-construção que ocorre a negociação dos significados e das relações sociais.

Ao iniciar o grupo focal, expliquei aos meus interlocutores a motivação do trabalho: "... a partir dessa elocução ["Ah... se essa biblioteca falasse...".] eu fui vendo que essa biblioteca tinha muita coisa e... por trás desse discurso... muita coisa sobre a memória que está na cabeça de todo mundo, mas que não tem nada escrito. Coisa que circula e então eu percebi como é rica a memória dessa biblioteca e eu estou aqui para investigar isso". Estamos tratando aqui de eventos/afetos que estão no subterrâneo de nossas histórias profissionais e pessoais e que não estão escritas em lugar nenhum, é único e singular, embora elas também sejam permeadas de processos que são compartilhados no imaginário coletivo e que estão presentes nas práticas sociais. Nesse movimento, várias configurações identitárias também podem ser observadas. Gee (1999) aponta que, ao nos comunicarmos, conduzimo-nos de acordo com perspectivas do que é ou não é normal, aceitável, certo ou errado do ponto de vista moral de cada um. Assim, segundo o autor, a linguagem, juntamente com outros "processos" (tradução nossa)⁸, tais como a interação, sentimentos, crenças e valores, é capaz de estabelecer identidades sociais, perspectivas e atividades. Desse modo, a construção dos significados no nível contextual micro, ou seja, o que se passa no aqui e agora são circunscritos pelo contexto sócio-histórico, cultural, de natureza macro contextual. Nesse sentido, podemos dizer que além do discurso que corresponde à língua em uso "d" minúsculo, que é contínuo e ativamente construído e reconstruído no aqui e agora, o qual resulta de diferentes situações e contextos inseridos em nossa comunicação, devemos considerar também a existência de uma matriz maior, de

⁸ Termo original "stuff". Esse termo é, rotineiramente, traduzido como "coisas", mas considerando o contexto e a perspectiva dinâmica e relacional na qual Gee (1999) se baseia, traduziremos este termo como processos.

estabilidade e permanência, como valores e modos de pensamento, constitutiva da vida social dos grupos e da sociedade denominada por Gee (1999) de Discurso com “D” maiúsculo. Ambos são construções sociais, sendo que um responde às necessidades imediatas da interação (d) e o outro, além de atravessar a imediaticidade do aqui e agora, reflete as janelas políticas, institucionais e históricas que ancoram o discurso em construção.

As relações entre o discurso que está sendo construído no momento da interação (d) e as estabilidades que o permeiam (D) podem ser observadas ao longo do grupo focal a partir de uma gama de diferentes tipos de relação, como, por exemplo, de tensão, tangência, divergência, reiteração etc.

A análise dos dados sugeriu, a princípio, um primeiro movimento analítico no qual priorizei demonstrar várias facetas da instituição que convergem para o que observamos nas práticas sociais, por exemplo, o ano de criação da biblioteca, a tradição de seu acervo, os documentos que a instituíram. Então lida-se, no primeiro momento, com a narrativização de uma memória do senso comum, em uma perspectiva na qual as “memórias estão guardadas” ou “fixadas” nos livros ou “nas paredes”, amalgamadas, que são aquelas que podemos encontrar nos arquivos, na história, ou seja, alicerçadas com certo grau de estabilidade⁹. No entanto, a partir de um segundo movimento analítico observamos que a memória surge de uma “rede de memórias”, entrelaçadas com várias histórias de vida e com várias experiências múltiplas em contextos sociais diferenciados. As narrativas de experiências pessoais dos participantes do grupo focal no espaço da biblioteca são atravessadas pela vida profissional e privada dessas pessoas. Ao mesmo tempo, conforme falamos, são essas pessoas que contribuem para que a instituição seja o que é, e também, de certa forma, alavancam a instituição, não só pelo trabalho que realizam, mas pelas relações humanas que envolvem este grupo. Nesse sentido, podemos retomar as concepções de Linde (2009) à medida que a autora aponta para importância das interações humanas, especificamente, das narrativas para as instituições, pois estas trabalham para responder a pergunta sobre quem é a instituição.

⁹ Para uma reflexão sobre os conceitos de História e Memória remeto: LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____ **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003. p.422-476.

A adoção da perspectiva interacional possibilitou-nos observar que o nosso propósito não era investigar os registros oficiais da biblioteca, mas centrar-se na análise de como os funcionários constroem as suas experiências, considerando que essa construção, muitas vezes, reitera e/ou modifica alguns discursos mais estáveis, tradicionais/oficiais que permeiam o discurso construído no aqui e agora.

A seleção dos segmentos que constam da análise a seguir considerou as narrativas de experiências pessoais dos funcionários da biblioteca, nas quais inferimos que há um engajamento, uma implicação desses funcionários tanto em nível profissional como pessoal.

No primeiro segmento analisado, ainda com relação à elocução “ah... se essa biblioteca falasse...”, observaremos diferentes alinhamentos na construção coletiva da memória nas narrativas. Surpreendeu-me descobrir que essa elocução, a qual me induzia a refletir sobre a riqueza da memória da instituição, se assentava em episódios muito inusitados e curiosos que circulam em torno das antigas cabines de estudo da biblioteca.

Segmento 1 (GF p. 118)

- | | | |
|----|---------|--|
| 1 | Grasi | queria saber de vocês o que vocês acham que quer dizer isso, essa afirmação, essa exclamação, “ah... se essa biblioteca falasse...” |
| 49 | Juca | esse palavreado aí saiu mais de alunos né, que estudavam na época que depois, quando encontrávamos eles, com o passar do tempo eles falavam assim, “pô, como tá aquela biblioteca”? A biblioteca tá legal, não é como era antigamente. “Ah se aquela biblioteca falasse....”. Isso aí é o que os alunos falam, né? |
| 50 | Marcelo | muitos episódios, né? |
| 51 | Juca | justamente, muitos episódios. |
| 52 | Iara | [risos] as cabines, né? As cabines, Geovana, |
| 53 | Juca | tem uns que namoravam dentro das cabines. |
| 54 | Iara | tinham as cabines de estudos, eles namoravam dentro das cabines. |
| 55 | Juca | [então eu acho que é isso= o que eles queriam dizer é isso. |
| 56 | Iara | |
| | | =o que eles queriam dizer “... ah se essa biblioteca falasse” [risos] |
| | | porque deve ter rolado [risos] |
| 57 | Juca | [muitas coisas dentro daquelas cabines ali. justamente. |

Nesse segmento verificaremos que estratégias como a auto-repetição, a hetero-repetição e a estrutura chiasmática são indicadores deste processo de compartilhamento de experiência entre os funcionários, o que indica a co-construção coletiva das narrativas – uma das conclusões do estudo.

Os risos, presentes em algumas elocuições e produzidos pelos falantes da vez, nos permitem enquadrar as narrativas como “situação engraçada”. Observamos, também, algumas sobreposições que, nesse segmento, sinalizam o compartilhamento das lembranças. Essas sobreposições também alimentam e orientam o discurso em construção.

Juca, o funcionário mais antigo da biblioteca, iniciou a sua narrativa após escutar as contribuições dos colegas sobre a elocução “ah... se essa biblioteca falasse...” nos turnos anteriores. A partir da elocução “saiu mais de alunos” (turno 49) ele constrói a sua narrativa atribuindo aos alunos à autoria da elocução apresentada sobre a qual se inicia o grupo focal. Tanto em “Ah se aquela biblioteca falasse...” como em “pô, como tá aquela biblioteca” temos diálogos construídos (TANNEN, 1989) que, segundo a autora e conforme vimos anteriormente, podem ser interpretados como estratégias discursivas de envolvimento utilizadas pelo falante, nesse caso Juca, capazes de provocar nos ouvintes maior veracidade e proximidade em relação ao discurso construído.

Nos turnos 50 e 51 Marcelo e Juca referem-se aos “muitos episódios”, até que no turno 52 Lara direciona o assunto para os episódios ocorridos nas “cabines”. Perceba que no turno 51 Juca repete a elocução “muitos episódios” introduzida por Marcelo. A evocação da fala do outro participante sinaliza sintonia e concordância entre os participantes. Segundo Tannen (op. cit.), podemos interpretar que essa estratégia de repetição se encontra no nível interacional à medida que ratifica e retroalimenta a fala de outro participante. Juca só inicia a construção do seu discurso sobre o namoro nas cabines após a intervenção de Lara, quem introduz também a ação complicadora na narrativa – namoro nas cabines. Segundo Labov (1967 apud BASTOS, 2005) a ação complicadora é o único componente obrigatório da narrativa e refere-se a uma sequência de enunciados temporalmente ordenados, ou seja, a estória que está sendo contada. Lara, enquanto falante da vez (turno 52), seleciona a próxima falante

(GOFFMAN, 1979), dirigindo a fala a Geovana “as cabines, né. As cabines, Geovana” (turno 52). Assim, Iara, ao endereçar sua fala à Geovana (ouvinte endereçada, nos termos de Goffman 1979) seguida de um pedido de confirmação (“né”), posiciona a interlocutora como cúmplice da cena ao mesmo tempo que solicita-lhe a confirmação de sua elocução.

Conforme já vimos, a repetição pode assumir várias funções no discurso como, por exemplo, estabelecer conectividade entre as elocuições. Neste caso, a autora citada afirma que a repetição pode servir para enquadrar aquilo que está sendo contado, ou seja, o ponto na narrativa. Esta é função da repetição contida nos turnos 53 e 54 “... namoravam dentro das cabines”. Essa estratégia conecta o que foi dito por Juca e Iara com o que está por vir, ou seja, o ponto da narrativa. Neste caso o ponto é explorar os sentidos da elocução “Ah... se essa biblioteca falasse...”.

Em “... é isso o que eles queriam dizer” (turno 54 e 55) e “o que eles queriam dizer é isso” (turno 55) temos a estrutura chiasmática (TANNEN, 1989). A estrutura revertida destas elocuições possui ritmo que mobiliza o envolvimento entre os participantes, uma estratégia discursiva que proporciona maior credibilidade à informação visto que é compartilhada entre os autores destas elocuições. Marcuschi (1986), ao trabalhar com os *marcadores conversacionais*, aborda as funções de vários tipos de marcadores. Uma delas é a que se refere aos sinais produzidos pelo ouvinte durante o turno de outro interlocutor. Segundo ele, geralmente esses marcadores aparecem em forma de sobreposição, marcada na transcrição pelo símbolo \lceil ligando duas elocuições, e para orientar o falante quanto aos possíveis sentidos atribuídos a comunicação. Observamos esta função quando Juca sobrepõe a fala de Iara “... porque deve ter rolado muitas coisa dentro daquelas cabines...” (turno 56) com sinal de concordância “justamente” (turno 57). As sobreposições de fala demonstram, ainda, alto grau de sintonia conversacional. Isso denota o compartilhamento de experiências entre os participantes durante a construção de uma narrativa. Linde (2009) afirma que a rememoração do passado inclui pessoas contando histórias. Nesse sentido, a autora afirma ser muito importante verificar como elas compartilham as suas experiências.

Observe que as experiências narradas no segmento 1 são construídas no enquadre “situação engraçada”, marcado pelos risos nas elocuições de Iara. Esses risos

também podem sinalizar um compartilhamento das experiências e a cumplicidade entre os funcionários.

A situação de sexo nas cabines é considerada uma arbitrariedade entre os funcionários visto que eles compartilham o conhecimento de que a biblioteca é um local de estudo, de pesquisa, pois isso é o que encontramos nos livros sobre o conceito de biblioteca universitária e suas finalidades, conforme veremos em uma seção a frente, e é esse o conhecimento compartilhado entre esses funcionários. Mesmo sabendo que se trata de uma arbitrariedade, o enquadre brincadeira permanece. Conforme mencionado, essa era uma prática comum quando existiam as cabines de estudo. Então podemos imaginar que se isso ocorresse hoje, o enquadre talvez não fosse o mesmo. Talvez tais funcionários, ao conhecer e ser afetados por alguns episódios atuais nos quais as instituições acadêmicas são consideradas responsáveis pelos alunos durante a sua permanência na universidade, inclusive respondendo judicialmente por eventuais danos que venham a recair sobre os mesmos dentro do campus universitário¹⁰, enquadrassem esses episódios de forma distinta. Esse exemplo convoca-nos à reflexão de como as mudanças da sociedade e seus respectivos contextos sócio-históricos, éticos e políticos são potencializadas pelas várias ordens discursivas que estão sempre se modificando pelas práticas sociais, pelos paradigmas e valores que são em si linguísticos já que, segundo Fabrício (2002), linguagem é ação/atividade e não possui uma forma única, sendo constituída pelo modo como a aprendemos e utilizamos. Conforme falamos, não há separação entre a linguagem e o mundo no qual ela é linguagem.

¹⁰ Sobre o tema remeto: SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. **PUC/MG vai pagar R\$ 100 mil a estudante que foi esfaqueada em festa no campus.** Coordenadoria de Editoria e Imprensa, 22 jun. 2010. Disponível em: <http://stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=97808&tmp.area_anterior=44&tmp.argumento_pesquisa=Pontificia%20Universidade%20Catolica%20de%20Minas%20Gerais>. Acesso em: 06 de dez./2011; CONSELHO DA JUSTIÇA FEDERAL. **UFSC deve indenizar aluna cadastrada indevidamente em site de relacionamentos.** Portal da Justiça Federal, 20 fev./2009. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/cjf/outras-noticias/2009/fevereiro/ufsc-deve-indenizar-aluna-cadastrada-indevidamente-em-site-de-relacionamentos>>. Acesso em: 06 de dez./2011; CONSELHO DA JUSTIÇA FEDERAL. **Aluna sequestrada em estacionamento da UFRGS receberá indenização.** Portal da Justiça Federal, 24 nov./ 2011. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/cjf/outras-noticias/2011/novembro/aluna-sequestrada-em-estacionamento-da-ufrgs-recebera-indenizacao>>. Acesso em: 06 de dez./2011.

4.2.2 “Passou muita coisa desde que [a biblioteca] veio para cá até os dias de hoje”: o processo de constituição da Biblioteca Central do CCS

As bibliotecas não existem de forma independente da sociedade e das instituições às quais se vinculam, ou seja, elas acompanham as tendências da vida social, em especial aquelas relacionadas ao campo do conhecimento e da educação. Assim, as bibliotecas foram se especializando à medida que as instituições científicas e educacionais foram se diferenciando umas das outras em torno de um objeto, uma teoria ou de uma prática. Nesse sentido, surgem as bibliotecas universitárias. Uma definição corrente de biblioteca universitária é aquela em que ela é vista como uma instituição “destinada a suprir as necessidades informacionais da comunidade acadêmica, no desempenho de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão” (CARVALHO, 1981, apud TARGINO, 1984, p. 44). Desse modo, a relação entre a biblioteca universitária e a instituição a que essa se vincula - a universidade - é grande, mas também é complexa, envolvendo inúmeros aspectos. Em se tratando de uma instituição do porte da UFRJ (UFRJ, 2011) a responsabilidade de uma biblioteca universitária, como a Biblioteca Central do CCS, é grande perante a sua mantenedora. Ainda quando os recursos são escassos, cabe à biblioteca gerar o suporte necessário ao desenvolvimento da instituição que a mantém, de acordo com os objetivos e a missão a que essa biblioteca se propõe e a partir da contínua avaliação dos seus produtos e serviços. Para atender a sua missão, mesmo diante dos obstáculos que surgiram, a Biblioteca Central do CCS se apoiou, muitas vezes, na cooperação entre os seus funcionários. Observamos na análise de alguns segmentos que essa cooperação sugere valores, como solidariedade, companheirismo, amizade etc., de modo que as relações pessoais, juntamente com os aspectos profissionais que envolvem esse grupo, contribuem para que a biblioteca seja o que ela é. Nesse sentido, o imbricamento das relações familiares e profissionais se destaca em alguns segmentos, conforme veremos a seguir.

Segmento 2 (GF p. 120)

- 123 Juca vim da Praia Vermelha. Foi em 73 que eu entrei aqui, então trabalhamos dois anos lá onde era o Banco do Brasil, porque a biblioteca era ali. Então, lá era aquilo... o aluno não entrava nas estantes, a gente que servia a eles. Depois que mudou para cá era maravilhoso, o ar condicionado funcionando que era uma beleza.
- 124 Geovana e tinha funcionário.
- 125 Juca e tinha funcionário, tinha quase quarenta ou até mais.
- 126 Iara era acarpetado.
- 127 Juca tinha porque era por verba, então até minha esposa trabalhou aqui, Nelma, meu irmão, João Pedro.

Algumas características organizacionais da instituição parecem ter fomentado uma estreita ligação entre as esferas pessoais e profissionais nas experiências pessoais desses funcionários. A flexibilidade nas contratações de pessoal, talvez propiciada pela ausência de critérios claros, pode se enquadrar como uma característica que contribuiu para essa relação, conforme os funcionários relataram que ocorria há algumas décadas atrás: “tinha porque era por verba, então até minha esposa trabalhou aqui, Nelma, meu irmão, João Pedro” (turno 127). Isso favorecia a situação de familiares trabalharem juntos, o que embora não seja uma situação comum atualmente devido à maior rigidez na contratação de pessoal mediante concurso público, as redes propiciadas pelas relações interpessoais de uma época não se extinguem de um dia para o outro. Na memória de alguns desses funcionários, expressa parcialmente na maneira em que narram essas experiências, parece haver uma relação de afetividade em relação ao espaço da biblioteca seja porque o tio trabalhou na biblioteca, o irmão, a esposa ou até mesmo porque os filhos de alguns desses funcionários frequentavam constantemente a biblioteca, talvez encorajados por um ambiente mais familiar favorecido por esses laços. Essas redes de memória propiciam, no processo de construção das narrativas, um imbricamento das relações pessoais e profissionais, cenário no qual ocorrem tanto celebrações, conforme veremos no segmento 12, que seriam da ordem do pessoal/familiar, por exemplo, a comemoração da páscoa na biblioteca, quanto profissionais, a exemplo das reuniões de trabalho. Isso favorece uma apropriação e até mesmo uma ressignificação desse espaço (conforme seção 4.2.5). Os vínculos constituídos nessa imbricação entre família e trabalho, provavelmente, incitam uma relação não só de afetividade, mas de pertencimento nesse espaço convencionalmente profissional.

No turno 123 do segmento 2, a biblioteca era considerada como um lugar maravilhoso “... Depois que mudou para cá era maravilhoso” (turno 123) e com bastante funcionários “e tinha funcionários”, repetido por pessoas diferentes nos turnos 124 e 125. Essa repetição, supostamente, é uma experiência pessoal compartilhada e pode ser interpretada como um recurso capaz de provocar maior envolvimento, visto que intensifica, retro-alimenta e ecoa a elocução anterior. A repetição, nesse caso, é uma estratégia que nos permite analisar o processo de co-construção visto que o segmento é construído numa sequência de pequenas elocuções, uma reiterando a outra, através de uma construção conjunta entre os participantes.

Nas narrativas dos funcionários da biblioteca há uma oscilação acerca das condições estruturais e físicas desse espaço em relação a alguns períodos. Um se refere ao momento em que a biblioteca foi inaugurada, com os equipamentos funcionando, com muitos funcionários etc. E o outro momento é construído pelos funcionários quando narram algumas dificuldades enfrentadas como inundações, assaltos etc. Nesse sentido, os segmentos 3 e 4 são muito representativos à medida que trazem um outro momento no qual os funcionários tiveram que criar alternativas para conseguirem manter a biblioteca em condições de uso. No segmento 3 há uma transição entre essas duas fases, visto que uma das funcionárias faz um balanço sobre a fase em que a biblioteca possuía mais recursos e os momentos mais difíceis. Algumas vezes essas fases são contextualizadas com as vivências dos funcionários no presente através da comparação de como as coisas estão melhores ou piores visto que, conforme falamos anteriormente, com base no presente construímos as nossas memórias. É no presente que nasce a intenção sobre o que recordar e conservar, e o passado serve como ponto de apoio e coerência para o presente.

Segmento 3 (GF p. 117)

- 2 Geovana no meu ponto de vista eu acho que é assim sabe... várias pessoas já passaram, você vai às vezes... por ser da área da saúde você vai ao médico “aí que saudade, que saudade da época, fulano ainda tá lá? trabalha lá? Puxa que legal... estudei, aquela dificuldade toda de pegar livro, às vezes a biblioteca cheia não tinha lugar para sentar, a gente criou muitas amizades lá”, entendeu? E fora nós né, funcionários que sempre se encontra e “puxa você lembra como

- era a outra direção, o que a gente fazia, o que não fazia”. Então é como se essa biblioteca falasse, né. Passou já muita coisa desde que ela veio para cá até os dias de hoje. Muita coisa legal, mas muita coisa chata também. Às vezes... já teve até princípio de incêndio aquela confusão toda de tira folha, de tira livro. Já teve inundações,=
- 3 lara de assalto.
- 4 Geovana =de assalto. Sabe, muita coisa que a gente vai lembrando, sabe... quando bate uma nostalgia a gente lembra de fulano, ele se aposentou, ele foi legal ou graças a Deus ele foi embora. Sabe que tem tudo, não tem só o lado bom, tem o lado ruim também. São pessoas é... saudades de pessoas que foram muito marcantes=
- 5 Grasi [risos discretos]
- 6 lara [risos discretos]
- 7 Geovana =como pessoas sabe... que não faz muita falta não, né. Eu acho que se falasse, sabe muita.... Vou ser sincera... tem gente que faz falta, mas tem gente que menos um... Você não pode tapar o sol com a peneira e dizer que tudo foi bom, não tudo. Em lugar nenhum. Nem na casa da gente, nem na família da gente, nem nada.

Em “... Passou já muita coisa desde que ela veio para cá até os dias de hoje. Muita coisa legal, mas muita coisa chata também (turno 2), a funcionária Geovana faz um balanço dos anos em que ela está na biblioteca, ou seja, desde o início da década de 80. Ainda no turno 2 ela utiliza um diálogo construído inserindo a fala de um ex-aluno “você vai às vezes... por ser da área da saúde você vai ao médico “aí que saudade, que saudade da época, fulano ainda tá lá, trabalha lá. Puxa que legal... estudei, aquela dificuldade toda de pegar livro, às vezes a biblioteca cheia não tinha lugar para sentar, a gente criou muitas amizades lá”. Observe que Geovana elege a fala de um ex-aluno, hoje médico, supostamente, um profissional bem sucedido, que se alinha de forma saudosa e elogiosa em relação a uma época e um espaço [a biblioteca] que contribuiu para a sua formação e que, ao mesmo tempo, evoca lembranças afetivas no personagem “a gente criou muitas amizades lá”, mesmo destacando os aspectos físicos, por vezes insuficientes, da instituição “às vezes a biblioteca cheia não tinha lugar para sentar”. Continuando o segmento, Geovana fala em nome de si e de outros funcionários “E fora nós né, funcionários que sempre se encontra e puxa, você lembra como era a outra direção o que a gente fazia o que não fazia”. É interessante observar que no diálogo construído “...Puxa que legal... estudei, aquela dificuldade toda de pegar livro, às vezes a biblioteca cheia não tinha lugar para sentar, a gente criou muitas amizades lá”, a funcionária nos faz crer, através de outro personagem, que

mesmo com as dificuldades, era prazeroso frequentar a biblioteca. Observamos, ainda, nesse segmento como as relações pessoais são valorizadas, principalmente, devido ao uso de palavras como amizade, lembranças e saudades das pessoas que passaram pela biblioteca ou até mesmo o destaque para aquelas que, segundo a funcionária, não fazem falta nesse espaço, mas que, no entanto, através de um enquadre brincadeira, podemos ver que não foram esquecidas “Vou ser sincera... tem gente que faz falta, mas tem gente que menos um...” (turno 7).

Analisando a elocução “... Muita coisa legal, mas muita coisa chata também. Às vezes... já teve até princípio de incêndio aquela confusão toda de tira folha, de tira livro. Já teve inundações” (turno 2) observamos que Geovana inicia a narrativa destacando os aspectos positivos, através de um discurso um tanto laudatório “muita coisa legal”. Na sequência, ela insere o aspecto negativo “mas muita coisa chata também”, exemplificando-o, através de episódios de incêndio e inundações. Nesse sentido, percebemos, na sua narrativa, um equilíbrio através de uma análise que elenca tanto pontos positivos como negativos, na qual ela encaixa as suas avaliações explicitamente. Em seguida, ela finaliza o turno 7 através de uma elocução na qual ela se apropria de uma expressão formulaica, estendendo o foco que estava centrado nos problemas na instituição para comentários de natureza mais pessoal. Assim, ela sinaliza o lado humano nas relações, além de expor novamente uma avaliação encaixada em sua elocução “...Você não pode tapar o sol com a peneira e dizer que tudo foi bom, não tudo. Em lugar nenhum. Nem na casa da gente, nem na família da gente, nem nada”. Desse modo, a funcionária propõe um enquadre pessoal/familiar para avaliar as suas experiências pessoais em relação à biblioteca e se apropria de uma gramática emocional na qual se pondera que na vida não existe perfeição, sendo que todas as coisas possuem o lado bom e o lado ruim. Essa visão subjaz um conhecimento estável se contemplado no nível social visto que se apresenta com relativa predominância no senso comum.

No final do turno 2 enquanto Geovana fala “... Já teve inundações”, Lara sobrepõe o seu discurso no turno 3 “de assalto”, contribuindo para a construção da narrativa de Geovana, a falante da vez, que incorpora a contribuição da outra participante ao seu discurso repetindo a elocução “de assalto” no turno 4. Nesse caso,

a fala engatada, a sobreposição e a repetição são pistas que sugerem alta sintonia, envolvimento entre os participantes e o compartilhamento das experiências, possibilitados pela construção coletiva do discurso, conforme falamos, uma característica marcante do evento interacional em análise.

Em “... aquela confusão toda de tira folha, de tira livro” (turno 2) a funcionária justapõe e, conseqüentemente, cria um diálogo entre os vários personagens cuja falas por ela inseridas sugerem esforços dos funcionários em prol da manutenção da biblioteca em condições de uso. Além disso, ao analisarmos essa elocução de Geovana, percebemos que a biblioteca é, para esses personagens, um lugar de memória visto que, conforme já afirmamos, segundo Ricoeur (2007) esse lugar funciona como indícios de recordação. Desse modo, a biblioteca funciona como um lugar de memória ao estar constantemente associada às lembranças dos funcionários em suas narrativas, oferecendo um apoio à memória na luta contra o esquecimento e à medida que o autor afirma que as nossas lembranças estão sempre associadas a um lugar. Conforme podemos observar, por exemplo, no decorrer turno 2 “... E fora nós né, funcionários que sempre se encontra e “puxa você lembra como era a outra direção, o que a gente fazia, o que não fazia”. Então é como se essa biblioteca falasse, né. Passou já muita coisa desde que ela veio para cá até os dias de hoje” e no turno 4 “... Sabe, muita coisa que a gente vai lembrando, sabe... quando bate uma nostalgia a gente lembra de fulano, ele se aposentou, ele foi legal ou graças a Deus ele foi embora....”

Ainda em relação a elocução “... aquela confusão toda de tira folha, de tira livro” (turno 2) observamos que os funcionários, ao falarem das dificuldades físicas ocorridas no espaço da biblioteca, se colocam como participantes ativos nos momentos de dificuldades, ou seja, suportando juntos as adversidades no intuito de preservar esse espaço e mantê-lo em condições de uso. O que, de certa forma, os fazia ir além das suas atribuições estritamente profissionais mais tradicionais, conforme também verificamos no próximo segmento.

Logo, podemos sugerir que ao longo desse segmento Geovana reitera o comprometimento profissional e, ainda, o valor afetivo em relação à biblioteca tanto para ela como para os demais funcionários. Trazendo essa observação sob um viés

macro contextual, percebemos que o comprometimento desses funcionários corresponde a um regime de trabalho, muitas vezes, em declínio em nossa sociedade, que traz visibilidade para valores, ideias e crenças ainda orientadas da ação social, através, por exemplo, da dedicação, do investimento na superação das dificuldades, do estabelecimento de vínculos e elos afetivos. Podemos pensar na faixa etária desses participantes como um fator que contribui para a valorização de determinadas perspectivas que visam o estabelecimento de relações de longo prazo. Atualmente, entre os jovens, muitas vezes, predomina uma relação mais mercadológica e dinâmica de trabalho, de volatilidade nas relações profissionais quando a busca da satisfação profissional está centrada mais nos benefícios financeiros e status profissional do que naquelas perspectivas que valorizam a tranquilidade do serviço estável e da permanência das relações profissionais.

Segmento 4 (GF p. 128)

- | | | |
|-----|-------|---|
| 355 | Jair | outra coisa que houve, uma melhoria, foi o espaço físico dentro da biblioteca. Quando eu entrei, há dezesseis anos, você via lâ de vidro pendurada no teto, caindo na sua cabeça, desmontando. Chovia muito e alagava a biblioteca. |
| 356 | Selma | aí tirava do lugar os livros. |
| 357 | Iara | corria com o balde, corria com o plástico [sobreposições inaudíveis] |
| 358 | Selma | fim de semana Laura cobria os livros para evitar, se chovesse no fim de semana, de molhar. |

Nesse segmento é interessante observar que, ao tematizarem as dificuldades enfrentadas, os funcionários não a enquadram como lamentação, e sim projetam um enquadre de solidariedade. Através da cooperação “corria com o balde, corria com o plástico” (turno 357), esses funcionários situam os obstáculos como parte de um processo de construção e consolidação desse espaço. Alinham-se, através do sujeito implícito na ação do verbo correr, sugestivamente o “nós”, como pessoas solidárias, trabalhadores dedicados e profissionais responsáveis.

Veja que o funcionário Jair no segmento 4 lembra do momento em que a biblioteca ficava alagada quando chovia, após dizer que houve uma melhoria no espaço da biblioteca, ou seja, o passado é utilizado como ponto de apoio para dizer como o espaço melhorou “outra coisa que houve, uma melhoria, foi o espaço físico dentro da

biblioteca. Quando eu entrei, há dezesseis anos, você via lâ de vidro pendurada no teto, caindo na sua cabeça, desmontando. Chovia muito e alagava a biblioteca” (turno 355). O mesmo observamos no segmento 3, turno 2, “então é como se essa biblioteca falasse, né. Passou já muita coisa desde que ela veio para cá até os dias de hoje”. Mesmo a funcionária avaliando que nem tudo é perfeito, ela reconhece que as dificuldades fazem parte da constituição desse espaço. Assim, verificamos nas elocuições acima, que os funcionários olham para o passado a luz do presente e, ainda, avaliam o presente através do passado, conforme discutimos na seção 2.1.1 sobre os fundamentos da Memória Social. Nesse sentido, suas perspectivas são pautadas em como as coisas poderiam ser melhores ou piores o que, conseqüentemente, parece contribuir para a projeção de um futuro melhor para a instituição.

O espaço da biblioteca, no discurso desses profissionais, parece ultrapassar uma caracterização puramente profissional adentrando uma esfera mais afetiva, relacionado às iniciativas implementadas por esses funcionários com o intuito de manterem a biblioteca em condições de funcionamento após as situações mais complexas. Isso se diferencia do distanciamento entre as esferas pessoais e profissionais a que responde, frequentemente, o panorama do regime de trabalho contemporâneo que se manifesta na esfera macro contextual, onde o trabalho é visto preponderantemente como uma relação mercadológica, conforme falamos no segmento anterior. Os participantes tomaram para si responsabilidades que não integram/integravam seu papel profissional na biblioteca para preservá-la fisicamente. Por exemplo, retirar os livros do seu lugar de origem (turno 356 do segmento 4), cobrir os livros com plásticos e colocarem baldes sob as goteiras. Isso para protegerem a biblioteca de inundações e evitar a danificação dos livros (turnos 357 e 358 do segmento 4). É interessante observar no turno 356 (“aí tirava do lugar os livros”), um dos poucos momentos em que Selma fala; estávamos quase na metade do grupo focal e as primeiras manifestações de Selma ocorreram no momento em que os participantes narravam sobre as dificuldades enfrentadas na biblioteca. Isso nos sugere que tais eventos foram marcantes para a funcionária. Os episódios vividos, além da solidariedade, são enquadrados por ela como uma superação dos momentos difíceis, os quais são enaltecidos pela funcionária. Apesar dos incidentes, os funcionários adotaram iniciativas para que o estado físico da

biblioteca não fosse prejudicado e, conseqüentemente, o seu funcionamento. Desse modo, a funcionária se posiciona/constrói como uma pessoa solidária, persistente, além de uma profissional dedicada. Isso nos remete à construção de uma gama de identidades propiciadas pela interação e que se configuram numa perspectiva tanto profissional como pessoal.

No turno 357 “corria com o balde, corria com o plástico” enquanto Lara nos conta que eles utilizavam baldes e plásticos para protegerem o acervo, ouvimos várias sobreposições, que sugerem que a experiência fora compartilhada entre os participantes.

No segmento abaixo vemos mais elocuições que tematizam algumas dificuldades enfrentadas na instituição.

Segmento 5 (GF p. 128)

- | | | |
|-----|-------|--|
| 367 | Jair | e o subsolo, como é que era? |
| 368 | Selma | a gente trabalhava lá dentro e o calor, não é Juca? |
| 369 | Grasi | no balcão? |
| 370 | Selma | no balcão. Sem ter um ar condicionado, a gente tirava o sapato e ficava descalço de tanto calor. Depois eles colocaram o ar para a gente poder trabalhar, porque não dava para aguentar, né? Diminuíam o horário para a gente sair mais cedo para não ficar no calor o dia todo. |

O enquadre das dificuldades enfrentadas, nesse segmento, assim como no anterior, não parece ser um enquadre de lamentação e sim de valorização, de enaltecimento na superação das dificuldades. Os funcionários constroem-se como colaboradores, propondo um alinhamento de solidariedade, pois há uma dedicação de tempo e energia para a manutenção do espaço em condições adequadas para o atendimento ao público.

O agente das ações é narrado através da expressão “a gente” (turnos 368, uma ocorrência e turno 370, três ocorrências) - apontando para o grupo e não para o individual. Isso evidencia o trabalho colaborativo que eles desenvolviam, de forma que o próprio narrador se inclui nesse processo visto que o sujeito “nós” é explícito, diferentemente do segmento 4. Observamos, ainda, no segmento 5, um processo relacional entre o “a gente” (funcionários) e o “eles” (sugerimos que seja a instituição –

UFRJ - , ou seja, os setores competentes aos quais a biblioteca está subordinada). O turno 370 é bastante representativo da relação entre o “nós” e o “eles”: “... Sem ter um ar condicionado, a gente tirava o sapato e ficava descalço de tanto calor. Depois eles colocaram o ar para a gente poder trabalhar, porque não dava para aguentar, né? Diminuía o horário para a gente sair mais cedo para não ficar no calor o dia todo”. Assim, através do “a gente”, os narradores se projetam como pessoas/profissionais que fazem sacrifícios ao trabalharem no calor, ficando descalços, situação normalmente difícil de tolerar, “não dava para aguentar”, mas que eles suportaram durante algum tempo. Já acerca do “eles”, podemos inferir que os narradores os projetam discursivamente com certa leniência, por exemplo, “depois eles colocaram o ar para a gente poder trabalhar”, ou seja, “depois” de algum tempo em que os funcionários enfrentaram o calor, as providências definitivas foram tomadas. Mas antes os funcionários tiveram o horário de expediente reduzido para que essa dificuldade fosse minimizada “... Diminuía o horário para a gente sair mais cedo para não ficar no calor o dia todo” (turno 370). Desse modo, presumimos que o “eles” reflete relativa negligência durante algum tempo em relação às condições ruins de trabalho às quais o “a gente” estava submetido e efetivamente tentavam buscar soluções. Essa atuação leniente da universidade em relação a alguns setores subordinados à instituição é frequente na maioria das instituições de ensino superior público no Brasil. Podemos considerar, como parte do senso comum da população, a opinião de que a universidade brasileira não supre adequadamente a comunidade acadêmica e a sociedade. Isso nos permite admitir que esse posicionamento corresponde a uma estabilidade que opera sob o viés macro contextual nos discursos localmente construídos que tematizam algumas dificuldades enfrentadas pelos usuários das instituições de ensino superior públicas no Brasil. Na verdade essa perspectiva é corroborada por alguns autores, a exemplo de Fávero (2004), o que sugere a sua natureza macro contextual visto que ultrapassou a esfera pessoal e interacional do discurso no aqui e agora. Tais problemas são, parcialmente, reflexos da assistência deficiente em relação à universidade a determinados setores a ela vinculados, situação em que numerosas vezes somos expostos, através de diversas fontes, como as publicações midiáticas e, até mesmo através de experiências pessoais. Os motivos para tal situação vão desde a gestão

precária nas universidades até a falta de políticas públicas que visem suprir adequadamente as instituições de ensino superior brasileira.

Desde a criação das primeiras universidades no Brasil muitos foram os impasses tanto para a sua criação como para a sua organização. Várias reformas foram implementadas¹¹, mas as universidades ainda estão por transformar-se em decorrência de inúmeras questões, sejam elas de ordem administrativa, financeira, patrimonial ou didático-científica. Além da gestão na universidade, questões como a autonomia e o poder das universidades brasileiras também devem ser percebidas como fundamentais para que estas assumam um papel capaz de atender às necessidades emergentes¹².

Assim, nesse segmento percebemos as iniciativas dos funcionários para a manutenção da biblioteca em condições de funcionamento e o papel dessas pessoas na constituição desse espaço. Isso se dá não apenas pelas tentativas de superação dos momentos difíceis, como também pela busca de garantir para a biblioteca uma posição de pioneirismo, sustentada pelo trabalho que esses profissionais desenvolveram/desenvolvem e com o apoio das novas tecnologias, conforme podemos observar no próximo segmento.

Segmento 6 (GF p. 126)

- 314 Cecília e, principalmente Grasi, se eu estiver enganada espero que vocês me corrijam, a nossa biblioteca aqui foi a primeira a montar uma BVS, a primeira a montar uma sala de estudo, vinte e cinco computadores para os usuários pesquisarem. Nós fomos os primeiros, não foi?
- 315 Marcelo seguramente, da universidade, foi.
- 316 Cecília { seguramente.
pois é, então eu acho que nós fomos pioneiros
- 317 Jair { neste aspecto de evoluir, tecnicamente e tecnologicamente=
foi a pioneira.
- 318 Iara { foi a biblioteca piloto.
- 319 Marcelo =e ainda digo mais, antes de fazermos, montarmos essa BVS e antes do portal CAPES ser lançado, nós já tínhamos um embrião de acesso. Aqui nós começamos com três computadores, porque a universidade já tinha comprado algumas bases de dados e colocou online. Mas foi uma época que acho que, se não me engano em 96, 97 que informática e

¹¹ Sobre o tema remeto: FÁVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Editora UFPR, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

¹² Sobre o tema remeto: FÁVERO, M. L. A. Autonomia e poder na universidade: impasses e desafios. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 197-226, jan./jun. 2004

- 320 Cecília [internet-
era só CD.
- 321 Jair no Brasil ainda estava caminhando.
- 322 Marcelo aí o que acontece, nós conseguimos doação do HU de cinco computadores. O diretor do HU doou cinco computadores. Então montamos ali onde agora estão os outros computadores. É um embrião da BVS. Nós montamos ali, criamos as redes e disponibilizamos o acesso das bases que a universidade assinava. Logo depois veio o Portal CAPES e nós já estávamos com o projeto na FAPERJ.
- 323 Cecília para montar a BVS.
- 324 Marcelo e aí saiu a verba da FAPERJ e veio o lançamento do Portal Capes, tudo em cima.
- 325 Cecília porque foi um boom, né? A sala toda reformada, com vinte e cinco computadores novos, os móveis ali, estão bonitos até hoje. E já tem quantos anos?
- 326 Marcelo agora, é louvável, na época Rosária estava à frente, era a transição entre Maria e Rosária, da visão que tivemos do que seria o futuro da informação. Nós estávamos com CD-Rom, bases de dados online que a universidade comprava, a gente já começou a pensar nisso para construir o espaço dos computadores.

Nesse segmento, os funcionários projetam uma imagem de pioneirismo da instituição a partir de um cenário que envolve a inserção das tecnologias no contexto da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e do Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no país, em relação à disponibilização dessas tecnologias na biblioteca, conforme no turno 314 “... foi a primeira a montar uma BVS, a primeira a montar uma sala de estudo, vinte e cinco computadores para os usuários pesquisarem. Nós fomos os primeiros, não foi?”. Na elocução “É um embrião da BVS. Nós montamos ali, criamos as redes e disponibilizamos o acesso das bases que a universidade assinava. Logo depois veio o Portal CAPES e nós já estávamos com o projeto na FAPERJ” (turno 322), os funcionários se inserem como responsáveis por conseguir disponibilizar o acesso às bases de dados assinadas pela universidade antes mesmo da consolidação da BVS no Brasil. A presença da primeira pessoa do plural, ao longo do segmento, tanto no pronome pessoal (nós) quanto no pronome possessivo (nossa - “nossa biblioteca”), aliado ao uso dos verbos que destacam ações positivas empreendidas pelo grupo (montar, criar, disponibilizar, fazer, conseguir) para consolidar a iniciativa pioneira (“primeira a montar”), em um contexto ainda incipiente em tais elocuições (“no Brasil ainda estava caminhando”), são estratégias discursivas que resultam em uma projeção

da biblioteca como uma instituição pioneira também na absorção de novas tecnologias na universidade e no país.

Os termos escolhidos pelos participantes são bastante elucidativos do pioneirismo na biblioteca na implementação das novas tecnologias citadas, como “a primeira a montar”, repetida duas vezes no turno 314 e, ainda nesse turno, temos a expressão “os primeiros”. No turno 315 outro participante reitera o discurso acima através do termo “seguramente”. Em seguida temos “... fomos os pioneiros...” (turno 316), “foi a pioneira” (turno 317) “foi a biblioteca piloto” (turno 318) e “já tínhamos um embrião de acesso” (turno 319).

Em vários momentos desse segmento verificamos sobreposições colaborativas das elocuições, como nos turnos 315 e 316; 316 e 317; 316 e 318; e 319 e 320. Essas pistas nos possibilitam observar mais uma vez a construção coletiva das narrativas através do compartilhamento das experiências entre os participantes.

No turno 326 observamos como Marcelo constrói-se discursivamente com orgulho, ao mesmo tempo que reverencia aquelas que ocupavam, no passado, a chefia da biblioteca através da avaliação encaixada “é louvável” “é louvável, na época Rosária estava à frente, era a transição entre Maria e Rosária, da visão que tivemos do que seria o futuro da informação”. Nas elocuições anteriores esse orgulho fora estendido aos demais colegas “pois é, então eu acho que nós fomos pioneiros neste aspecto de evoluir, tecnicamente e tecnologicamente” (turno 316). Assim, os funcionários não só narram o pioneirismo da biblioteca, como também se inserem completamente e coletivamente nesse contexto. Esses discursos, que versam sobre o êxito do grupo, convergem para estreitar os laços afetivos entre eles à medida que as lembranças remetem a um momento em que eles trabalharam juntos em prol do mesmo objetivo que era, de um modo geral, dar destaque à biblioteca na inserção das novas tecnologias de acesso à informação. Além disso, sugerem cumplicidade e identificação dos funcionários em relação à biblioteca.

É importante destacar no segmento 6 que a adoção das novas tecnologias nas bibliotecas trouxe algumas mudanças curriculares para os cursos de Biblioteconomia, cuja estrutura durante muitos anos privilegiava uma formação fundamentalmente humanista, acadêmica, técnica e cultural. Com o passar do tempo, os currículos dos

cursos tiveram que incorporar os eixos de formação organizacional, gerencial e tecnológico. Desse modo, assistimos atualmente a um embate no campo da Ciência da Informação que se dá na esfera do tecnológico *versus* humanista, não só em relação às mudanças curriculares nos cursos, mas a adaptação dos funcionários no uso das novas tecnologias. No turno 326, por exemplo, o funcionário demonstra, com orgulho, que os funcionários da biblioteca estiveram atentos em relação às novas possibilidades de aprimorar e dinamizar os serviços e produtos oferecidos pela biblioteca através das perspectivas de acesso proporcionadas pelas tecnologias de informação. O orgulho dos funcionários diante das iniciativas implementadas é justificável quando consideramos que os processos de adaptação dos funcionários às novas tecnologias representam, além do trabalho, a quebra de paradigmas, representadas pelas tarefas que eram desenvolvidas preponderantemente pelos funcionários em substituição a adoção das novas ferramentas tecnológicas.

A implantação das novas tecnologias de acesso à informação na biblioteca se constitui em um diferencial para todos os pesquisadores da instituição. Não é por acaso que tais instrumentos são tão importantes na biblioteca universitária visto que o atendimento a pesquisa é uma das suas principais finalidades. Desse modo, contribuir para a formação da comunidade acadêmica deve ser uma meta sob a qual a biblioteca deve estar focada, devendo também ser vista de forma legítima pelos usuários, conforme veremos no próximo segmento.

4.2.3 “Pô, se não fosse essa biblioteca eu estava ferrado”: a importância da biblioteca no discurso dos participantes, projetado discursivamente através do diálogo construído

Nesta seção, trataremos da importância da Biblioteca Central do CCS a partir de alguns segmentos dos dados. Faz-se necessário, neste momento, apresentarmos algumas informações de natureza macro contextual, que nos inserem na perspectiva histórica dessa biblioteca. Cabe também destacar algumas abordagens teóricas sobre o conceito de bibliotecas, especialmente bibliotecas universitárias, como é o caso da

Biblioteca Central do CCS. Tais informações situarão nossos leitores na dimensão histórica e conceitual que envolve a importância da Biblioteca Central do CCS visto que elas ancoram o discurso dos participantes do grupo focal em análise.

Acredito que o contexto histórico da Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde tem seu início a partir da instituição dos Centros na UFRJ, pois as bibliotecas centrais foram criadas com o intuito de atender às demandas dos seus respectivos centros. No entanto, ao contrário do que consta na historiografia oficial (MAIA, 1997), é uma prática entre os funcionários da Biblioteca Central do CCS afirmar que essa biblioteca é a antiga biblioteca da Faculdade de Medicina¹³. Segundo alguns participantes, na ocasião de sua inauguração em 1973, a biblioteca recebeu grande parte do mobiliário, materiais bibliográficos, funcionários etc., provenientes, principalmente, daquela biblioteca. As fotografias antigas, os livros raros que a biblioteca possui e o depoimento informal de um antigo funcionário da biblioteca, o qual trabalhou na Biblioteca da Faculdade de Medicina, chancelam esta afirmação. Atualmente, conforme Carvalho (2009) aponta, nos seus quase duzentos anos, a Faculdade de Medicina guarda um acervo histórico de grande relevância para a compreensão do ensino e da prática das ciências da saúde no Brasil. Além disso, a Faculdade de Medicina teve uma importância fundamental para a instituição do ensino superior no Brasil (MAIA, 1996). A principal guardiã de um raríssimo acervo proveniente desta unidade é a Biblioteca Central do CCS. Nesse sentido, é complexo não remeter as origens da Biblioteca Central do CCS à Biblioteca da Faculdade de Medicina visto que a sua relevância se dá, parcialmente, pela guarda de um acervo raro proveniente, principalmente, dessa unidade.

Contudo, outros aspectos fundamentais relativos às finalidades de criação e objetivos da Biblioteca Central do CCS, destacados no seu site (<http://www.bib.ccs.ufrj.br>) e nos materiais informativos da biblioteca, esclarecem que a formação do seu acervo e a condução dos seus serviços visa a atender todos os cursos do Centro de Ciências da Saúde.

¹³ Como o nosso recorte de análise considera as narrativas de experiências pessoais, não se constituirá objeto de análise pormenorizada, neste estudo, o segmento no qual os funcionários tematizam essas informações, as quais se encontram, preponderantemente, entre os turnos 274 e 294.

Nesse sentido, a Biblioteca Central do CCS, inaugurada em 1973, atua na Cidade Universidade, Ilha do Fundão, onde funcionam a maioria dos cursos do CCS e o Hospital Universitário. O acervo da Biblioteca Central do CCS data do século XIX, além de alguns livros editados do século XVI. Sua coleção, segundo Linden (2000, p. 6), foi formada com a fusão das coleções provenientes das bibliotecas das Unidades: Faculdade de Medicina, Instituto de Ciências Biomédicas, Instituto de Ginecologia, Instituto de Nutrição, Escola de Enfermagem Ana Néri, Instituto de Biofísica, Instituto de Microbiologia, Escola de Educação Física e Desportos, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Farmácia, Maternidade Thompson Motta, Instituto de Pediatria e Puericultura. Ainda de acordo com a autora, foram incorporadas também as coleções das 3^o e 4^o disciplinas de clínica médica, cirúrgica e pós-graduação em dermatologia.

Essa breve abordagem histórica sobre a Biblioteca Central do CCS evidencia a importância e responsabilidade desta frente a sua instituição mantenedora. Sendo uma biblioteca universitária, essa relação é bastante estreita e representativa, considerando que a sua existência se justifica pelo apoio oferecido ao desenvolvimento e produção do conhecimento dentro da instituição a que pertence e para a sociedade em geral.

De acordo com Dodebei et al. (1998) já na Renascença a biblioteca começa a adquirir um sentido mais moderno, refletindo a sua verdadeira natureza, juntamente com o livro e a figura do bibliotecário. A biblioteca perde o caráter religioso da Idade Média e o livro passa a adquirir um sentido social de utilidade pública, devendo estar ao alcance de todos. Assim, as autoras afirmam que a sociedade passa a submeter-se mais aos documentos e contratos do que aos dogmas e mandamentos.

Com o início da imprensa no século XVI houve a multiplicação dos livros, de forma que as bibliotecas passaram a proporcionar um maior acesso à informação, o que ampliou ainda mais o seu alcance. Inicialmente, as obras selecionadas para compor os acervos das bibliotecas, muitas vezes, refletiam mais os sistemas político, social, econômico e cultural vigentes do que uma síntese do conhecimento acumulado. Somente a partir da Idade Moderna que a biblioteca “passou a gozar do estatuto de instituição leiga, civil, pública e aberta, tendo seu fim em si mesma e começando a responder às novas necessidades”, proporcionando uma maior democratização do saber. (DODEBEI; PAULA; COSTA; GRAU, 1998, p.3).

Nos séculos XVIII e XIX, segundo Dodebei et al. (1998), ocorreram grandes transformações nas bibliotecas resultantes das mudanças sociais ocasionadas pela Revolução Industrial. Em alguns países como a Inglaterra e os Estados Unidos as bibliotecas já possuíam, nesse período, um caráter primordialmente educacional. O surgimento de uma nova forma de universidade, cujo eixo de formação privilegiava as áreas técnicas e a pesquisa, necessárias ao desenvolvimento da sociedade, favoreceu o crescimento das bibliotecas universitárias. Assim, para as autoras, o funcionamento, a estrutura, a organização e a composição do acervo das bibliotecas sofreram alterações.

Segundo as autoras, a modernização das bibliotecas universitárias envolve pontos como a disciplinaridade e interdisciplinaridade da academia, a estrutura e a cultura organizacional da instituição e as novas tecnologias para o processamento e a disseminação da informação. Desse modo, o bibliotecário precisa, por exemplo, transitar por várias áreas e avaliar constantemente as estruturas e funções da biblioteca. Já a biblioteca deve, dentre outras funções, suprir as necessidades informacionais dos cursos oferecidos pela universidade, resguardar a produção intelectual da instituição, oferecer ao pesquisador acesso a alternativas como, se necessário, intermediar o acesso a acervos externos à universidade e proporcionar, quando for requisitado, o acesso a outras instituições do próprio acervo. Assim é papel da biblioteca não só armazenar as informações, mas criar uma rede dinâmica para que elas circulem. Para isso, as bibliotecas podem lançar mão das tecnologias com o intuito de desenvolvê-las e modernizá-las, proporcionando maior autonomia gerencial e integração com a sociedade da informação.

Conforme vimos, a evolução do conceito de bibliotecas/bibliotecas universitárias foi favorecida, dentre outros aspectos, por uma série de mudanças paradigmáticas em relação ao ensino e à pesquisa juntamente com alguns avanços tecnológicos, reflexos dos processos de modernização da sociedade. Para a compreensão da constituição do espaço da biblioteca, nesse caso da Biblioteca Central do CCS, podemos retomar algumas informações contextuais em relação à sua formação e observarmos como alguns processos sócio-históricos a influenciaram. Se, por um lado, as nossas investigações consideram o discurso localmente construído, sem nos fixarmos numa investigação mais exaustiva sobre a história oficial da biblioteca, ou sobre os conceitos

que a ancoram, por outro, tais informações são relevantes à medida que permeiam o discurso em construção. Dessa forma, após essa breve apresentação sobre o contexto de criação da Biblioteca Central do CCS e sobre a evolução do conceito de bibliotecas/bibliotecas universitárias, esperamos introduzir os nossos leitores na dimensão da importância da biblioteca para a comunidade acadêmica, especificamente, em se tratando da Biblioteca Central do CCS, no âmbito interno e externo a universidade. Tais aspectos nos auxiliam a observar intrinsecamente como as narrativas dos participantes do grupo focal são construídas visto que a investigação da relação entre os discursos localmente construídos e os contextos macro estruturais que o permeiam são questões que orientam esse estudo.

Alguns participantes do grupo focal narraram algumas experiências pessoais que demonstram a importância da Biblioteca Central do CCS no atendimento às necessidades informacionais dos usuários. O que, corroborando o que já falamos, contribui para que a universidade cumpra a sua missão principal que é “produzir conhecimento e garantir a dinâmica da transferência da informação” (DODEBEI; PAULA; COSTA; GRAU, 1998, p. 4). Veremos, a seguir, como esses discursos são construídos, através da análise de um segmento no qual o diálogo construído (Tannen, 1993) é uma estratégia frequentemente empregada pelos participantes.

Segmento 7 (GF p. 126)

Ao indagarmos os funcionários sobre a importância da Biblioteca Central do CCS para a universidade, a resposta a nossa pergunta veio através das narrativas nas quais as falas de alunos ou ex-alunos, hoje profissionais, são tecidas e colocadas em diálogo para ancorar o discurso comum expresso por Marcelo no turno 313 “... A importância é assim, nós não conseguimos nem mensurar”. Tanto Juca como Marcelo introduzem, em suas narrativas, elocuições de (ex)usuário(a)s proferidas em outro tempo/espço para corporificarem suas opiniões sobre a biblioteca. A seleção dos personagens incorporados nas narrativas, entretanto, não é aleatória, posto que possuem o expertise da experiência por terem sido frequentadores do referido espaço.

- 311 Juca tem aluno que chega aqui e fala “pô, se não fosse essa biblioteca eu estava ferrado”. Por exemplo, teve uma menina lá em cima que ainda pouco telefonou querendo falar com Marcelo ou Grasi para abonar negócio de multa. Ela falou que se não fosse essa biblioteca ela não teria como se formar agora, porque ela depende da biblioteca. Então ela estava querendo abonar a multa por causa disso.
- 312 Diana pois é, então retomando um pouco o que a Grasi perguntou. Quer dizer, como é que vocês percebem a importância que essa biblioteca tem para a universidade? Um pouco o que você falou, né. Como é que o aluno vem e diz uma frase dessas que é uma coisa importante para se pensar. Um aluno que é carente, que está em uma universidade pública, só consegue finalizar um curso porque tem uma biblioteca pública e porque vocês estão aqui.
- 313 Marcelo é, com certeza. A importância é assim, nós não conseguimos nem mensurar. Mas com os relatos e também, bem próximo agora, eu tive um relato de uma ex-estudante de enfermagem que se formou, não tem nem muito anos não, nova, e está morando no Qatar e veio para cá. Ela disse que desistiu da enfermagem, depois de fazer mestrado, desistiu e veio doar uns livros. Todos eles novos, novos. Ela disse “eu lembro que na época em que eu estudei, eu também não tinha dinheiro e eu vi como era importante usar os livros da biblioteca. Alguns livros às vezes a gente também não conseguia porque também tinham poucos, então eu vim doar para contribuir também, porque eu também usei muito e foi muito importante”. Então nós também colhemos esses diálogos, essas informações, essas declarações e a gente vê como é importante...

No turno 311 apresentado no segmento 7, o funcionário insere em sua narrativa, a fala de um aluno que reconhece o valor e a qualidade do serviço prestado, ou seja, o funcionário avalia a importância da biblioteca para a comunidade acadêmica através da avaliação intermediária “pô, se não fosse essa biblioteca eu estava ferrado”. Na mesma linha vemos outra avaliação intermediária. Através do discurso de uma aluna o funcionário fala da impossibilidade dela se formar caso não pudesse dispor dos serviços da biblioteca “ela falou que se não fosse essa biblioteca ela não teria como se formar agora”. As falas dos personagens destacam o caráter de essencialidade da biblioteca para as suas formações. A ela é creditada uma enorme função social. Assim, através de uma experiência vivida por esse funcionário, ele constrói a sua memória utilizando o diálogo construído de outras pessoas, usuários da biblioteca, para dar credibilidade ao seu discurso.

No turno 313 temos o diálogo construído mais uma vez. O funcionário Marcelo elege a fala de uma ex-estudante que estava fora do país e que ao retornar, em solidariedade aos serviços oferecidos pela biblioteca que tanto a ajudaram, doa alguns

de seus livros para que eles também fossem úteis para outros usuários: “eu lembro que na época em que eu estudei, eu também não tinha dinheiro e eu vi como era importante usar os livros da biblioteca. Alguns livros às vezes a gente também não conseguia porque também tinham poucos, então eu vim doar para contribuir também, porque eu também usei muito e foi muito importante”. Ao utilizar a fala de alguém bem sucedido, afirmando que estava fora do país e retornou a biblioteca para doar seus livros, o funcionário dá maior sustentação ao seu ponto. Na verdade, além de expor a importância da biblioteca para a formação da aluna, através novamente da avaliação intermediária, ele evoca uma rede de solidariedade e de cidadania visto que, segundo o funcionário, a aluna, ao reconhecer a importância da biblioteca para a sua formação acadêmica, momento em que ela também identificou que o acervo não era suficiente para suprir a todos os alunos, decidiu doar os livros solidariamente. Nesse sentido, podemos propor que o enquadre da interação é o de solidariedade dos alunos e da imprescindibilidade da biblioteca. Observamos, ainda, que os funcionários alinham-se como profissionais eficientes, já que contribuem para que a biblioteca seja vista pelos alunos de forma tão primordial.

Assim, com base nas narrativas do segmento analisado, observamos como os funcionários constroem discursivamente a importância da Biblioteca Central do CCS, a qual é reconhecida por seus usuários através da sua responsabilidade em suprir as necessidades informacionais da comunidade acadêmica, uma atribuição importante perante a sua instituição mantenedora. Outros discursos, os quais não compõem a pesquisa, mas que escutam rotineiramente na biblioteca, imprimem um caráter peculiar a esta instituição, como alguns alunos, principalmente os mais antigos, que relatam a satisfação de encontrarem, nessa biblioteca, obras esgotadas e raras. Conforme falamos no início desta seção, a Biblioteca Central do CCS, à época de sua inauguração, recebeu um grande volume de títulos provenientes de várias unidades, dentre elas a Faculdade de Medicina. Some-se a isto o fato da Biblioteca Central do CCS receber um relevante volume de doações de bibliotecas departamentais da UFRJ, de outras instituições e de (ex)usuários e professores. Muitos desses professores são eméritos da universidade, os quais doam obras de própria autoria com dedicatórias à

biblioteca e à universidade¹⁴. Em alguns casos, recebemos a doação “emocionada” da biblioteca particular de profissionais atuantes na área da saúde, muitas vezes um acervo que os acompanhou ao longo de uma vasta experiência profissional. Normalmente, nesse tipo de acervo, há muitas obras raras e esgotadas. Tudo isso contribui para compreendermos que a Biblioteca Central do CCS armazena um acervo bastante peculiar, o que corrobora com a importância dessa biblioteca projetada nas narrativas dos funcionários através, principalmente, do diálogo construído.

Veremos na próxima seção, a relação de afetividade e pertencimento em relação à biblioteca nos discursos dos funcionários, além de uma fascinação, uma simbologia do que é trabalhar em uma biblioteca do porte da Biblioteca Central do CCS.

4.2.4 “Para mim foi a melhor coisa que aconteceu, foi eu pertencer ao serviço público na UFRJ na biblioteca”: o privilégio e a satisfação

Nesta seção, apresentaremos segmentos cujas narrativas de experiências pessoais evidenciam uma projeção discursiva que sugerem o privilégio e a satisfação entre os participantes por serem funcionários da Biblioteca Central do CCS na UFRJ. Os funcionários, ao serem indagados sobre a importância da biblioteca para eles no turno 400, “para finalizar, assim, eu queria saber, já que a gente falou muito da importância para os alunos, para a universidade, e para a vida de vocês?”, exprimem tal importância tanto no âmbito pessoal como profissional. Desse modo, vemos na construção de suas narrativas um imbricamento de configurações identitárias pessoais e profissionais, aspecto que também será explorado na seção 4.2.5.

Segmento 8 (GF p. 129)

- | | | |
|-----|-------|--|
| 400 | Grasi | para finalizar, assim, eu queria saber, já que a gente falou muito da importância para os alunos, para a universidade, e para a vida de vocês? |
| 401 | Jair | para mim foi a melhor coisa que aconteceu, foi eu pertencer ao serviço |

¹⁴ Por exemplo, algumas doações do Professor Emérito Clementino Fraga Filho, o qual após forte atuação na UFRJ teve seu nome dado ao Hospital Universitário dessa instituição.

- público da UFRJ na biblioteca. Eu me sinto orgulhoso sobre pelo fato-
- 402 lara e eu quando fui-
- 403 Jair eu me sinto orgulhoso de trabalhar na instituição. Foi o maior presente de Deus, que Deus me deu. Fiz tudo quanto foi concurso público, o único que eu
- 404 Cecília [risos]
- 405 Jair passei foi aqui
- 406 lara porque era pra entrar, era pra entrar.
- 407 Jair o único que eu passei assim, com mérito.
- 408 Marcelo eu também digo assim praticamente as mesmas palavras que você. Eu eu-
- 409 Jair eu agradeço muito.

No segmento 8, turno 401 “para mim foi a melhor coisa que aconteceu, foi eu pertencer ao serviço público da UFRJ na biblioteca. Eu me sinto orgulhoso sobre pelo fato” observamos três camadas de satisfação, as quais se referem ao ingresso no serviço público, na UFRJ e na biblioteca. Nestes casos, supomos que os motivos para essa satisfação se devem à estabilidade do serviço público, ao reconhecimento da atuação da UFRJ em escala mundial, conforme citado anteriormente na seção 4.2.2, e ao trabalho na biblioteca, principalmente por se tratar de uma biblioteca de grande dimensão física e de relevante atuação na área da saúde, visto na seção 4.2.3. Essas perspectivas são exemplos de como o nível macro contextual, através das estabilidades refletidas nas dimensões institucionais, por exemplo, ancoram os discursos (RIBEIRO; PEREIRA, 2002). Nesse sentido, temos o Discurso com “D” maiúsculo, conforme aponta Gee (1999), que compreende a construção no aqui e agora, discurso com “d” minúsculo e outros processos, conforme discutimos anteriormente.

No turno 401 “... Eu me sinto orgulhoso sobre pelo fato-”, a parada súbita no final da elocução, transcrita por um pequeno travessão (-), sinaliza o bloqueio da narrativa de Jair pela interrupção de lara no turno subsequente “e eu quando fui-”, o que pode ser interpretado com o desejo da participante de também contar sua estória sobre a importância da biblioteca para a vida dela, como o fez numa oportunidade posterior. No turno 403 “eu me sinto orgulhoso de trabalhar na instituição...” Jair faz o mesmo com a sua interlocutora, ou seja, a interrompe no turno 402 e conclui o turno. É interessante observar que, quando a narrativa de Jair sobre a importância da biblioteca para a vida dele parecia finalizada no turno 407 “o único que eu passei assim, com mérito.” através da descida leve em sua entonação representada pelo símbolo “.”, ele interrompe o turno

do próximo falante para afirmar o quanto ele é agradecido por trabalhar na biblioteca “eu agradeço muito.” no turno 409. As interrupções nas elocuições desse turno sugerem como o tema suscitado na indagação proposta no turno 400 sobre a importância da biblioteca para a vida dos participantes despertou o interesse e a atenção dos funcionários. Foi um momento em que inferimos, através da análise da interação, a vontade da maioria dos participantes de narrar as suas experiências. Algumas pistas, além das interrupções, como no turno 402 “e eu quando fui”, como os risos no turno 404, nos permitem observar um enquadre de satisfação, agradecimento e, ao mesmo tempo brincadeira. A satisfação e a gratidão de Jair eram, supostamente, compartilhadas entre outros funcionários, como no turno 408 “eu também digo assim praticamente as mesmas palavras que você. Eu eu-”.

Jair atribui no turno 403 a sua conquista ao divino visto que ele considera que trabalhar na instituição “foi o maior presente de Deus...”. No turno 406 Lara afirma que Jair entrou na biblioteca porque “era pra entrar”, atribuindo ao destino a responsabilidade sobre o ingresso de Jair na biblioteca. Tanto no turno de Jair como no de Lara temos crenças - divino e destino – que se remetem a ordens discursivas que são construídas e compartilhadas socialmente. A repetição de Lara “... era pra entrar, era pra entrar” (turno 406) tem a função de produção, pois contribui para aumentar a fluência, podendo ser considerada automática no discurso de Lara (Tannen, 1989). Tanto no discurso de Jair como no de Lara, em relação a Jair, não foram destacados aspectos como capacitação e qualificação profissional.

Marcelo, no turno 408, também se alinha ao discurso de Jair afirmando que com ele aconteceu praticamente da mesma forma.

Ao longo de todo o segmento 8, Jair se projeta discursivamente como uma pessoa privilegiada por ter entrado no corpo de funcionários da biblioteca, atribuindo a sua conquista ao divino. É curioso observar que no grupo focal de profissionais da biblioteca as questões profissionais ora aparecem como figura, ora como fundo nas narrativas, ou seja, as narrativas estão sempre permeadas de assuntos pessoais ligadas ao contexto familiar ou religioso, por exemplo. Como acontece no relato de Jair e em vários outros momentos do grupo focal no qual os funcionários inserem questões relativas ao universo familiar nas suas narrativas. Ao serem indagados sobre a

importância da biblioteca para a vida deles, raramente ocorreram elocuições que apresentassem aspectos sobre desempenho nas tarefas, qualificação profissional. Inclusive os aspectos relativos às dificuldades inerentes a uma instituição acadêmica pública brasileira, embora brevemente citadas no decorrer de todo o grupo focal – que foram exploradas no segmento 5 através do sujeito implícito “eles” –, permaneceram mais como fundo do que como figura ao longo da entrevista. Uma exceção, em que se destacaram mais os aspectos profissionais, ocorreu no discurso de Marcelo, funcionário que ocupa uma posição de coordenação na biblioteca, conforme segue no segmento abaixo.

Segmento 9 (GF p. 130)

- 410 Marcelo eu era da UFF, também de concurso público, não era bibliotecário lá, mas eu trabalhava na instituição e via como era o funcionamento da instituição, era biblioteca também. Lá era a biblioteca da medicina, da Faculdade de Medicina. E vim para cá, por concurso também, né? E, a diferença da...
- 411 Jair da dinâmica de trabalho?
- 412 Cecília de uma instituição para a outra?
- 413 Marcelo de uma instituição para a outra, estrutura administrativa, era outra. Aqui, realmente, para trabalhar, para desenvolver um trabalho. Porque lá, mesmo eu não sendo bibliotecário, eu participava de algumas atividades que os bibliotecários faziam e via as dificuldades para desenvolver uma simples rotina. Um simples boletim informativo que a gente pensou em fazer, as dificuldades que a gente tinha porque a gente estava ligado a um centro, a... a... um núcleo de documentação que era ligado a central e era distante. Às vezes a gente queria lápis e caneta e levava duas semanas para chegar. As coisas mínimas, era, era, e a gente não podia pedir ao prédio onde estávamos instalados porque não estávamos na estrutura administrativa daquele prédio.
- 414 Cecília era do HU, né? era do hospital?
- 415 Marcelo então assim, eles não tinham nada a ver com a gente. Não adianta pedir ao diretor se eu estou ligado a uma outra unidade. E quando eu vim para cá, é, assim, o tamanho do prédio, enfim, tudo isso impacta legal, mas como as coisas aconteciam aqui eram muito mais fáceis, ainda que não funcione como deveria, mas a gente tem o pessoal de manutenção que dá o suporte na área de elétrica e todas as áreas, tem o almoxarifado específico, tem uma estrutura administrativa que facilita a comunicação e o suprimento das necessidades, compra, isso aquilo. Então, para desenvolver o trabalho, e eu falo isso como bibliotecário, os meus olhos ficaram, sabe, como criança, olhando um brinquedo bacana, eu falei “caramba, aqui dá para fazer as coisas”. Tanto é que as coisas aconteceram e eu consegui me desenvolver profissionalmente, até em outras áreas, na área de redes, então oportunidades que a

universidade dá para a gente, todos aqui fizeram cursos, né? De aperfeiçoamento, de línguas e etc. Então né, como o Jair falou, isso aqui foi um presente de Deus. De ter, não só pelo fato de estar numa repartição pública, de ter uma garantia de emprego e tal, mas da abertura de fronteiras, de horizontes para que você pudesse desenvolver trabalhos, aqui a gente desenvolveu projetos, participou de congressos no exterior, no Brasil, então no campo, na área profissional, o trabalho na universidade, na UFRJ e na Biblioteca Central do CCS, que é muito dinâmica nessa área da saúde, eu me sinto muito gratificado e, é, contemplado nos meus anseios profissionais como bibliotecário aqui na Biblioteca Central do CCS.

Marcelo destaca os valores da Biblioteca Central do CCS na UFRJ através de uma perspectiva relacional. Os pontos positivos da biblioteca são construídos discursivamente na relação e comparação com a Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF). Esse recurso utilizado pelo funcionário valoriza e dá credibilidade aos pontos que ele evidencia em relação à Biblioteca Central do CCS, pois embora ela seja uma biblioteca de uma universidade federal, assim como a biblioteca da UFF, segundo Marcelo, ela é mais desburocratizada e proporciona maiores possibilidades de desenvolvimento profissional (turnos 410 ao 415). Nesse sentido, esse funcionário se alinha como uma pessoa privilegiada por pertencer ao quadro de funcionários da Biblioteca Central do CCS, conforme o turno 415 "... e o suprimento das necessidades, compra, isso aquilo. Então, para desenvolver o trabalho, e eu falo isso como bibliotecário, os meus olhos ficaram, sabe, como criança, olhando um brinquedo bacana, eu falei "caramba, aqui dá para fazer as coisas". Tanto é que as coisas aconteceram e eu consegui me desenvolver profissionalmente, até em outras áreas...". O funcionário, através do enquadre fascinação, analisa como ele ficou deslumbrado com as possibilidades de obter recursos e desenvolver trabalhos no intuito de aprimorar os serviços da biblioteca. Nesse sentido, ele constrói discursivamente uma analogia interessante entre "o bibliotecário", fascinado diante das expectativas de desenvolvimento do trabalho na biblioteca, e, possivelmente, de uma ascensão profissional, e uma "criança" deslumbrada com um "brinquedo bacana". Assim, uma possível expectativa expressa na analogia citada é atendida visto que Marcelo avalia, principalmente, através da avaliação encaixada "caramba, aqui dá para fazer as coisas" (turno 415), que esses fatores contribuíram para a sua ascensão e desenvolvimento profissionais, afirmando no final do segmento que os seus anseios profissionais foram

contemplados até em outras áreas de trabalho na instituição, se alinhando como um profissional dedicado e bem sucedido. Assim, diferentemente de Jair e dos demais funcionários que participaram do grupo focal, Marcelo, ao trazer a sua narrativa de experiência pessoal, destaca a esfera profissional com relação à questão sobre a importância da biblioteca para a vida dele, em detrimento de uma perspectiva mais pessoal. No turno 415, assim como no discurso de Jair, Marcelo adiciona a dimensão do divino em seu discurso sobre a conquista de trabalhar hoje na biblioteca “... então né, como o Jair falou, isso aqui foi um presente de Deus...”. No caso de Marcelo, a dimensão do divino é projetada discursivamente como uma soma ao seu esforço e satisfação profissional em desenvolver projetos, participar de eventos etc. Ou seja, ele se posiciona como o agente do seu desenvolvimento profissional. Contudo, Jair explicitamente se posiciona mais como um receptor de ações do que como um agente em relação à sua inserção profissional na biblioteca, não explicitando aspectos como desempenho e capacitação profissional.

Marcelo destaca a condição de servidor público “não só pelo fato de estar numa repartição pública, de ter uma garantia de emprego e tal” (turno 415). Nesse sentido, observamos o macro discurso que evoca a condição do servidor público federal brasileiro atravessando o discurso de Marcelo, construído no aqui e agora na interação. Sua satisfação parece transcender a condição de servidor, relacionando-se também à execução das atividades na biblioteca e ao desenvolvimento profissional. Marcelo destaca algumas características da instituição, como a possibilidade de desenvolver projetos e participar de congressos “aqui a gente desenvolveu projetos, participou de congressos no exterior, no Brasil, então no campo, na área profissional, o trabalho na universidade, na UFRJ e na Biblioteca Central do CCS, que é muito dinâmica na área da saúde” (turno 415). Nesse turno, vemos a reiteração das três camadas de satisfação, conforme apontamos anteriormente: a condição de servidor público, na UFRJ, e na biblioteca. Os motivos dessa satisfação expostos por Marcelo podem ser considerados como estabilidades no discurso, cuja natureza é macro contextual (GEE, 1999; RIBEIRO; PEREIRA, 2002). Ou seja, o trabalho em uma repartição pública, o que lhe dá uma garantia de emprego, a atuação em uma instituição do porte da UFRJ, o

que lhe garante uma série de perspectivas de crescimento, e a satisfação de trabalhar na Biblioteca Central do CCS, uma instituição muito dinâmica na área da saúde.

Exploraremos no próximo segmento algumas projeções discursivas em relação à satisfação de um funcionário por trabalhar na Biblioteca Central do CCS, de forma que suas configurações identitárias profissionais e pessoais sobrepõem-se.

Segmento 10 (GF p. 131)

Veremos, ao longo do segmento abaixo, as projeções discursivas de Juca ao referir-se satisfatoriamente à importância da biblioteca para a sua vida pessoal apesar de construir-se identitariamente como um profissional acomodado. Tais aspectos serão comparados com as projeções que outros participantes constroem em relação à sua atuação profissional sob algumas perspectivas macro contextuais que permeiam esses discursos.

- | | | |
|-----|---------|--|
| 434 | Juca | eu não tenho o que falar. Por isso, eu estou há trinta e sete anos aqui. Eu só não cresci porque eu não quis, acho que foi preguiça mesmo. |
| 435 | Iara | até para enfrentar o Aleph [base de dados do acervo da biblioteca] foi- |
| 436 | Cecília | de estudar, né? |
| 437 | Iara | foi complicado. |
| 438 | Juca | mas também não me arrependo por causa disso não. Eu encontro vários professores aí. “Ô Juca, como é que você tá? Tudo bem?” “Tudo bem”. “Boa época sua lá na biblioteca”. “Eu continuo lá na biblioteca ainda”. Eu tenho uma filha com 28 anos, foi médico daqui da universidade que ajudou. Tá tranquilo. |
| 439 | Selma | os alunos falam assim- |
| 440 | Cecília | você tem 37 anos? |
| 441 | Selma | os alunos falam assim “pergunta a ele que ele sabe, ele sabe tudo que tem aqui. Pergunta a ele”. |

Nesse segmento, Juca inicia a sua narrativa falando sobre quanto tempo está na biblioteca e que não se desenvolveu mais profissionalmente por falta de iniciativa própria. Ainda em relação à pergunta sobre a importância da biblioteca para os funcionários (turno 400), Juca projeta-se discursivamente como um profissional satisfeito no turno 434 “eu não tenho o que falar. Por isso, eu estou há trinta e sete anos aqui.”.

Ainda no turno 434 “... Eu só não cresci porque eu não quis, acho que foi preguiça mesmo.” observamos que a instituição deu-lhe oportunidades, mas o funcionário assume integralmente a sua participação no não desenvolvimento profissional “eu só não cresci porque não quis”, além de projetar-se discursivamente como um preguiçoso, um atributo altamente estigmatizado em nossa sociedade contemporânea na qual o valor do trabalho é central na vida humana “... acho que foi preguiça mesmo”. No turno 438 o funcionário recria um diálogo no qual ele é o personagem “mas também não me arrependo por causa disso não. Eu encontro vários professores aí. ““Ô Juca, como é que você tá? Tudo bem?” Tudo bem. “Boa época sua lá na biblioteca”. Eu continuo lá na biblioteca ainda”. Assim, ele apresenta uma contrapartida ao dizer que a biblioteca proporciona-lhe reconhecimento pessoal, retificando o alinhamento de profissional satisfeito preponderante no segmento 10. No mesmo turno, ele relata que a universidade foi muito importante em sua vida, pois lhe proporcionou conhecer profissionais que lhe ajudaram na sua vida pessoal “... eu tenho uma filha com 28 anos, foi médico daqui da universidade que ajudou...” Nessa elocução é interessante observar como as experiências pessoais e profissionais se misturam, ou seja, a inserção profissional na Biblioteca Central do CCS, atuante na área da saúde, proporcionou alguns benefícios na vida pessoal do funcionário.

Através das observações acima, vemos que Juca se constrói como um profissional acomodado, mas um homem grato, enquanto que os colegas o projetam discursivamente como um expert. Nesse sentido, Juca é reverenciado pelos colegas devido à experiência que este possui na biblioteca: “... pergunta a ele que ele sabe, ele sabe tudo que tem aqui. Pergunta a ele” (turno 441), conforme narra Selma através de um diálogo construído no qual ela trás o discurso de um aluno e posiciona Juca como o funcionário mais experiente da biblioteca, embora ele se alinhe no início do segmento como um profissional mediano (turno 434). Trazendo as elocuições de Selma e Juca para uma perspectiva macro contextual, sugerimos que as expectativas que eles evidenciam são distintas. Selma posiciona Juca como um excelente profissional pela experiência que esse funcionário possui, acumulada ao longo dos anos, de forma que conhece muito bem o funcionamento da biblioteca. Juca, no entanto, se constrói como um funcionário que não se desenvolveu muito profissionalmente destacando aspectos

como atualização profissional e domínio das novas tecnologias, conforme é corroborado por lara “até para enfrentar o Aleph foi-” (turno 435), que é interrompida por Cecília “de estudar, né?” (turno 436) e, em seguida, lara completa o turno 435 “foi complicado.” (turno 437). Isso nos remete à mudança nos paradigmas institucionais na modernidade através da formação continuada – um valor contemporâneo -, onde os processos de capacitação e qualificação devem fazer parte das rotinas daqueles que almejam a excelência profissional. No turno 457, por exemplo, “eu sei fazer o básico” Juca, apesar de ser reverenciado pelos colegas, se constrói discursivamente como um profissional regular, pois não domina todas as tecnologias atuais das quais a biblioteca se beneficia. Conforme falamos no segmento 6, trata-se de um embate no campo da Ciência da Informação que se dá entre as esferas humanistas e tecnológicas.

No próximo segmento é possível observar à ressignificação do espaço da biblioteca, muitas vezes, como um ambiente lúdico, onde as configurações identitárias são projetadas discursivamente ora como profissionais, ora como pessoais. Em vários momentos do grupo focal as estratégias de envolvimento utilizadas pelos funcionários e suas projeções discursivas estão muito mais a serviço da relação interpessoal do que profissional. Estes traços podem ser identificados ainda mais nitidamente no segmento analisado a seguir.

4.2.5 “Ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes aí correndo”: a ressignificação do espaço na biblioteca – configurações identitárias profissionais/pessoais

Segmento 11 (GF p. 132)

- 467 Grasi e você Bianca, tem alguma coisa pra falar, como é que foi?
 468 Bianca é... como Jair, lara, também tenho 17 anos aqui, também concursada de de 92 e... a biblioteca teve assim certa influência é... forte, né? Porque quando eu vim pra cá minha
 [choro]
 filha tinha-tava com 11 meses, então ela... ,é... (6.0) ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes aí correndo. Quando tinha... tinha alguma coisa... é, algum evento né, aqui... ela gostava
 [vários participantes com lágrimas nos olhos]
 muito de vim pra cá, né-
 469 Cecília e vem até hoje, né?

- 470 Iara é, os filhos foram criados bem dizer aqui.
 471 Bianca como Juca falou né, não crescemos mais por é... força de
 vontade mesmo, né?
 472 Jair [risos]
 fazer a creche aqui.
 473 Bianca Teve tanta influência que a minha filha agora está fazendo
 [falou muito emocionada]
 vestibular pra biblioteconomia e quer trabalhar aqui né?
 474 Marcelo [sorriu]
 Legal.
 475 Cecília é essa eu não sabia, não.
 476 Iara nem eu.
 477 Bianca até falei para as meninas que-
 478 Aline não deixou fazer para UFF, né? Só tentou aqui, aqui e UNIRIO.
 479 Bianca [risos]

No segmento abaixo encontramos o ponto mais emocionante e intrigante do grupo focal, no qual diferentes alinhamentos se sobrepõem no discurso de Bianca, processo denominado por Goffman (1981 apud FABRÍCIO, 2002) de laminação, conforme exposto na seção 3.1.2.1.

Bianca estava um bom tempo em silêncio até que foi indagada por mim sobre a inserção dela na biblioteca. Ela inicia o seu discurso se alinhando como funcionária antiga ao relatar que trabalha na biblioteca há bastante tempo “também tenho 17 anos aqui” (turno 468) e que é concursada “também concursada” (turno 468). Desse modo, atribui a si os méritos da sua entrada por esforço próprio e o de ser uma funcionária antiga, valores que a enaltecem dentro da perspectiva macro contextual de um determinado regime de trabalho que privilegia valores como a experiência acumulada devido ao tempo de permanência na instituição e a admissão no trabalho por concurso público, os quais não operam com tanta frequência na contemporaneidade. Em seguida, relata que a biblioteca teve “certa influência”, e após uma hesitação, acrescenta dizendo que a influência foi forte “biblioteca teve assim certa influência é... forte, né?” (turno 468), expondo os motivos dessa importância. Tais motivos são enunciados através de uma narrativa, na qual a personagem principal, sua filha, nos é apresentada no início de sua vida (11 meses). Alinhando-se como mãe, Bianca nos conta que sua bebê/criança frequentava, durante a infância, o espaço da biblioteca, do qual ela gostava.

Ao trazer a filha como personagem principal para a narrativa, Bianca transforma a biblioteca em um espaço lúdico: “Ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes, aí

correndo. Quando tinha... tinha alguma coisa... é algum evento né aqui... ela gostava muito de vim pra cá” (turno 468). Neste caso, o espaço da biblioteca é, na fala de Bianca, apropriado pela sua filha e ressignificado. Para ambas, a biblioteca parece ter sido vivida como uma extensão da sua casa.

Bianca ficou tão emocionada ao descrever a importância da biblioteca na sua vida, no turno 468, que ficou cerca de seis segundos (6.0) sem conseguir falar e chorou ao narrar sobre quando ela entrou na biblioteca, ocasião em que a sua filha, atualmente com 17 anos, tinha onze meses.

Após contar que a sua filha cresceu na biblioteca, que participava dos eventos comemorativos, outra funcionária, também emocionada, conta que a filha de Bianca gosta de estar na biblioteca até hoje. Assim, ela presentifica o elo entre a funcionária, sua filha e a instituição. As várias hesitações no discurso de Bianca sinalizam como era profundo e importante o tópico de que ela estava tratando, de forma que ela tinha dificuldades de encontrar as palavras para construir a sua narrativa. Tal dificuldade não desvaloriza o seu desempenho como narradora, muito pelo contrário. Quando a emoção tomou a voz de Bianca, um silêncio tomou conta do espaço (6.0). Ninguém toma o turno de Bianca mesmo após os seis segundos de silêncio. De acordo com o conceito de *fillers* (MARCUSCHI, 1986), as hesitações de Bianca também contribuíram para a sua permanência com o turno, pois demonstraram que ela não havia finalizado a elocução e havia o interesse em prosseguir.

Como entrevistadora/pesquisadora, funcionária e participante do grupo, olhei ao redor e vi vários funcionários calados, como se estivessem fazendo cada um uma retrospectiva dos momentos que viveram na biblioteca. Muitos com lágrimas nos olhos, inclusive eu. Por mais que tentasse conter as minhas lágrimas também fiquei muito emocionada. Talvez por uma característica pessoal, por ter vivido algo similar com o meu filho quando frequentou a creche-escola da universidade, ou pelo o que Pollak (1992) o chama de acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, o sentimento de pertencimento em relação ao grupo nos leva a reagir a uma lembrança, mesmo não participando diretamente do evento, de forma como se tivéssemos participado, conforme falamos na seção 2.1.1. A verdade é que as estratégias utilizadas por Bianca em sua narrativa são riquíssimas e muito envolventes, o que explica a comoção do

grupo. Além disso, o enquadre familiar construído, geralmente, evoca um forte envolvimento no imaginário, particularmente o feminino. O choro de Bianca e, posteriormente, a comoção dos demais participantes integra um conjunto de regras sociais compartilhadas através de uma gramática emocional na qual a emoção se situa como uma forte característica cultural, que privilegia determinadas construções de sentidos, apoiadas em determinado conjunto de pistas de contextualização, tais como a seleção lexical, o uso da entonação, etc.

Foi intrigante e surpreendente observar que a pergunta sobre a importância da biblioteca para a vida de Bianca no primeiro turno despertou fundamentalmente aspectos tão pessoais.

Bianca se alinha como mãe em praticamente todo o segmento. Seu discurso oscila entre o passado e o presente. Observe que no turno 473 Bianca conta que a influência da biblioteca foi tão intensa na sua vida e de sua filha que atualmente ela quer estudar biblioteconomia e quer trabalhar na biblioteca. Seguindo a abordagem estruturalista (LABOV, 1972 apud Bastos, 2005), a elocução em que Bianca relata o interesse de sua filha em trabalhar na biblioteca pode ser considerada a resolução da narrativa que tem como a ação complicadora a influência da Biblioteca na vida de Bianca, a qual se alinhando como mãe, constrói o seu discurso trazendo a figura da filha. A notícia sobre o interesse da filha de Bianca em estudar biblioteconomia e trabalhar na biblioteca despertou alegria e surpresa entre alguns funcionários. Marcelo, por exemplo, sorriu e comentou: “legal” (turno 474), Cecília falou “essa eu não sabia, não” e Lara completou “nem eu” (turno 476).

Nas elocuções “é, os filhos foram criados bem dizer aqui” (turno 470) e “fazer a creche aqui” (turno 472) observamos que outros funcionários compartilham experiências similares a de Bianca, visto que os eixos família/trabalho parecem estar atrelados. É muito curioso que no momento de toda essa emoção eu pensei muito no meu filho. Quando eu o levava para escolinha na UFRJ, que fica num prédio próximo da biblioteca, ele perguntava: “mamãe, hoje eu vou trabalhar com você?” Mesmo não frequentando mais a escola da universidade, ele sempre pede para ir à biblioteca. Acredito que essa construção da família na biblioteca contribui para sentidos de pertencimento dos funcionários em relação a essa instituição.

No final da entrevista, os funcionários se recordaram dos bons momentos já vividos na instituição. Eles relataram que, na época da páscoa, a então chefe da biblioteca escondia ovos de páscoa entre as estantes para que os funcionários e seus filhos os encontrassem. O espaço da biblioteca é, mais uma vez, re-apropriado pelos participantes como um espaço lúdico. Os funcionários falaram também das festas ocorridas na biblioteca, como festa caipira, natalina, churrascos e das reuniões que sempre eram acompanhadas de chazinhos, conforme veremos abaixo.

Segmento 12 (GF p. 132)

- 480 Geovana aqui qualquer coisa era motivo pra reunir o pessoal e vinha aquela
criaçada toda, toda aquela criaçada-
- 481 Cecília as filhas do Ivo também foram criadas aqui, hoje são tudo moças.
482 Bianca é também.
483 Cecília corriam no meio das estantes. Os da Fernanda.
484 Aline [risos]
exploravam os meus filhos, colocavam para levar livros. Dalva.
- 485 Iara Dalva.
486 Juca Dalva.
487 Jair o que que as crianças iriam fazer aqui sem fazer nada, então eles
aprendiam a trabalhar. Por isso que eles hoje são trabalhadores, porque
eu ensinei a trabalhar.
- 488 Iara assim, os filhos dela [Aline], os meus, o do Jair, a da Bianca.
489 Cecília Fernanda.
490 Iara os da Fernanda, da Dalva, do Ivo. Do Gilson e do Joel, os nossos são tudo
mais ou menos a mesma idade, entre 18, 19-
- 491 Jair 24 anos
492 Iara 23 e tudo nessa fase
493 Geovana então... você consegue imaginar a festa de natal, páscoa.
494 Iara é... a Karla tem 23, Ronaldinho tem 19, o da Rosa fez 19, o da Dalva tem
23 que é da idade da Karla, o da Fernanda também. A menina vinha para
cá, o mais velho era da idade de-
- 495 Juca o da Dalva vinha para cá e eu falava "vamos guardar livro". O sobrinho
dela vinha para cá. [se referindo a Geovana]
[risos]
- 496 Geovana vocês exploravam o meu sobrinho.
497 Jair os filhos dela [se referindo a Aline], os filhos dela vinham para cá, eram
duas espoletas.
- 498 Iara era tudo da mesma idade, sabe?
499 Jair como é que ia fazer para ficar sossegado? Trabalhando...
500 Iara colocava para carregar livro.
501 Jair [risos]
um botava para carimbar e o outro me ajudava a carregar as revistas
[risos]
- 502 Aline depois você dava R\$1,00 para cada um
503 Bianca na páscoa, heim Grasi?
504 Jair R\$ 1,00 sim e foi o primeiro R\$ 1,00 que ele ganhou na vida dele e
[risos]

- trabalhando.
- 505 Bianca Grasi, ô Grasi, na páscoa a Rosária trazia um montão de ovos de páscoa e escondia nas estantes.
- 506 Cecília chegava mais cedo na biblioteca colocava para nós acharmos.
- 507 lara ela chegava mais cedo na biblioteca, abria 7:30, aí ela chegava quinze para as sete, abria-
- 508 Jair nunca achei um ovo. [risos e sobreposições inaudíveis]
- 509 lara a criançada, todo mundo vinha, aí saía catando
- 510 Jair era bem legal.
- 511 Cecília não, mas era para gente também, né?
- 512 lara também. Nesse dia nós podíamos trazer os filhos. Todos eles saiam correndo.

Esse segmento se inicia com a elocução “aqui qualquer coisa era motivo para reunir o pessoal...” (turno 480). Pressupomos que “pessoal” aqui se refere à equipe de funcionários da biblioteca e a sua família, especificamente, seus filhos. Desse modo, o espaço da biblioteca se caracteriza como uma “segunda casa” dessas pessoas, um espaço lúdico e, ainda, através do enquadre brincadeira, um espaço pedagógico-laboral.

Esse segmento é bastante representativo da construção coletiva da memória através do compartilhamento de experiências. Geovana inicia a narrativa sobre as reuniões na biblioteca e, em seguida, vários participantes contribuem com lembranças sobre os filhos dos funcionários nas visitas realizadas na biblioteca.

Esse segmento representa um momento interessante da entrevista no qual os funcionários alinham-se como pais ou mães, evidenciando suas identidades pessoais, mas subsidiariamente a esses discursos suas identidades profissionais permanecem através do processo de laminação. Os indícios desse imbricamento de indentidades profissionais e pessoais podem ser verificados nas expressões que remetem ao trabalho na biblioteca, encaixadas no cenário de re-apropriação do espaço pelos funcionários e seus filhos. No enquadre familiar, os participantes projetavam as lembranças das visitas dos filhos uns dos outros, algumas vezes mencionando suas idades, o que nos sugere que esse também pode ter sido um fator de aproximação dos seus filhos e motivador dos encontros como a comemoração da páscoa, por exemplo. Isso ocorre no turno 490 “os da Fernanda, da Dalva, do Ivo. Do Gilson e do Joel, os nossos são tudo mais ou menos a mesma idade, entre 18, 19-”. Concomitantemente aos discursos sobre a visita dos filhos a biblioteca, os participantes evocam algumas

atribuições profissionais desta instituição, como em “exploravam meus filhos, colocavam para guardar livros...” (turno 484). Essa elocução também é um exemplo da utilização da biblioteca como um espaço de aprendizado profissional, assim como nas elocuções “...eu ensinei a trabalhar” (turno 487), “...vamos guardar livro” (turno 495) e “colocava para carregar livro” (turno 500), “um botava para carimbar e o outro me ajudava a carregar as revistas” (turno 501). Nesses turnos, Jair se projeta como preceptor. Cabe a ele introduzir as crianças no mundo do trabalho, remunerando-as inclusive. Tinha o papel de educar segundo a perspectiva de que o trabalho torna o homem mais digno e nobre.

Entre os turnos 505 e 512 os funcionários falam sobre as festas de páscoa comemoradas na biblioteca, ocasião em que os funcionários e seus filhos procuravam ovos de páscoa entre as estantes “A criançada, todo mundo vinha, aí saía catando” (turno 509). Nesse momento, a sobreposição de vozes e os risos denotam o quanto esse era um assunto compartilhado e motivavam esses participantes. Essa hipótese pode ser reiterada de forma explícita no turno 510, quando Jair afirma “era bem legal”. Podemos considerar o mesmo em relação aos filhos dos funcionários à medida que os participantes narram que “todos eles saíam correndo” (turno 512) a procura dos ovos de páscoa, nos sugerindo que havia uma empolgação das crianças com o evento. Os vários momentos de risos no segmento denotam um enquadre brincadeira e as sobreposições sugerem alto grau de sintonia conversacional, o compartilhamento de experiências que orientam o discurso em construção.

Se considerarmos, por exemplo, que as funções da biblioteca vão além daquelas que constituem formalmente a instituição, podemos dizer que, nas narrativas sobre os namoros nas cabines e os ovos de páscoa nas estantes, temos exemplos de ressignificação do espaço da biblioteca que convive com a sua funcionalidade original, como a guarda e circulação de livros, revistas etc. Essa observação do que é constitutivo das práticas sociais e que é, em um nível mais macro, contemplado com certa estabilidade, ao ser relacionado com os episódios há pouco citados, sugerem que o espaço da biblioteca pode servir para outras finalidades, além daquelas percebidas como mais estáveis. Nesse sentido, podemos considerar que a biblioteca, para aqueles participantes, é multifuncional, ou seja, ela não serve apenas para o que o seu site

descreve, como guarda e empréstimos de materiais bibliográficos, um local para pesquisa e estudo etc. A biblioteca e qualquer outra instituição serve ao uso que dela fazemos, seja aquele tradicionalmente previsto ou não.

Nos turnos subsequentes ao último segmento exposto, os quais se encontram na transcrição a partir do turno 513 até o momento que o grupo focal se finaliza, os participantes falam das demais festas comemorativas na biblioteca. Coletivamente os participantes vão recordando dos eventos, churrasco, festa caipira, festa de natal etc. Percebemos um saudosismo quando os funcionários falam desses encontros. Uma funcionária fala, inclusive, do desejo de retomar essas práticas comemorativas, lembrando como elas eram prazerosas, conforme no turno 534 “... É era bom”.

No próximo capítulo, apresentaremos as considerações finais a que chegamos após toda a trajetória que envolveu esta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que cumprimos o nosso objetivo nesta pesquisa que é investigar as memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais de funcionários da Biblioteca Central do CCS/UFRJ, a partir das narrativas de experiências pessoais, inseridas em uma entrevista grupal. Analisamos a co-construção desses discursos no “aqui e agora”, como uma construção local e central na interação entre os interlocutores e a sua relação com o macro contexto, o qual ancora a visão sócio-histórica e institucional que sustenta essa construção. Nesse sentido, observamos e discutimos como os funcionários co-constroem as suas memórias e configurações identitárias profissionais e pessoais, através das narrativas de experiências pessoais; quais projeções discursivas são projetadas, ratificadas e/ou modificadas ao longo da interação; como se dá a relação entre os discursos localmente construídos e os contextos macro estruturais que os permeiam; e em que medida é possível um diálogo entre as narrativas, memórias e identidades através da linguagem.

Convém, ainda, nesta conclusão, destacar algumas implicações metodológicas e teóricas deste estudo. O corpus desta pesquisa é constituído por uma entrevista grupal com funcionários da biblioteca, na qual a pesquisadora e a orientadora deste trabalho foram as mediadoras. A referida entrevista, gravada em áudio e posteriormente transcrita por mim, pautou-se em um roteiro com perguntas abertas que visavam à evocação de narrativas que tematizassem as memórias dos funcionários em relação à biblioteca. Com base nas investigações propostas, algumas narrativas foram selecionadas e analisadas. Nesses segmentos, para uma transcrição mais apurada, de forma a destacar algumas pistas de contextualização mais relevantes na análise dos dados, utilizamos as convenções listadas no Anexo A. Cabe destacar que a entrevista, a transcrição, a seleção dos segmentos, os recortes analisados e a sua interpretação são etapas de um processo longo, delicado e altamente dinâmico, cujo resultado é orientado em função dos propósitos deste estudo.

Esta pesquisa teve o aporte dos pressupostos da Memória Social e dos conceitos de identidades e narrativas, consoantes aos fundamentos da Sociolinguística Interacional. No âmbito da memória social, a concepção de memória como uma

construção social a partir de Halbwachs (2004) é uma proposta relevante e coerente para o trabalho, visto que as memórias profissionais e pessoais dos funcionários são construídas a partir de um determinado grupo e com base em critérios selecionados no presente. Ao trabalharmos com projeções discursivas, acreditamos que as identidades dos sujeitos são construídas e atualizadas na interação e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Diante do dinamismo que envolve o conceito de identidade, optamos por adotar a expressão configurações identitárias, pois, conforme aponta Mishler (2002), a fragmentação do sujeito o leva a contínua atualização de identidades. Considerando que, de acordo com Linde (2009), as narrativas podem ser um dos mecanismos que as instituições utilizam para se lembrar e compreender “quem somos nós”, observamos que as narrativas constituem-se em um locus fértil para a investigação de memórias e configurações identitárias. Dessa forma, podemos imaginar o sujeito como o agente na ação de moldar a instituição, fazendo com que ela seja o que é e sirva a diferentes propósitos, o que é co-construído na interação através das diversas narrativas de experiências pessoais. Ainda em relação às narrativas, Reissman (2008) e Bastos (2005) apresentam algumas abordagens nas quais elas são consideradas de forma mais estrutural ou como uma prática social. A abordagem estrutural é utilizada subsidiariamente, com o foco no elemento “avaliação”, o qual nos auxiliou a identificar a carga emocional da narrativa e o seu ponto. Fundamentalmente, remetemo-nos, neste estudo, à visão da narrativa sendo influenciada pela construção local e por uma ordem social mais ampla.

A análise do discurso na vertente da Sociolinguística Interacional nos forneceu os subsídios para a análise das narrativas. Nesse sentido, os estudos de Goffman (1964; 1979) e de Gumperz (1982) foram fundamentais para este trabalho, visto que nos possibilitou a compreensão do conceito de interação como resultado da construção conjunta entre falante e ouvinte e por apontar que a comunicação humana pressupõe um trabalho inferencial no qual aspectos negligenciados do uso da língua desempenham um papel fundamental.

A análise das narrativas do grupo focal foi organizada em cinco blocos temáticos. No primeiro bloco apresentamos a pergunta que iniciou o grupo focal, ou seja, sobre o

significado da elocução “ah... se essa biblioteca falasse...”. Essa elocução suscitou narrativas sobre inusitados episódios que envolvem a prática de sexo nas antigas cabines de estudo da biblioteca, através das quais observamos a ressignificação do seu espaço. A biblioteca é utilizada não apenas como um local de estudo, vista sob um viés mais estável através do conhecimento socialmente compartilhado sobre as finalidades de uma biblioteca, mas serve também para outros usos que dela fazemos como namorar ou - conforme fora articulado no quinto bloco da análise - brincar, celebrar a páscoa, o natal etc. No segundo bloco, foram selecionadas narrativas que tematizavam a constituição da Biblioteca Central do CCS ao longo dos anos. Para superar os obstáculos que cercearam o seu processo de constituição até os dias atuais, segundo nos contaram os participantes do grupo, a biblioteca se apoiou, muitas vezes, na cooperação entre os seus funcionários. Observamos, ainda, um discurso laudatório no qual os funcionários narram sobre a saudade do tempo que passou e que não volta mais, posição também sustentada no último bloco de análise do grupo focal. Algumas ações de melhorias urgentes na biblioteca são tratadas supostamente de forma negligente, convocando-nos a refletir sobre a situação da maioria das instituições de ensino superior público no país cujo suprimento das demandas na instituição é, muitas vezes, insuficiente, configurando-se como um problema social. No terceiro bloco, problematizamos a importância da biblioteca para a comunidade acadêmica e para a sociedade. Nesse sentido, além da análise dos segmentos selecionados, apresentamos, inicialmente, o contexto de criação dessa biblioteca em consonância com o conceito de bibliotecas universitárias, estabilidades que destacam a sua importância devido à guarda de um relevante acervo histórico, além da sua forte atuação no apoio ao desenvolvimento e produção do conhecimento na área da saúde. No quarto bloco, destacamos a importância da biblioteca para os seus funcionários, cenário no qual se observa o privilégio e a satisfação entre esses participantes por pertencerem ao serviço público, na UFRJ e, especificamente, nessa biblioteca. Isso nos remeteu sugestivamente a três camadas de satisfação, perspectivas que subjazem o discurso em construção, como a estabilidade do serviço público, o reconhecimento da atuação da UFRJ em escala mundial e ao porte e atuação da Biblioteca Central do CCS na área da saúde. Outro assunto destacado nesse bloco relaciona-se à inserção das

novas tecnologias na biblioteca, o que provocou mudanças paradigmáticas na relação entre o trabalho que era desenvolvido predominantemente pelo homem e a adoção de novas técnicas advindas como o conhecimento tecnológico. Finalmente, conforme já apontado, no quinto bloco observamos a ressignificação do espaço da biblioteca como um espaço lúdico, de brincadeiras, de comemorações entre os funcionários e seus familiares ou, em um nível mais estável, de reuniões profissionais.

A análise das narrativas do grupo focal apresenta a construção de um tecer de experiências em relação à biblioteca através de uma imbricação entre as esferas públicas e privadas, institucional/profissional e familiar e de um entrelaçamento de “redes de memória”. Assim, a memória é construída por certos atravessamentos, pois através das narrativas analisadas observamos que quando os funcionários se lembram, eles o fazem com toda a sua história de vida, sendo impossível separar as lembranças da sua vida profissional das lembranças da vida pessoal. Dessa forma, o processo altamente dinâmico e relacional de construção das memórias, narrativas e configurações identitárias dos funcionários que participaram do grupo focal envolve um intenso compartilhamento de experiências. Nesse sentido, esses processos são conjuntamente construídos pelos participantes, e é nessa co-construção que ocorre a negociação dos significados e das relações sociais. Assim, observamos na construção da memória coletiva, diferentes alinhamentos constitutivos de uma variada gama de identidades pessoais e profissionais, alicerçadas em valores tais como companheirismo, amizade e solidariedade, os quais contribuem para uma configuração de pertencimento entre os funcionários em relação à biblioteca. Em vista disso, muitas vezes, as narrativas dos funcionários inclinam-se para as relações interpessoais em detrimento do enfoque de aspectos profissionais, como, por exemplo, na maioria das narrativas sobre a importância da biblioteca para os funcionários. Algumas pistas de contextualização tais como o silêncio, as hesitações, o choro, os risos e as sobreposições, frequentes nas narrativas, foram bastante relevantes na análise dos dados e, juntamente a outras, nos permitiu observar os enquadres na interação como, por exemplo, de brincadeira, de cooperação, de solidariedade e de pioneirismo. Nesse sentido, este estudo focaliza a perspectiva de atores sociais envolvidos em um regime de trabalho, atualmente, em processo de decadência pela pressão de uma nova ordem

mais mercadológica, volátil e dinâmica. Os funcionários trazem visibilidade para valores e ideais ainda orientadores de ações como comprometimento, elos afetivos, sacrifício, orgulho, estabilidade profissional, dignidade etc. Tais perspectivas visam valores de longo prazo almejados por uma determinada faixa etária no qual o grupo está inserido, ou seja, de quarenta a sessenta anos. A análise nos sugere também que os funcionários contextualizam certas fases vividas na biblioteca no passado comparando-as com a sua situação no presente, o que os possibilita avaliar e inferir se as coisas são/eram ou poderiam ter sido melhores ou piores. Alguns participantes, através do diálogo construído, evocam a fala de alunos e ex-alunos da instituição para expressar a importância da biblioteca para a universidade, os quais creditam uma atuação positiva e, de certa forma, imprescindível da biblioteca para com a comunidade acadêmica.

Diante do exposto, destacamos que, ao analisarmos as memórias e as configurações identitárias profissionais e pessoais a partir das narrativas de experiências pessoais dos funcionários da Biblioteca Central do CCS, observamos inicialmente uma trajetória repleta de curiosidades e expectativas nos discursos dos participantes. As curiosidades se devem, dentre outros, às experiências inusitadas e ao ambiente lúdico, como apresentado. Já as expectativas dizem respeito à motivação e ao interesse, por parte desses funcionários, em contribuir para que uma “parede” para a construção das memórias nessa instituição seja erguida. Isso pode ser observado através do compartilhamento de experiências entre os funcionários, ora como narradores, ora como espectadores interessados em ouvir e experimentar as lembranças dos colegas. Conforme falamos, a projeção do eu diante do que está sendo contado é um dos aspectos que moldam a narrativa. Ao construir suas memórias em relação à instituição, os funcionários estão constantemente projetando e reatualizando suas diferentes identidades através do discurso. Por isso a importância em conduzir os nossos questionamentos para além da fronteira “do que é dito” para o “como é dito”, destacando-se também outras competências além da linguística na interação, as quais se referem aos conhecimentos compartilhados na construção e na interpretação das elocuições.

Desse modo, esse estudo de natureza interdisciplinar apoiou-se no diálogo entre os fundamentos da Memória Social e na análise do discurso na vertente da

Sociolinguística Interacional, contribuindo, através das conclusões descritas, para mais um aprofundamento na articulação entre essas áreas. Nesse sentido, acredito que alguns enfoques mereçam destaque por terem contribuído de forma bastante relevante para esta pesquisa, podendo ser útil para outros estudos sobre memória, narrativas e identidades em interface com a Sociolinguística interacional. Um deles refere-se ao processo de amadurecimento da pesquisa: se inicialmente, o nosso interesse fora investigar as “memórias oficiais” da biblioteca, posteriormente, a partir do contato aprofundado com os dados, constatamos que a riqueza das narrativas dos funcionários não se assentava nos eventos oficiais de criação e instituição da biblioteca. Suas memórias arrolavam histórias de vida com eventos/afetos que fazem parte de vivências e experiências cotidianas. Isso nos conduziu à investigação de outro ponto, que se relaciona aos usos que se fazem/faziam da biblioteca, os quais ultrapassavam as suas finalidades originais de criação, como um ambiente para namorar, brincar e celebrar. O que nos levou a refletir sobre o discurso construído localmente e as estabilidades que o sustenta e que refletem uma visão sócio-histórica, institucional etc., a qual os nossos esforços investigativos, conforme demonstramos, também almejavam alcançar. Essa reflexão se constituiu em um grande benefício para a pesquisa já que, partindo da micro-sociologia, pudemos compreender que, ao estudarmos as narrativas de determinados atores sociais, estamos estudando a linguagem e, conseqüentemente, a sociedade, pois é impossível separar a linguagem da sociedade na qual ela é linguagem. Acredito que relacionar os discursos construídos no aqui e agora com as estabilidades macro estruturais tenha sido o nosso principal desafio visto que, algumas vezes, a Sociolinguística Interacional foca em primeiro lugar a descrição e a interpretação da linguagem e secundariamente articulações entre as ordens interacional e social/institucional, política etc.

Dada à riqueza do corpus dessa pesquisa, sugerimos outros desdobramentos que, em interface com as diversas áreas do conhecimento, possam gerar novos estudos e projetos. Sugerimos, por exemplo, um estudo aprofundado sobre as origens do acervo da Biblioteca Central do CCS, investigando-se o processo de transferência e incorporação do acervo de várias unidades acadêmico-administrativas da universidade para a Biblioteca Central do CCS, por exemplo, as coleções da Biblioteca da Faculdade

de Medicina. Certamente, tal estudo resultaria na descoberta de preciosas e raríssimas coleções, inclusive, proveniente de outros países.

Fazer esta pesquisa foi estabelecer, grosso modo, uma ponte entre passado e presente. Acredito que a investigação da construção da memória e das configurações identitárias pessoais e profissionais nessa instituição pode servir como ponto de apoio para os diferentes agentes sociais que nela atuam, pois os resultados que emanam desse olhar podem contribuir para uma maior legitimação institucional.

Na verdade, os sentidos do termo “construção” presente de forma conteudística nesta pesquisa, representa, com muita eficiência, todo o processo de elaboração deste estudo. Os caminhos a serem seguidos foram delineando-se com o desenvolvimento da pesquisa, conduzindo-nos por vários pontos, conforme os citados acima, os quais nos permitiram criar outro grau de inteligibilidade para a investigação, seguidos de objetivos mais claramente delimitados. Numa perspectiva mais aplicada, nossa contribuição consiste em mostrar que as narrativas de experiências pessoais dos funcionários, as quais arrolam tanto aspectos pessoais como profissionais em níveis micro e macro contextuais, são resultados da construção conjunta entre os participantes em um evento interacional específico. Os resultados proporcionados pelo trabalho da interação são únicos, inéditos e originais. Certamente, se as mesmas perguntas fossem dirigidas aos mesmos participantes em outro momento os dados obtidos não seriam os mesmos.

Nesse sentido, desejo concluir este trabalho atestando que as pesquisas que envolvem o gênero narrativo se constituem em um rico solo para pesquisas acadêmicas. Além disso, tendem a fomentar cumplicidade e envolvimento da pesquisadora em relação ao seu texto, tornando a elaboração da pesquisa desafiadora, interessante e atrativa. Se em um primeiro momento a elocução “Ah... se essa biblioteca falasse....” despertou a minha curiosidade e interesse, hoje, através das tantas estórias analisadas, finalizo esse texto com a certeza de ter desfrutado apenas um passeio nesse território rico e fértil onde ainda há muito o que se explorar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas?: acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 27-42.
- BASTOS, Líliliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, S. Leopoldo, v.3, n.2, p.74-87, 2005.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.197-221 (Obras Escolhidas, Volume 1).
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: Usos e abusos da história oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. P. 183-191.
- CARVALHO, Diana Maul de. O museu virtual da faculdade de medicina. In.: QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros; OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). **Universidade e lugares de memória II**. Rio de Janeiro: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ - Sistema de Bibliotecas e Informação, 2009, p. 37-53.
- COLLINS. **English dictionary: anniversary Edition 30**. Grã-Bretanha: HarperCollins Publishers Limite, 2010. Disponível em: <<http://dictionary.reverso.net/english-cobuild>>. Acesso em: 29 março/2011.
- CONSELHO DA JUSTIÇA FEDERAL. **UFSC deve indenizar aluna cadastrada indevidamente em site de relacionamentos**. Portal da Justiça Federal, 20 fev./2009. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/cjf/outras-noticias/2009/fevereiro/ufsc-deve-indenizar-aluna-cadastrada-indevidamente-em-site-de-relacionamentos>>. Acesso em: 06 de dez./2011.
- CONSELHO DA JUSTIÇA FEDERAL. **Aluna sequestrada em estacionamento da UFRGS receberá indenização**. Portal da Justiça Federal, 24 nov./ 2011. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/cjf/outras-noticias/2011/novembro/aluna-sequestrada-em-estacionamento-da-ufrgs-recebera-indenizacao>>. Acesso em: 06 de dez./2011.
- CRETTON, AnaMaria. **Folclore, Cultura Popular e Educação: Discursos e Memórias em Práticas Comunicativas Institucionais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- DANTAS, Maria Tereza Lopes; PINTO, Diana de Souza. O retorno da vida através da arte: análise do discurso de uma artesã/paciente psiquiátrica em situação de entrevista.

In.: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Lilian Cabral (Org.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado das letras, 2002. p. 435–450.

DODEBEI, Vera; PAULA, E. B. M.; COSTA, M. V. B.; GRAU, I. A. **Bibliotecas Universitárias Brasileiras**: uma reflexão sobre seus modelos. In: VI Ciclo de Estudos em Ciência da Informação, 1998, Rio de Janeiro. VI CECI, 1998.

FABRÍCIO, Branca Falabella; LOPES, Luis Paulo Moita. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n.2, p. 11 – 29, jul./dez., 2002.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Implementação de mudanças no contexto educacional**: discursos, identidades e narrativas em ação, 2002. Tese (Doutorado em estudos da linguagem)-Departamento de Letras da PUC-RIO-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. p. 57 – 103.

FÁVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Editora UFPR, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

_____. Autonomia e poder na universidade: impasses e desafios. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 197-226, jan./jun. 2004

FREUD, Sigmund (1896). **Carta 52 in a correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1986.

GARCEZ, Pedro M.; OSTERMANN, Ana Cristina. Glossário conciso de sociolinguística interacional. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 257-264.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis**: Theory and method. New York: Routledge, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 160 p.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. Tradução de Pedro M. Garcez. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 13-20. Tradução de: The neglected situation, 1964.

_____. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148. Tradução de: Footing, 1979.

_____. The frame analysis of talk. In: _____. **Frame analysis**. New York: Harper & How, 1974

_____. **Interactional ritual**. New York: Anchor Books, 1967.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. Apresentação. In: _____. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 7-10.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô.; DODEBEI, Vera. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

GRINGS, Luciana. **Construções identitárias em narrativas de descendentes de imigrantes: genealogia e memória.** 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. Tradução de José Luiz Meurer; Viviane Heberle. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 149-182. Tradução de: Contextualization conventions, 1982.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e a memória individual. In: _____. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004. p. 29-56.

_____. **Les cadres sociaux de La mémoire.** Paris: Albin Michael, 1992.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 2003. p.422-476.

LINDE, Charlotte. How institutions remember. In: _____. **Working the past: Narrative and institutional memory.** New York: Oxford University Press, 2009. p. 3 – 14.

_____. **Life stories: the creational of coherence.** New York: Oxford University Press, 1993.

LINDEN, Myriam Lafayette de Sá. A biblioteca da Faculdade de Medicina. **Boletim do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ.** Ano 10, n. 1/2, dez. 2000.

LODER, Letícia L. O modelo de Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, Letícia L.; JUNG, Neiva M. **Fala em interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Práticas Narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica.** Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001. p. 55-72.

MAIA, George Doyle. A implantação do Centro de Ciências da Saúde na Ilha do Fundão. In.: SIANO, Lúcia Maria F.; SARAIVA, Suzana B. C. **UFRJ: 75 anos.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 171 – 178.

_____. Biografia de uma faculdade: história e estórias da Faculdade de Medicina. São Paulo: Atheneu, 1996. 206 p.

MAIO DE 1968. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968>. Acesso em 08 fev./2011.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. Rio de Janeiro: Atica, 1986.

MENDES, G. F.; WEHLING, A.; WEHLING, M. J. Emblemas, ritos e discursos: a construção de uma instituição. In: LEMOS, Maria Tereza Toribio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Org.). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 23-37.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Lilian Cabral (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das letras, 2002. p. 97–119.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Moraes, 1985.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós graduados em História e do departamento de História - PUC/SP**, São Paulo, v. 10, 1993.

_____. Memória: da liberdade à tirania, In: SEMINÁRIO “Memory and History in French Historical Research During the 1980’s and 1990’s. África do Sul, 12- 19 de ago. 2000.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. **A casa de Minerva: entre a ilha e o Palácio - os discursos sobre os lugares como metáfora da identidade institucional**. 2011. 328f. Tese (Doutorado em Memória Social)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Das ilhas à cidade – a universidade invisível**: a construção da cidade universitária da Universidade do Brasil (1935-1950). 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô.; DODEBEI, Vera. (Org.) **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 73-88.

PINTO, Diana de Souza. Análise do discurso, o uso de imagens e o campo da saúde: aspectos teórico-metodológicos. **RECIS**. Revista eletrônica de comunicação, informação e inovação em saúde (Edição em português. Online), Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jun. 2011.

_____. **A percepção da loucura**: análise do discurso de pacientes internadas numa Instituição Psiquiátrica. 1995. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. As estórias de Larissa: o processo de construção da referência e as múltiplas “projeções do eu” em narrativas em uma entrevista psiquiátrica. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001. p. 121-141.

_____. Memória, discursos e instituições. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ - Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008, v. 1, p. 63-79.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 3 - 15.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Memória e História**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, v. 1, p. 51-86.

RIBEIRO, Branca T. **Coherence in Psychotic Discourse**. New York: Oxford University Press, 1994.

RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.). Apresentação à nova edição. In. **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 7-11.

RIBEIRO, Branca T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001.

RIBEIRO, Branca T.; PEREIRA, Maria das Graças Dias. A noção de contexto na análise do discurso. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora**, v. 6, n.2, p. 49 – 67, jul./dez., 2002.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: _____. **Memória, História e esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 25-134.

_____. **O tempo narrado**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 498 p. (Tempo e narrativa, v. 3).

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Sage Publications: California, 2008

ROCHA, Glória Walkyria de Fátima. A Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro: da Praia Vermelha à Ilha do Fundão – o (s) sentido (s) da mudanças. Tese (Doutorado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A., JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 7, n.1 - 2, p. 9 – 73, jan./dez., 2003. Tradução de “A simplest systematics for the organization for turn taking for conversation. *Language*, Baltimore, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974”

SCHEGLOFF, Emanuel. Whose text? Whose context? **Discourse and society**, v. 8, n. 2, p. 165-187, abr. 1997.

SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. **Language in Society**, v.25, n. 2, p.167-203, 1996.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. **PUC/MG vai pagar R\$ 100 mil a estudante que foi esfaqueada em festa no campus**. Coordenadoria de Editoria e Imprensa, 22 jun. 2010. Disponível em: <http://stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=97808&tmp.area_anterior=44&tmp.argumento_pesquisa=Pontificia%20Universidade%20Catolica%20de%20Minas%20Gerais>. Acesso em: 06 de dez./2011.

TANNEN, Deborah. **Talking voices**: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. 3. reimp. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1989.

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. Brasília: ABDF, 1984. 118 p.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988. p. 83-181.

UFRJ aparece no ranking de melhores universidades do mundo. **O Dia online**, 18 ago. 2010. Disponível em: <http://odia.terra.com.br/portal/educacao/html/2010/8/ufrj_aparece_no_ranking_de_melhores_universidades_do_mundo_104069.html>. Acesso em: 22 de março 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Medicina 200 anos: em busca da memória perdida. **Olhar Vital**, Agência UFRJ de notícias. Edição 183. 7 ago. 2008. Disponível em: http://www.olharvital.ufrj.br/2006/index.php?id_edicao=138&codigo=14. Acesso em 10 de ago. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde**, 2009. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/bibccs/>>. Acesso em: 20 set. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde. Sistema de Bibliotecas e Informação. Divisão de Desenvolvimento de Bibliotecas. **Relatório**. Base Gerencial - BAGER 2010. Rio de Janeiro, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Plano diretor 2020**. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/planodiretor/>>. Acesso em: 22 março 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Wikipedia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_do_Rio_de_Janeiro>. Acesso em: 22 março/2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. In.: LOBO, Francisco Bruno. **UFRJ**. Subsídio à sua história. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

VERNANT, J. P. Aspectos míticos da memória. In: _____. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 135-166.

ANEXO A – Convenções de Transcrição

| SÍMBOLO | ESPECIFICAÇÃO |
|-------------------|---|
| .. | Pausa observada ou quebra no ritmo da fala com menos de meio segundo |
| ... | Pausa observada de meio segundo ou mais |
| . | Descida leve, sinalizando o final da elocução |
| ? | Subida rápida, sinalizando uma interrogação |
| , | Subida leve, sinalizando que mais fala virá |
| - | Parada súbita devido à interrupção |
| - | Usado entre duas palavras na mesma elocução, significa bloqueio na fala |
| () | Fala não compreendida |
| (0,0) | Indicação dos segundos de pausa durante a elocução |
| [] | Observações não verbais observadas pelas entrevistadoras durante a entrevista |
| [| Duas elocuições ligadas por este sinal indicando sobreposição das falas |
| <u>sublinhado</u> | Ênfase |
| = | Utilizada no final de uma elocução e no início de outra para indicar que uma ligou a outra, sem interrupção |

Convenções de Transcrição. Fonte: Ribeiro, 1994

APÊNDICE A – Roteiro para a entrevista

- 1) O título deste trabalho “Ah... se essa biblioteca falasse...” provém do discurso de um antigo funcionário da Biblioteca Central do CCS. O que vocês acham que esta frase significa?
- 2) O que vocês conhecem sobre as origens da Biblioteca do Central do CCS?
- 3) Com que finalidade a Biblioteca Central do CCS foi criada?
- 4) Qual é a importância da Biblioteca Central do CCS para a universidade?
- 5) E para sua vida?
- 6) Fale-nos sobre algo inusitado/diferente/inesperado que tenha ocorrido na Biblioteca Central do CCS ao longo de todos esses anos em que você trabalha(ou) aqui.
- 7) Por que alguns Institutos ligados ao Centro de Ciências da Saúde não estão instalados na Cidade Universitária?

APÊNDICE B – Transcrição do Grupo Focal

*Esta transcrição privilegia o conteúdo das narrativas. Para a transcrição apurada, consultar os excertos selecionados no capítulo 4.

- 1 Grasi: bem gente vamos começar então. É... bem já falei um pouco sobre o meu projeto que é falar sobre a memória da biblioteca e eu queria começar é... perguntando a vocês é... fazendo uma pergunta que motivou boa parte da minha pesquisa e... que foi primeiro uma afirmativa de um funcionário aqui da biblioteca que ao contar uma estória, falava primeiro a seguinte frase “ah se essa biblioteca falasse” e aí a partir dessa frase eu fui vendo que essa biblioteca tinha muita coisa e.. por trás desse discurso... muita coisa sobre a memória que está na cabeça de todo mundo, mas que não tem nada escrito. Coisa que circula e então eu percebi como é rica a memória desta biblioteca e eu estou aqui para investigar isso. Queria saber de vocês o que vocês acham que quer dizer isso, essa afirmação, essa exclamação, “ah... se essa biblioteca falasse....”
- 2 Geovana: no meu ponto de vista eu acho que é assim sabe... várias pessoas já passaram, você vai às vezes... por ser da área da saúde você vai ao médico “aí que saudade, que saudade da época, fulano ainda tá lá, trabalha lá? Puxa que legal... estudei, aquela dificuldade toda de pegar livro, às vezes a biblioteca cheia não tinha lugar para sentar, a gente criou muitas amizades lá”, entendeu? E fora nós né, funcionários que sempre se encontra e puxa você lembra como era a outra direção o que a gente fazia o que não fazia. Então é como se essa biblioteca falasse, né? Passou já muita coisa desde que ela veio para cá até os dias de hoje. Muita coisa legal, mas muita coisa chata também. Às vezes... já teve até princípio de incêndio aquela confusão toda de tira folha, de tira livro. Já teve inundações
- 3 lara: de assalto
- 4 Geovana: de assalto. Sabe, muita coisa que a gente vai lembrando, sabe... quando bate uma nostalgia a gente lembra de fulano, ele se aposentou, ele foi legal ou graças a Deus ele foi embora. Sabe que tem tudo, não tem só o lado bom, tem o lado ruim também. São pessoas é... saudades de pessoas que foram muito marcantes
- 5 Grasi: [risos discretos]
- 6 lara: [risos discretos]
- 7 Geovana: como pessoas sabe... que não faz muita falta não, né? Eu acho que se falasse, sabe muita.... Vou ser sincera... tem gente que faz falta, mas tem gente que menos um... Você não pode tapar o sol com a peneira e dizer que tudo foi bom, não tudo. Em lugar nenhum. Nem na casa da gente, nem na família da gente, nem nada
- 8 lara: tem professores também que foram ex-alunos da gente, tipo o Mascarenhas, né, que é super amigo da Dalva, que é diretor da parte de...
- 9 Aline: IESC
- 10 lara: não... ele é do IESC. Agora é epidemiologista, as meninas da enfermagem, né Juca? [risos....]
- 11 Juca: éeee
- 12 lara: várias
- 13 Juca: várias
- 14 lara: então tem muitos estudantes que agora são funcionários da universidade, né que continuam amigos, tipo a Maria.
- 15 Aline: o prefeito também
- 16 lara: é
- 17 Aline: o Henrique
- 18 lara: professor Henrique que sempre vem visitar a gente, vem às vezes para consultar ou até para visitar mesmo, né... muito legal.
- 19 Grasi: tem mais alguma coisa?
- 20 Geovana: Juca, Juca que tem estória
- 21 lara: Juca... que tem estória...[risos...]
- 22 Juca: é... [sorrindo]

- 23 Geovana: as homenagens, Juca. Todo ano ele era homenageado. Juca sendo homenageado pela enfermagem [risos]
- 24 lara: enfermagem
- 25 Juca: mas o bom é isso, né? Todo ano eu era homenageado pela enfermagem...[risos] é.... às vezes pela Faculdade de Medicina também. Os alunos... mas é bom... Tinha que vim lá de fora até aqui dentro
- 26 lara: e várias coisas que achavam no teto... Então quinta-feira você já via livro escondido no forro não sei que... que era especial, que saía fim de semana. Aí o Juca já sabia, já ia atrás, já tirava entendeu. Livro que a classificação de 600 estava em 700, 800 então cento e pouco.
- 27 Juca: até hoje
- 28 Geovana: que é de livre acesso, né...
- 29 Juca: até hoje a gente ainda caça os livros que eles escondem, os livros que saem sexta-feira para devolver na segunda-feira
- 30 Geovana: é isso...
- 31 Juca: e como tem poucos exemplares, poucos volumes, e-
- 32 Geovana: e isso é legal que os que se formaram falam isso, tá. Eu tenho um médico que ele fala-
- 33 Juca: e isso já tem [estalou os dedos para demonstrar que tem muito tempo]
- 34 Geovana: “ah que saudade quando chegava sexta-feira eu ia lá na quinta de noite e escondia o livro. Ainda continua assim?” Não, não continua não.... [risos] alguns, né [risos]
- 35 lara: Ela não mentiu, ela omitiu... [risos]
- 36 Diana: me desculpe a ignorância... eu não entendi, eles escondem na sexta-feira...
- 37 Geovana: na quinta
- 38 Diana: hann
- 39 lara: na quinta
- 40 Geovana: porque no nosso acervo as estantes é acesso livre, então ele diz “vou procurar um livro” e, por exemplo, o livro da classificação em 600, ele tá lá olhando depois larga o livro em uma classificação totalmente diferente
- 41 Diana: que é para ninguém achar
- 42 Geovana: Então na quinta-feira ele entra e esconde o livro para ninguém pegar antes dele. É coisa de aluno, aluno sempre tá aprontando
- 43 Diana: claro
- 44 Marcelo: e é ruim para o aluno que quando ele não vem pegar ou esquece o livro tá totalmente fora de classificação, perdido e chega o próximo, procura na classificação e não acha. Quando é que vai achar o livro? Quando o Juca tiver guardando e achar
- 45 Juca: acontece muito isso aqui. Eu chego cedo aqui... o livro que foi emprestado a noite eu tenho que guardar antes das sete e meia para quando o aluno chegar o livro tá aí
- 46 Cecília chega: Bom dia... esqueci [risos]. O que foi?
- 47 lara: tá gravando... [risos]
- 48 Grasi: Cecília, como eu te falei antes, a gente tá falando aqui hoje sobre a memória da biblioteca e nós começamos com a exclamação de um funcionário daqui da biblioteca, que eu percebi que era um discurso recorrente, embora não seja a mesma frase, que é “ah... se essa biblioteca falasse”. E... aí a partir disso, a gente começou a discutir aqui o que cada um acha disso. Inclusive eu esqueci de falar que essa frase é... possivelmente, vai entrar no título do meu trabalho. Aí a gente tá levantando, algumas pessoas falando...
- 49 Juca: esse palavreado aí saiu mais de alunos né, que estudavam na época que depois, quando encontrávamos eles, com o passar do tempo eles falavam assim, “pô, como tá aquela biblioteca”? A biblioteca tá legal, não é como era antigamente. “Ah se aquela biblioteca falasse....”. Isso aí é o que os alunos falam, né?
- 50 Marcelo: muitos episódios, né?
- 51 Juca: justamente, muitos episódios.
- 52 lara: as cabines, né? As cabines Geovana,
- 53 Juca: tem uns que namoravam dentro das cabines.
- 54 lara: tinham as cabines de estudos, eles namoravam dentro das cabines. Então eu acho que é isso
- 55 Juca: o que eles queriam dizer é isso.
- 56 lara: o que eles queriam dizer “... ah se essa biblioteca falasse” porque deve ter rolado [risos] muitas coisas dentro daquelas cabines ali

- 57 Juca: justamente.
- 58 Jair: peguei muitas vezes... muitas [risos] vezes peguei namorando violentamente
- 59 Juca: É-
- 60 lara: é é por isso “ah se essa biblioteca falasse”, as paredes iam ter muita estória=
- 61 Juca: =as pessoas ali naqueles momentos de... livres...eles ficavam namorando dentro das cabines. Várias vezes eu dei flagrante, os outros rapazes que trabalhavam comigo também. E até-
- 62 Diana: e como é que era para vocês se deparar com essa situação, assim?
- 63 Geovana: já estava até normal, sabe. Já estava uma coisa até normal
- 64 Jair: eu já peguei situações. Situações indecentes, indecentes
- 65 Diana: Indecentes
- 66 Juca: justamente, justamente
- 67 Jair: pode falar?
- 68 Diana: tem que falar
- 69 Jair: com a saia levantada e na prática de sexo
- 70 Geovana: porque as cabines ficavam na parte de baixo e na parte de cima onde só se você fosse para a cabine mesmo que veria, entendeu?
- 71 lara: para estudar
- 72 Geovana: e tinha cabines, né Juca, que eles se davam ao luxo de pintar a porta que era de vidro
- 73 Jair: colocavam papel
- 74 Juca: colocavam papel
- 75 Geovana: ou então colocavam papel para ninguém ver
- 76 lara: e eles ficavam com a chave
- 77 Geovana: pois é... eles ficavam com a chave...
- 78 Aline: o que vocês faziam?
- 79 Diana: eu ia perguntar isso... como é que vocês reagiam a isso? Essa cena indecente que você falou aí [se referindo a Jair]
- 80 Jair: essa cena indecente eu disse “é proibido fazer isso aqui dentro, tem lugar adequado lá fora”
- 81 Cecília: aonde? [muitos risos e sobreposições inaudíveis]
- 82 lara: um motel
- 83 Cecília: um motel né, mas não tem motel aqui [ria enquanto falava e todos riam juntos]
- 84 Jair: lá fora, pô. Fora da biblioteca
- 85 Geovana: no carro
- 86 Cecília: ali não é adequado [risos]
- 87 Jair: e o sujeito ainda ficou com raiva. “Você me interrompeu no melhor” [muitos risos]
- 88 Juca: teve um cara que chegou a discutir com um funcionário
- 89 Jair: não foi a primeira, duas, teve-
- 90 Bianca: tinha fora das cabines, nas baias
- 91 Geovana: às vezes tinha casos de homossexualismo aqui na biblioteca. Com menino eu nunca vi, mas com menina eu cansei de ver se beijarem mesmo e se você fosse reclamar era tipo assim “você tá com inveja”. É, tinha várias estórias
- 92 Jair: aqui tinha uma funcionária chamada dona Mariléia. Tinha um casal de duas meninas que de vez em quando trocavam uns beijinhos [risos]. Ela foi lá e chamou atenção para não fazer isso que não era um lugar adequado. O casal quase bateu na dona Mariléia. Aí ela reportou ao chefe e o chefe repreendeu os dois, não é?
- 93 Geovana: mas é.
- 94 Jair: Mariléia: “não pode acontecer isso dentro da biblioteca”, os casais-
- 95 Marcelo: aqui não é ambiente para isso. Não é que seja homo, é uma questão do ambiente, hetero ou homo. No meu caso até quando eu dialoguei com um casal destes, eles deram parte na ouvidoria. Já fiz isso outras vezes com outros casais. Na verdade é a conduta no ambiente. Não é ambiente para ficar namorando. Na verdade, não é que é proibido namorar, mas se comportar adequadamente. Em um ambiente em que as pessoas estão ali para estudo e tal, então não é ambiente. Como você não vai para a igreja e fica se beijando, se agarrando. Então não é ambiente. Não é que seja proibido, mas não é um comportamento usual e adequado. Mas tranquilo... fica-
- 96 lara: de vez em quando nós temos que repreender alguns, que sentam no colo.
- 97 Geovana: é mais na época das cabines era pior. Eu acho que quando as cabines foram tiradas muita gente ficou chateada, sabe...

- 98 Diana: mas essa época das cabines era que época?
- 99 Geovana: Ah...
- 100 lara: 80 é-
- 101 Geovana: eu vim para cá em 82 e já tinha essas cabines e eu já ouvia essas estórias, mas era antes, né. Porque a biblioteca veio para cá em 71 e, até então, essas cabines foram feitas para estudar em grupo, tinha acústica, tinha porta, tudo direitinho, mas tinha mesa com cadeiras e a mesa era tudo propício para o que eles queriam. Final do dia...
- 102 lara: final do dia [risos]
- 103 Geovana: eu acho que todo mundo, com todo o respeito, estudava anatomia aqui, né? [risos] Porque não tem outra opção do que você via, né?
- 104 Diana: então eles estavam no centro certo, né? [risos]
- 105 Geovana: porque você via... e essas cabines... quando meu médico falava saudades daqui ele sempre pergunta “e as cabines”? Acabaram. Acabaram-se as cabines.
- 106 Diana: e acabaram com as cabines você sabe o porquê, alguma coisa relacionada a isso?
- 107 Geovana: foi reforma, né?
- 108 Marcelo: Acho que a primeira, quer dizer, não foi da minha época isso. Eu acho que as primeiras foram por causa do ar condicionado, né? Então o ar condicionado central que refrigerava. E como não tem iluminação nenhuma quem fica trancado num lugar sem ar condicionado?
- 109 Geovana: é, e no começo tinha tudo
- 110 Marcelo: então foi um questão de tempo. Primeiro foi lá em cima, nos livros. Teve os cupins e etc. e tal. Então as divisórias ficaram comprometidas.
- 111 lara: também teve a reforma dos pisos, né?
- 112 Geovana: aí foi tirando
- 113 Marcelo: mas eu acho que tirar mesmo foi por causa de ar condicionado
- 114 lara: foi por causa de ar condicionado é.
- 115 Marcelo: parou o ar condicionado e desativou. Ainda usavam lá embaixo para o Nutes, né? Para uns vídeos. Aí veio o cupim e aí desativou geral.
- 116 Juca: a inauguração da biblioteca foi em 74
- 117 Geovana: foi?
- 118 Diana: essa é uma das dúvidas que a Grasi ia trazer aqui para a gente ver
- 119 Juca: eu também não tenho certeza se foi em 74 não. Foi em 74, 75.
- 120 Diana: você já estava trabalhando aqui?
- 121 lara: no estudo do Antonio tem a data de inauguração da biblioteca [falou reservadamente para Grasi que estava ao seu lado]
- 122 Geovana: mas você veio da praia vermelha? [se referindo a Jair]
- 123 Juca: vim da Praia Vermelha. Foi em 73 que eu entrei aqui, então trabalhamos dois anos lá onde era o Banco do Brasil, porque a biblioteca era ali. Então, lá era aquilo... o aluno não entrava nas estantes, a gente que servia a eles. Depois que mudou para cá era maravilhoso, o ar condicionado funcionando que era uma beleza
- 124 Geovana: e tinha funcionário
- 125 Juca: e tinha funcionário, tinha quase quarenta ou até mais
- 126 lara: era acarpetado
- 127 Juca: tinha porque era por verba, então até minha esposa trabalhou aqui, Nelma, meu irmão, João Pedro.
- 128 Geovana: porque naquela época tinha verba, né?
- 129 Juca: tinha as meninas que foram para Bahia, tinha todas que agora eu nu-
- 130 lara: Marlene, Ana Livia todas trabalharam aqui
- 131 Diana: essa estória que vocês falaram que tinha verba significa o quê?
- 132 Cecília: porque primeiro era concurso, né?
- 133 Geovana: porque na época eles fecharam concurso público e no que fecharam eles precisavam de pessoas que iam se aposentando. Aí o que que acontece, o governo não tinha tanta despesa assim, tanta coisa, então montava uma verba para montar tal lugar aí você ficava e ia ficando.
- 134 Juca: era FINEP, né?
- 135 Geovana: era FINEP e eu e uma outra bibliotecária foi nessa que a gente entrou. A gente entrou em 80 e o governo cortou a verba, cortou concurso, nós nos formamos em 81 e em 82 e nós viemos para cá porque tinha uma verba específica para montar uma sala de leitura, uma biblioteca

- de obras raras da biblioteca da Faculdade de Medicina. Tá, então nós viemos para cá e ficamos 11 meses. Então é assim, não é entrar pela janela, mas o que acontecia: você tinha um ano corrido de autônomo, você é automaticamente contratada.
- 136 Juca: isso é.
- 137 Geovana: era um negócio que era por lei, não era que nem agora, então nós ficamos 11 meses, mas como precisava de pessoal aí jogava na reitoria e contratava, entendeu?
- 138 Diana: então era outra forma de ingresso?
- 139 Geovana: Além dessa verba ainda tinha dinheiro para livro, para material físico da biblioteca.
- 140 lara: acho que a Marlene também é dessa época, Verônica...
- 141 Juca: tinha bibliotecário a dar com o pau aqui
- 142 Diana: você foi o único que veio da Praia Vermelha não é? Veio de 73 para cá?
- 143 Juca: É...
- 144 lara: Veio de que ano?
- 145 Juca: entrei em 73
- 146 lara: na Praia Vermelha?
- 147 Geovana: na Praia Vermelha?
- 148 Juca: entrei na Praia Vermelha, aí em 73, no mesmo ano, entrei em fevereiro, aí quando foi em agosto viemos para cá.
- 149 Marcelo: quem veio de funcionário de lá para cá?
- 150 Juca: Dona Bruna, Dona Alcéia, Márcio Júnior,
- 151 lara: Afonso
- 152 Juca: não, Afonso ainda continuou lá
- 153 Geovana: Dalva
- 154 Juca: não.
- 155 lara: não, Dalva é de 77
- 156 Juca: eu sei que vieram uns seis de lá para cá. Uma pequena biblioteca que tinha ali na frente.
- 157 Diana: E a idéia era trazer já a biblioteca do CCS para cá?
- 158 lara: da medicina
- 159 Geovana: demoliram o prédio da medicina.
- 160 lara: da medicina? da medicina, da medicina
- 161 Cecília: que era lá na Praia Vermelha
- 162 Marcelo: ainda não existia essa separação
- 163 Cecília: do que, do CCS?
- 164 lara: tinha acabado a obra
- 165 Geovana: porque tinha, parece que foi na época da revolução, aquele prédio de lá eles resolveram-
- 166 lara: porque tinha acabado a obra
- 167 Geovana: tirar. Eles estavam montando o Fundão, mas era para separar os estudantes, tirar todo mundo dali da Praia Vermelha. Tanto que eles demoliram o prédio e até hoje nada foi construído, entendeu? Por isso eu não sei se você pegou, mas os nossos livros tinham uma etiqueta do quarto andar, antigo era do quarto andar. Porque eles fizeram o quarto andar no prédio onde era a nossa coleção. Ficou tudo junto, era quarto andar, vocês já viram um livro com uma etiqueta com um quatro pequenininho?
- 168 Grasi: aí quando veio ainda era a biblioteca da Faculdade de Medicina, né?
- 169 Geovana: aí ela veio e se juntou as outras
- 170 Marcelo: veio e se reuniu ao acervo de outras áreas para se consolidar como biblioteca central.
- 171 Grasi: então quando ela chegou aqui ela foi denominada=
- 172 Geovana: =biblioteca central, porque ela veio para atender aos seis centros, cada centro tem sua biblioteca, CCMN, nós, letras.
- 173 Grasi: aí-
- 174 Geovana: por isso é que tem o CLA, né? Centro de Letras e Artes e o CCS, Centro de Ciências da Saúde. Aí, juntaram. Era pra vim toda a UFRJ para cá, aí tem aquele lance político, né? porque tinha a neurologia lá, tinha o Pinel e aqui até então era super deserto, né? Fundão não tinha nada, viu.
- 175 Grasi: então, o que vocês estão querendo me dizer, que a antiga biblioteca do CCS era=
- 176 Geovana: =da Faculdade de Medicina
- 177 Grasi: mas isso se deve a que? É, porque motivo?

- 178 Geovana: porque não tinha campus, né... A biblioteca da Faculdade de Medicina estava lá no lugar dela. Tinha a da Faculdade de Direito, porque cada prédio tinha. Não era centralizado.
- 179 Cecília: mas aí eu também não estou entendendo. Na Praia Vermelha tinha só a medicina e os outros cursos, biologia?
- 180 Geovana: espalhados. Não tinha-
- 181 lara: espalhados
- 182 Cecília: não tinha isso aqui então?
- 183 Geovana: tinha a educação física
- 184 Juca: a educação física era lá
- 185 Geovana: tinha a biblioteca central no Largo de São Francisco
- 186 Aline: e não tinha tanto curso como agora, né?
- 187 Geovana: não tinha
- 188 lara: tinha a odonto, tinha...
- 189 Cecília: a biologia é antiga, né?
- 190 lara: tinha o terreno do hospital. Juca tinha o prédio que era o banco do Brasil porque estava terminando o subsolo, é isso?
- 191 Juca: o que?
- 192 lara: a biblioteca, vocês ficaram atendendo lá por quê? Por que estava terminando o subsolo?
- 193 Juca: justamente. A biblioteca não funcionava aqui porque a biblioteca aqui ainda estava em obra, então como já estava fazendo a reforma de lá para cá, aí colocaram as coisas=
- 194 Marcelo: =provisoriamente lá
- 195 Juca: provisoriamente, naquele prédio pequenininho ali
- 196 Marcelo: É, e como cada centro tem uma biblioteca central essa aqui foi montada para ser a biblioteca central do CCS, que abriga as coleções da área médica.
- 197 lara: da área médica, da área medica, né? Da área médica.
- 198 Marcelo: é... do Centro de Ciências da Saúde
- 199 lara: é... da área da saúde.
- 200 Marcelo: então é uma biblioteca que atende, na teoria, todos os cursos da área do Centro de Ciências da Saúde, básicos pelo menos. Então todos os cursos têm a biblioteca da sua faculdade, a enfermagem, a biologia
- 201 Cecília: então a história do Fundão, né? Se estava montando o campus do Fundão, não tinha CT também?
- 202 Marcelo: não, não tinha nada
- 203 Geovana: não tinha nada. Aí eles foram montando. A idéia era centralizar tudo
- 204 Cecília: reitoria
- 205 Geovana: porque a educação física tinha um pouquinho em cada. Tem lá perto do SIBI, então é tudo espalhado. O Fundão seria para reunir, mas nem todo mundo quis vir. Porque ficou o pessoal do CFCH
- 206 Cecília: do CFCH?
- 207 lara: Ana Neri, direito também ficou longe
- 208 Aline: e aqui no Fundão tinha uma época de ditadura, né? Então-
- 209 Geovana: pois é... a idéia era essa. Ainda mais a da medicina, né? Era uma parte, né? Tinha uma parte que era o exército e tinha a outra parte que era a Faculdade, que era o auge na época da ditadura, 60, 80.
- 210 lara: 74
- 211 Marcelo: não era da minha época [risos]
- 212 Geovana: também não era da minha época. A minha época era de 80 para cá, sai fora [brinca]
- 213 Grasi: mas então ficou uma parte da área da saúde, como estão até hoje
- 214 Cecília: Neuropsiquiatria
- 215 lara: Neuropsiquiatria, enfermagem era lá
- 216 Geovana: é porque ficou aquela política de não querer vim
- 217 Grasi: mas porque ficou lá?
- 218 Marcelo: para não desvincular do instituto, porque fica complicado, né? O instituto fica lá, psiquiatria, aí você desvincula uma biblioteca, uma literatura, do pólo principal que é lá.
- 219 lara: tem-
- 220 Cecília: os alunos iam ficar longe da biblioteca

- 221 lara: longe dos professores, né?
- 222 Marcelo: você pode até especular várias idéias sobre isso, mas isso é válido. Manter a maternidade escola também, a neurologia
- 223 lara: a enfermagem
- 224 Marcelo: são coisas que, por exemplo, a pneumologia, né? A fisiologia, o instituto, ele saiu do Caju. Existia uma biblioteca lá
- 225 lara: o Hospital São Sebastião
- 226 Marcelo: e existia é... é...
- 227 Geovana: foi desativado
- 228 Marcelo: foi desativado, né? E existia, e foi para o HU
- 229 Cecília: O HU?
- 230 Marcelo: é, eu não sei como eles incorporaram dentro do Hospital. E a biblioteca foi para lá também para atender ao instituto. Eu acho que foi válido essa política de acompanhar as unidades isoladas com as instituições porque quem vai usar, na teoria, são as unidades.
- 231 Geovana: é, mais eu ainda peguei uma parte assim com a Fernanda. A gente pegou uma parte assim. Antes de automatizar a central era eu quem recebia tudo, tá. Então nós tínhamos várias setoriais espalhadas no campus. Então no campus seria o HU e o IPPMG, mas tinha a maternidade escola, enfermagem=
- 232 lara: =ginecologia
- 233 Geovana: eram nove setoriais
- 234 lara: ginecologia... Ginecologia, odonto
- 235 Geovana: sendo que quando tinha uma verba, centralizava tudo aqui. A bibliotecária daqui fazia e passava para as setoriais, já com ordem de procedência, tudo certo. Depois cada escola, que era aquele catálogo manual ainda
- 236 lara: das fichinhas
- 237 Geovana: datilografado. Vai dizer que não é da sua época [brinca com o Marcelo]. Então, tudo era feito e mandado para as bibliotecas. Então, como o HU e o IPPMG eram aqui perto, elas que, no fundo, no fundo, eram consideradas setoriais mesmo. A gente recebia um livro que era de pediatria ia para a pediatria. Quando a biblioteca conseguia um livro mais novo, esse que era mais antigo, vamos supor, de 92, voltava para a biblioteca e o de 2000 ia. Porque, como o HU e o IPPMG atendiam a área técnica, eles tinham que ter o livro mais atualizado, tá. Não tinha informática, não tinha nada disso em 82, 83. Então era só assim, leva para lá e traz de volta, não sei o que. Quando automatizou e cada uma com a sua bibliotecária, de certa forma, desmembrou essa responsabilidade de ser uma setorial. Elas eram setoriais no papel, mas agora elas são setoriais só no papel
- 238 Marcelo: É, é, só no organograma
- 239 Geovana: elas são independentes
- 240 Marcelo: na verdade, elas são independentes como no organograma de cada biblioteca, então no organograma do CCS as bibliotecas estão subordinadas a biblioteca central=
- 241 Geovana: =mas são independentes
- 242 Marcelo: mas não obedecem a hierarquia institucional
- 243 Cecília: a lara também tem uma estória que ela era do NPPN e veio para cá...
- 244 lara: também acontecia com as teses. As teses de dez em dez anos vinha para cá. O de dez anos a gente colocava no acervo e mandávamos os outros. Quer dizer, a gente recebia 3 exemplares, um ficava no HU e os outros vinham para cá, né? Quando completava dez anos eles pegavam de 82 a 92 e mandavam aquele bloco todinho para a gente e incorporava no acervo. Aí eles continuavam recebendo e depois de dez anos vinha para cá. Quando foi em 92, parece, aí eles acabaram com isso, tanto que as revistas também eram assim, não eram?
- 245 Aline: as revistas eram mais menos assim. Os últimos três anos ficava no HU e, depois, todo ano trocava. Eles devolviam do outro ano e depois mandava para gente. A gente recebia aqui, cuidava aqui.
- 246 Marcelo: também, a gente não recebe mais nada, também o que recebe.
- 247 lara: e as teses eram processadas aqui
- 248 Marcelo: desde 98, 99
- 249 lara: a gente processava aqui e mandava um exemplar para lá, já prontinho como os livros
- 250 Cecília: Eu não sabia dessa

- 251 lara: o que você ia falar do NPPN?
- 252 Cecília: que você era de lá e depois eu não sei o que aconteceu
- 253 lara: incorporou
- 254 Cecília: aí incorporou depois você veio para cá
- 255 lara: é, eu incorporei o acervo
- 256 Cecília: é, é setorial
- 257 Marcelo: pediatria também foi incorporado ao acervo
- 258 lara: eu me incorporei ao acervo, me incorporei à Biblioteca Central
- 259 Marcelo: não tem mais a biblioteca, nem de pediatria
- 260 Geovana: educação física
- 261 Cecília: educação física tinha biblioteca separada?
- 262 lara: tinha
- 263 Marcelo: tinha
- 264 lara: tinha, antes de vim para cá, a Biblioteca Central tinha educação física, odonto.
- 265 Geovana: o que acontecia, depois deu uma parada. Cada departamento tinha uma biblioteca, tinha meia dúzia de livros. Quando eu vim para cá a nutrição quis também. Aí a bibliotecária daqui falou “ah vai lá”. Aí ia lá e montava. A de ortodontia também, a diretora “ah vai lá”. Aí montava também. Mas isso não valia de nada no papel. Quer dizer, é uma setorial. Aí tinha assim, montava, aí precisava de um espaço, “ah então vamos tirar os livros de lá”, entendeu? Porque achava chique montar uma biblioteca
- 266 lara: era uma biblioteca departamental
- 267 Geovana: a central teria que dar suporte sempre, mas era uma coisa ilegal. E como ia ficar dando suporte, tirando funcionário daqui e indo para lá. Eles não tinham noção. Quando foi a da nutrição eu fui para lá. Aí estava tudo bonitinho, tudo assim, todos os livros amarelos juntos, o coral junto, tudo pelas cores. Eu fui para lá montar, né? Fui fazer o serviço de bibliotecário, o coral ficou do lado do mais alto, ficou o verde do lado do amarelo, não sei que, o diretor de lá foi falar com a diretora daqui que ele queria uma bibliotecária, que a bibliotecária foi lá e bagunçou [risos]. Ele queria uma biblioteca organizada por cor e tamanho, aí eu falei, “ah Regina eu não”. É, porque eles achavam que o bonito da biblioteca é seguir as cores, tudo rosa, com o mesmo tamanho, depois ia abaixando [risos]
- 268 lara: então igual-
- 269 Geovana: um era nutrição e outro conservação de alimentos, então tinha que ficar por lá. Então ele veio aqui e reclamou, né, Juca? Eu acho que eu comentei com você. Ele achou que estava que “tava tudo arrumando, Maria Rute”
- 270 Diana: Isso foi em que época mais ou menos?
- 271 Geovana: ah, isso foi... Maria Rute... isso foi em 84, 85, no máximo. Nada era automatizado ainda. Aí ela me perguntou “o que que você fez lá”? Eu falei, eu to montando, to organizando [risos]. Ah, ele veio reclamar... Eu falei então tá, então ele coloca as coisas dele. Ele falou que pediu uma bibliotecária e eu baguncei com o departamento. Eu falei “eu não volto mais”. Não voltei, lógico. Eu não ia concordar. Ele queria aquele visual assim, tudo coloridinho, no mesmo tamanho e não é, não funciona assim. E eles não tinham noção, então eles colocavam o livro lá, aí via que precisava de uma sala e trazia a coleção toda para cá, entendeu?
- 272 lara: uma biblioteca também que eu acho que ia ser departamento e transformou em biblioteca foi a micro. Que a micro é setorial daqui.
- 273 Geovana: mas ela é biblioteca, mas não é oficial
- 274 lara: é mais ela começou como departamento. Em uma salinha deste tamanhinho. Aí foi crescendo, crescendo, crescendo e entrou para o sistema do SIBI
- 275 Grasi: Então, a biblioteca do CCS então-
- 276 Marcelo: central
- 277 Grasi: A biblioteca Central do CCS foi criada então com a finalidade de atender não só o curso de medicina, mas os outros cursos=
- 278 lara: =da área da saúde
- 279 Marcelo: biblioteca do centro, para abrigar os acervos, para atender as comunidades do centro, os cursos do centro. Não são só do CCS, nos demais centros a filosofia é essa
- 280 Grasi: e com relação a essa biblioteca ser a biblioteca da antiga Faculdade de Medicina, sendo que outros acervos, de outras unidades, também fizeram parte da incorporação, se deve,

- principalmente, a que? A maior parte do acervo que veio de lá? Como foi esse processo?
- 281 Marcelo: eu não entendi. Você disse, é-
- 282 Grasi: é porque, é assim, a Biblioteca Central do CCS não atende apenas a Faculdade de Medicina, mas outros cursos. Mas quando vocês falam da história, eu percebo que vocês se remetem a Biblioteca Central do CCS como a antiga Biblioteca da Faculdade de Medicina
- 283 Marcelo: é mais-
- 284 Cecília: porque começou com ela
- 285 Marcelo: porque o acervo que veio, veio da Praia Vermelha que era da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil
- 286 Cecília: porque era o mais forte. Porque a medicina antigamente era o curso mais forte, mais antigo, da época de D`João
- 287 Marcelo: porque também não tinham tantos cursos, né? Tanta variedade. Era só aquela coisa básica de medicina, enfermagem, odontologia
- 288 Iara: depois que eles começaram a incorporar bibliotecas setoriais que passaram a pertencer o centro. Tipo o NPPN, o NPPN era a setorial daqui, mas era uma biblioteca de química de produtos naturais. É o Núcleo de Pesquisa de Produtos Naturais. Ela deveria pertencer mais a química, mas não, ela pertencia ao CCS. Ela era setorial daqui, porque colocaram ela como setorial daqui eu não sei. Por ela ser setorial eu consegui trazer ela para cá.
- 289 Cecília: porque, ô Grasi, eu acho que a história da biblioteca da Faculdade de Medicina, eu acho que veio desde a época de D`João VI, quando ele veio para cá com a família real, todo mundo, e os filhos tinham que estudar. Então fundou a Faculdade de Medicina do Brasil, que se eu não me engano, tem esse nome desde aquela época. Era, se eu não me engano, a primeira Faculdade de Medicina do Brasil.
- 290 Iara: era da Bahia. A primeira era da Bahia.
- 291 Cecília: que era Rio de Janeiro, que era a capital, e foi crescendo por aí. Depois da medicina teve a necessidade de criar uma universidade, né? Foi crescendo. Naquela época, a história do Brasil, todo mundo vindo, toda monarquia portuguesa. Então os filhos dos ricos que vieram para cá. Então, primeiro foi medicina, depois foi ampliando a faculdade e aí foi crescendo. Imagina crescendo naquela época, né? Com meia dúzia de gatos pingados. Mas aí houve a necessidade, já no século XX, né? Porque foi em mil novecentos e poucos que foi fundado aqui, de criar a universidade. Aí foi crescendo a universidade e vamos ficar aonde? Vamos para a Ilha do Fundão. Eu imagino que seja por aí. Como a Faculdade de Medicina é a maior e a mais antiga, começou com ela o Centro de Ciências da Saúde. Só que a saúde não é só medicina, como já tinha outros cursos, como a biologia, então foi só aumentando, aumentando.
- 292 Iara: naquela época incorporaram. Era química, biologia, farmácia era um monte de coisas que, na verdade, tudo é medicina.
- 293 Cecília: A história é anterior. A história da Faculdade de Medicina é anterior ao Centro de Ciências da Saúde. Ela começou na época de D`João.
- 294 Jair: quando veio para cá foi um ato político, né? A ditadura que determinou a vinda, para isolar
- 295 Geovana: para isolar
- 296 Cecília: vocês tem que ler o livro 1808 sobre a vinda de D`João. O livro 1808 é a história da família real fugida de Napoleão, para cá. Napoleão dominando a Europa toda, o único monarca, o único rei, que conseguiu passar a perna em Napoleão foi o português, que nós achamos que é o burro, né? [risos]. Que fugiu para cá. Todos os outros, Napoleão dominou. Ele veio para cá com ajuda da Inglaterra, então nós temos que ler essa história toda, que quando ele fugiu, fugiu vários navios com tudo que podia carregar. Ficaram várias caixas de livros perdidas no porto. Então é uma história legal, bonita até. Porque é a nossa história, né? Portugal quando colonizou-
- 297 Iara: será que é por isso que a Academia Brasileira de Medicina tem algumas teses, por exemplo, que nós não temos e que são nossas, da UFRJ, estão lá e aqui não tem? Será que foi isso, que colocaram no porto e ficou perdida lá?
- 298 Cecília: eu não sei. Ficaram várias caixas, não só de livros, mas de objetos também.
- 299 Grasi: Com relação à universidade, o que vocês acham da importância da biblioteca para os alunos, para os professores, para vocês? Como que é isso, assim, a importância da biblioteca para a universidade como um todo?
- 300 Cecília: Ah isso aí é, eu acho que é uma coisa muito grande, né? Hoje em dia a biblioteca, hoje em dia não, né? Há muito tempo atrás, desde a minha época, a biblioteca, eu sou formada há trinta

anos, desde a minha época, naquela época quando se falava em biblioteconomia, sempre foi bem submissa, todo mundo mandava no bibliotecário, bibliotecário não era nada. Qualquer funcionário era diretor da biblioteca, administrador. Desde aquela época eu vou ouvindo que a gente precisa se impor, que a gente tem que crescer. E foi crescendo. Estamos crescendo bastante, mas eu acho que ainda não cresceu o suficiente ainda. Então a biblioteca para nós, profissionais da área, foi o lugar que nós escolhemos para exercer a nossa profissão, né? O nosso ganha-pão, pelo menos. É o que nos mantém e nos sustenta. Agora para o geral, hoje em dia, tudo quando é empresa tem biblioteca. Não é só na área pública. É claro que na área privada tem muito mais recursos, as bibliotecas são muito mais bem equipadas, profissionais investem, fazem cursos, porque as empresas privadas tem outras finalidades, outros objetivos. E na área pública as bibliotecas são caóticas, a meu ver

- 301 Jair: Cecília, mas de dezesseis anos para cá mudou muita coisa dentro dessa biblioteca, uma avanço fora de série
- 302 Geovana: mas eu acho-
- 303 Cecília: muita coisa melhorou, mas a gente ainda está muito
- 304 lara: foi por causa da tecnologia, muita coisa teve que avançar. Por causa da tecnologia
- 305 Jair: o portal CAPES trouxe um avanço fora de série. Está aí o Marcelo que pode afirmar
- 306 Marcelo: não, com certeza, com certeza
- 307 Jair: a revista eletrônica foi...
- 308 Marcelo: Como a Cecília falou de área pública, eu acho que o maior ganho-
- 309 Juca: por exemplo, tem aluno, que fala “pô, se não fosse essa biblioteca aqui eu estava ferrado”
- 310 Diana: como é que é heim? Eu não ouvi
- 311 Juca: tem aluno que chega aqui e fala “pô, se não fosse essa biblioteca eu estava ferrado”. Por exemplo, teve uma menina lá em cima que ainda pouco telefonou querendo falar com Marcelo ou Grasi para abonar negócio de multa. Ela falou que se não fosse essa biblioteca ela não teria como se formar agora, porque ela depende da biblioteca. Então ela estava querendo abonar a multa por causa disso.
- 312 Diana: pois é, então retomando um pouco o que a Grasi perguntou. Quer dizer, como é que vocês percebem a importância que essa biblioteca tem para a universidade? Um pouco o que você falou, né? Como é que o aluno vem e diz uma frase dessas que é uma coisa importante para se pensar. Um aluno que é carente, que está em uma universidade pública, só consegue finalizar um curso porque tem uma biblioteca pública e porque vocês estão aqui.
- 313 Marcelo: É, com certeza. A importância é assim, nós não conseguimos nem mensurar. Mas com os relatos e também, bem próximo agora, eu tive um relato de uma ex-estudante de enfermagem que se formou, não tem nem muito anos não, nova, e está morando no Qatar e veio para cá. Ela disse que desistiu da enfermagem, depois de fazer mestrado, desistiu e veio doar uns livros. Todos eles novos, novos. Ela disse “eu lembro que na época em que eu estudei, eu também não tinha dinheiro e eu vi como era importante usar os livros da biblioteca. Alguns livros às vezes a gente também não conseguia porque também tinham poucos, então eu vim doar para contribuir também, porque eu também usei muito e foi muito importante”. Então nós também colhemos esses diálogos, essas informações, essas declarações e a gente vê como é importante. E voltando ao portal CAPES, como o Jair estava falando, o portal CAPES para as instituições públicas foi um avanço assim, que também nós não conseguimos medir e ter a noção exata, principalmente na igualdade ao acesso a informação. É simultâneo, né? Porque, historicamente, sabemos que sul e sudeste obtiveram os maiores recursos e aporte da federação, mas com o Portal CAPES, quem está lá em Rondônia tem o mesmo acesso de quem está aqui no Rio de Janeiro. E a coisa se iguala de forma que a informação, nesse sentido, se torna prioritária para as universidades e institutos que fazem uso dessa informação. Foi um avanço muito grande
- 314 Cecília: e, principalmente Grasi, se eu estiver enganada espero que vocês me corrijam, a nossa biblioteca aqui foi a primeira a montar uma BVS, a primeira a montar uma sala de estudo, vinte e cinco computadores para os usuários pesquisarem. Nós fomos os primeiros, não foi?
- 315 Marcelo: seguramente, da universidade, foi. Seguramente
- 316 Cecília: pois é, então eu acho que nós fomos pioneiros neste aspecto de evoluir, tecnicamente e tecnologicamente
- 317 Jair: foi a pioneira
- 318 lara: foi a biblioteca piloto

- 319 Marcelo: e ainda digo mais, antes de fazermos, montarmos essa BVS e antes do portal CAPES ser lançado, nós já tínhamos um embrião de acesso. Aqui nós começamos com três computadores, porque a universidade já tinha comprado algumas bases de dados e colocou online. Mas foi uma época que acho que, se não me engano em 96, 97 que informática e internet-
- 320 Cecília: era só CD
- 321 Jair: no Brasil ainda estava caminhando
- 322 Marcelo: aí o que acontece, nós conseguimos doação do HU de cinco computadores. O diretor do HU doou cinco computadores. Então montamos ali onde agora estão os outros computadores. É um embrião da BVS. Nós montamos ali, criamos as redes e disponibilizamos o acesso das bases que a universidade assinava. Logo depois veio o Portal CAPES e nós já estávamos com o projeto na FAPERJ
- 323 Cecília: para montar a BVS
- 324 Marcelo: e aí saiu a verba da FAPERJ e veio o lançamento do Portal Capes, tudo em cima
- 325 Cecília: porque foi um boom, né? A sala toda reformada, com vinte e cinco computadores novos, os móveis ali, estão bonitos até hoje. E já tem quantos anos?
- 326 Marcelo: agora, é louvável, na época Rosária estava à frente, era a transição entre Maria e Rosária, da visão que tivemos do que seria o futuro da informação. Nós estávamos com CD-Rom, bases de dados online que a universidade comprava, a gente já começou a pensar nisso para construir o espaço dos computadores
- 327 Cecília: isso foi uma idéia que Maria e Rosária começaram com este projeto
- 328 Marcelo: isso
- 329 Geovana: eu me lembro que quando a Aline entrou, a Cleuza fazia esse trabalho, aí ficava imprimindo, aquela impressora ultrapassada, e coloca não sei o que, entregava para o aluno e o aluno vinha pegar, muito legal
- 330 Aline: conversava com, geralmente, os estudantes e via o que eles queriam. Tinha que pegar a palavra chave
- 331 Marcelo: aquilo era uma loucura, aquela época da gente fazer levantamento bibliográfico era uma loucura
- 332 Geovana: e atendia de um lado e corria para ver o outro
- 333 Cecília: e começou com Cleuza, né? Depois que entrou Marta, Verinha
- 334 Marcelo: chegou a ficar nós quatro, né? Cleuza, Marta, Verinha e eu
- 335 Geovana: o computador era uma manivela
- 336 Cecília: Rosária também era. Rosária fazia mais de odonto
- 337 Geovana: mas o Juca que também era antigo com a gente, a lara talvez ainda não estava, mas devia estar no NPPN. O Juca deve concordar comigo, mas eu, eu acho que nós já comentamos, eu sinto falta da época em que o aluno vinha para cá, bem arcaico, mas a biblioteca lotava, a referência tinha aqueles index médicos enormes. Aí o professor vinha, fazia manual, conversava. Sabe, você tinha um maior contato físico com o professor e com o aluno. Agora não. É ótimo o avanço, a tecnologia, mas agora você quase não vê. E eu já vi professores daqui, que estudaram aqui, eles falando para mim “puxa, que saudade daquela época que a gente sentava e encontrava o aluno”. E o aluno encontrava o professor, trocavam um papo. Agora não, eles dizem que já tem meses e meses que não vem à biblioteca. Ele pode resolver no departamento dele. Então, eu como peguei essa época e o Juca também, a gente entrava na biblioteca e já tinha um professor “nossa hoje eu vou”, aqueles velhinhos sabe, “hoje eu vou consultar”, sabe. Ficava o dia inteiro, procura index médico-
- 338 Marcelo: mas isso não é um privilégio da biblioteca, hoje em dia essa-
- 339 Geovana: mas hoje em dia essa
- 340 Cecília: no início a BVS vivia cheia, porque quase ninguém tinha computador em casa
- 341 Geovana: em época de prova, você não tinha lugar para sentar. Era aluno sentado no chão, procurando por cadeira. E tinha ar condicionado. Era bem legal
- 342 Aline: nós chegamos a assinar mais de novecentos e poucos títulos de periódicos e era exposição de dez em dez dias. Aí tinha que descer, e o pessoal ia lá e já sabia. Era muito trabalho para nós, não é Jair?
- 343 Jair: era trabalho que não cabia mais. Hoje está uma maravilha. Nós estamos no céu.
- 344 Geovana: é, mas nós podemos até estar no céu, mas o contato físico faz falta
- 345 Selma: heim Juca, quando eu vim para cá, os livros que chegavam era muita coisa. A gente tinha

- que ficar pulando. Mas muita coisa, que a gente ficava apavorado de tanto livro que chegava [risos]
- 346 Aline: agora diminuiu muito
- 347 Bianca: chegavam aqueles carrinhos pesados
- 348 Juca: e por falar no carrinho
- 349 Marcelo: já foi feita a compra
- 350 Cecília: e agora não chega muita coisa?
- 351 Juca: chega, mas antes era toda hora, né?
- 352 Selma: agora está mais controlado
- 353 Juca: agora não, né?
- 354 Selma: a Laura também mudou muita coisa lá em cima
- 355 Jair: outra coisa que houve, uma melhoria, foi o espaço físico dentro da biblioteca. Quando eu entrei, há dezesseis anos, você via lâ de vidro pendurada no teto, caindo na sua cabeça, desmontando. Chovia muito e alagava a biblioteca
- 356 Selma: aí tirava do lugar os livros
- 357 lara: corria com o balde, corria com o plástico [sobreposições inaudíveis]
- 358 Selma: fim de semana Laura cobria os livros para evitar, se chovesse no fim de semana, de molhar
- 359 Geovana: mas o que eu soube na época, o Juca estava aqui, porque nós reclamávamos, pois a biblioteca era de carpete e nós comentávamos muito “por que isso? por que isso?” e, segundo o que se ouvia, é que foi uma firma inglesa que montou o Fundão. Então eles preocupados, tanto que nós temos muita luz, porque podia usar luz externa, mas uma firma da Inglaterra que veio para cá para montar todo o Fundão, como era perto do aeroporto, eles queriam a visão aérea muito legal, entendeu? Por isso que foi feito a biblioteca assim. Porque nós poderíamos ter aproveitado melhor o espaço, porque tem o jardim interno, mas era para do alto eles verem “puxa que legal”. Na época era uma visão meio futurista, que não é mais agora [risos]. Mas eles pensavam assim. Foram ingleses. A biblioteca tinha carpete, uma coisa que já não é viável há muitos anos, para o nosso clima também, né? Não tem uma janela... Pois é, foram os ingleses que fizeram toda essa parte da arquitetura
- 360 Jair: a reforma do nosso teto, da biblioteca, para mim foi uma beleza
- 361 Cecília: eu, sinceramente, não gosto da parte física da biblioteca
- 362 Jair: você olhar o teto arrumadinho, aquela lâ de vidro caindo. Agora você vê tudo direitinho, na base da placa de isopor, direitinho, as luminárias certas. Se olhar, está noventa e nove por cento melhor. Só falta um por cento. Um por cento virá
- 363 Cecília: ah você é tão bonzinho, eu não acho não [risos]
- 364 Marcelo: não sejamos tão exigentes, mas melhorou bastante
- 365 Cecília: mais ainda tem muita coisa para melhorar
- 366 Marcelo: não melhorou tudo, mas
- 367 Jair: e o subsolo, como é que era?
- 368 Selma: nós trabalhávamos lá dentro e o calor não é Juca?
- 369 Grasi: no balcão?
- 370 Selma: no balcão. Nós tirávamos o sapato e ficávamos descalços de tanto calor. Depois eles colocaram o ar para nós trabalharmos, porque não dava para aguentar, né? Diminuí o horário para a gente sair mais cedo por causa do calor
- 371 Geovana: e esse projeto foi assim, como eles eram primeiro mundo, era para o Brasil também ser o primeiro mundo. E para manter? Aí começa, ar condicionado central quebra, o governo não tem dinheiro. Aí ela foi deteriorando. Goteiras. Aí o tapete ficava todo manchado. Ela era bem bonita no começo. Era tipo para inglês ver.
- 372 Selma: não tem uma foto não?
- 373 lara: tinha uma maquete lá na frente. Tem uma foto que nós tiramos. Não sei se é essa aí [se referindo a uma foto que estava sobre uma mesa]
- 374 Geovana: não, não é essa não
- 375 lara: lembra que nós mostramos na foto para você?
- 376 Grasi: lembro, lembro
- 377 lara: era grandona, bem na descida da escada
- 378 Grasi: e durante esse período que vocês trabalham aqui, já aconteceu alguma coisa diferente, inusitada, inesperada?
- 379 Geovana: Já, já, no balcão. Teve uma vez, Juca como é aquela estória de morder o dedo?

- 380 Juca: a aluna mordeu o dedo de uma funcionária
- 381 Geovana: a funcionária foi falar não sei o que, não, a aluna foi falar não sei o que e a funcionária mordeu o dedo da aluna ou a aluna mordeu o dedo da funcionária [risos]
- 382 Juca: como era o nome dela? Esqueci o nome dela agora. Ela estava no balcão e a menina queria o livro e a funcionária “não, você está devolvendo agora, você tem que esperar dar baixa para você pegar com o rapaz lá em cima”. Porque o balcão era ali na frente, onde é o balcão na entrada e o pessoal dava baixa ali e jogava numa janelinha que saía na sala que ficava atrás, como se fosse nas costas dela. Aí ela disse, “eu vou pegar, vou dar baixa aqui e vou jogar numa janelinha para o Juca pegar e você faz o empréstimo lá em cima”. Porque tinha que passar por um papelzinho para chegar na portaria e pegar”. Aí a menina “não, mas eu preciso agora” e não sei o que... Ela estava com o livro na mão dizendo “mas você não pode” e não sei o que. Aí a menina pegou e deu uma mordida na mão dela. [risos]
- 383 lara: mas quem levou a mordida?
- 384 Marcelo: a funcionária
- 385 Juca: a funcionária
- 386 Cecília: a funcionária levou a mordida da aluna. Aliás, esse negócio de aluno aqui é muito complicado. Tem muitos alunos muito mal educados, pedantes. Ontem mesmo você teve um estresse com uma aluna ali, não teve? [se referindo da Bianca] Eu soube do estresse que teve. A aluna disse “pode chamar o presidente da república que ninguém me tira daqui. Então tem um pessoalzinho, assim bravo. É a minoria, graças a Deus, mas tem uns alunos que são perigosos.
- 387 Bianca: sempre teve, né? Sempre teve
- 388 Cecília: aliás estes dias estava passando uma reportagem falando sobre como os professores estão apanhando dos alunos em alguns lugares.
- 389 Diana: ainda não chegou à universidade, né?
- 390 Cecília: é mais com adolescentes, né? Aqui já não tem mais tanto adolescente, mas também não chegaram a este tipo de agressão aqui
- 391 Selma: isso é mais em escola assim de favela, que estão fazendo estas coisas
- 392 Cecília: não, não é isso não
- 393 lara: não, é classe média alta mesmo. Se acham os donos do lugar
- 394 Cecília: isso aí é criação
- 395 lara: é também, é liberdade demais
- 396 Selma: tem professor que fala mesmo. Que foi desacatado na escola
- 397 Cecília: é muito da educação. Fazem esse tipo de coisa com os pais, imagina com o professor? Na minha época eu me lembro que a minha mãe olhava para mim com o chinelo na mão e eu ia que nem um cordeirinho apanhar
- 398 Jair: você apanhou muito [risos]
- 399 Geovana: mas também Grasi, o que aconteceu, não era nem muito, mas era assim... Depois de uma certa época você tem um limite de doação, você tem que mandar uma lista, mandar tudo. Então os departamentos, como eu já havia falado antes, montava a biblioteca e depois queria devolver para cá. Uma vez teve uma professora, não sei se era da enfermagem, aí a diretora, era a Rute na época ainda, era a Rute, mais na época da Rute, aí ela veio para cá e a Rute “fala com ela”. Aí eu falei “não pode colocar livro aqui”, porque a coleção fazia um “L” assim, porque estava em outra posição. Aí a professora “não, mas tem que colocar”. Aí eu falei “não, não”. Ela falou “olha quanto jardim, espalha em todo jardim, eu quero mandar os livros para cá”. Eu disse “mas não pode, tem a estética também. Não pode deixar os livros todos espalhados nas estantes”. Ela disse “vocês é que não querem trabalhar, eu vou falar”. Eu disse “pode falar com quem a senhora quiser”. Não deu em nada, que não ia dar em nada. Ela queria doar os livros dela e espalhar em volta do jardim [risos]. Porque espaço tem dentro da biblioteca. Ela não queria saber se ali era lugar de ter livro. Ela achava que tinha que colocar. Então sempre tem que ter uma coisinha ou outra de implicância, mas tranquilo
- 400 Grasi: Para finalizar, assim, eu queria saber já que a gente falou muito da importância para os alunos, para a universidade, e para a vida de vocês?
- 401 Jair: para mim foi a melhor coisa que aconteceu, foi eu pertencer ao serviço público da UFRJ na biblioteca. Eu me sinto orgulhoso sobre pelo fato-
- 402 lara: e eu quando fui-
- 403 Jair: Eu me sinto orgulhoso de trabalhar na instituição. Foi o maior presente de Deus, que Deus me

- deu. Fiz tudo quanto foi concurso público, o único que eu
- 404 Cecília: [risos]
- 405 Jair: passei foi aqui
- 406 Iara: porque era para entrar, era para entrar
- 407 Jair: o único que eu passei assim, com mérito
- 408 Marcelo: eu também digo assim praticamente as mesmas palavras que você. Eu eu-
- 409 Jair: eu agradeço muito
- 410 Marcelo: eu era da UFF, também de concurso público, não era bibliotecário lá, mas eu trabalhava na instituição e via como era o funcionamento da instituição, era biblioteca também. Lá era a biblioteca da medicina, da Faculdade de Medicina. E vim para cá, por concurso também, né? E, a diferença da...
- 411 Jair: da dinâmica de trabalho?
- 412 Cecília: de uma instituição para a outra?
- 413 Marcelo: de uma instituição para a outra, estrutura administrativa, era outra. Aqui, realmente, para trabalhar, para desenvolver um trabalho. Porque lá, mesmo eu não sendo bibliotecário, eu participava de algumas atividades que os bibliotecários faziam e via as dificuldades para desenvolver uma simples rotina. Um simples boletim informativo que a gente pensou em fazer, as dificuldades que a gente tinha porque a gente estava ligado a um centro, a... a... um núcleo de documentação que era ligado a central e era distante. Às vezes a gente queria lápis e caneta e levava duas semanas para chegar. As coisas mínimas, era, era, e a gente não podia pedir ao prédio onde estávamos instalados porque não estávamos na estrutura administrativa daquele prédio.
- 414 Cecília: era do HU, né? era do hospital?
- 415 Marcelo: então assim, eles não tinham nada a ver com a gente. Não adianta pedir ao diretor se eu estou ligado a uma outra unidade. E quando eu vim para cá, é, assim, o tamanho do prédio, enfim, tudo isso impacta legal, mas como as coisas aconteciam aqui eram muito mais fáceis, ainda que não funcione como deveria, mas a gente tem o pessoal de manutenção que dá o suporte na área de elétrica e todas as áreas, tem o almoxarifado específico, tem uma estrutura administrativa que facilita a comunicação e o suprimento das necessidades, compra, isso aquilo. Então, para desenvolver o trabalho, e eu falo isso como bibliotecário, os meus olhos ficaram, sabe, como criança, olhando um brinquedo bacana, eu falei “caramba, aqui dá para fazer as coisas”. Tanto é que as coisas aconteceram e eu consegui me desenvolver profissionalmente, até em outras áreas, na área de redes, então oportunidades que a universidade dá para a gente, todos aqui fizeram cursos, né? De aperfeiçoamento, de línguas e etc. Então né, como o Jair falou, isso aqui foi um presente de Deus. De ter, não só pelo fato de estar numa repartição pública, de ter uma garantia de emprego e tal, mas da abertura de fronteiras, de horizontes para que você pudesse desenvolver trabalhos, aqui a gente desenvolveu projetos, participou de congressos no exterior, no Brasil, então no campo, na área profissional, o trabalho na universidade, na UFRJ e na Biblioteca Central do CCS, que é muito dinâmica nessa área da saúde, eu me sinto muito gratificado e, é, contemplado nos meus anseios profissionais como bibliotecário aqui na Biblioteca Central do CCS.
- 416 Cecília: Eu também acho, desde a época da graduação eu pensei assim: eu quero trabalhar na biblioteca da área da saúde. Desde a minha graduação. Eu pensava na BIREME, antigamente, né... tinha BIREME, BIREME, BIREME, apesar de ser em São Paulo e eu aqui em Niterói, lá em Niterói, mas eu sempre quis trabalhar numa biblioteca da área de saúde. E aí, quando eu entrei, no concurso de 92, a minha entrevista com a diretora do SIBI, que era Danúzia na época, ela me falou da biblioteca do HU: “ah... você vai adorar que é uma biblioteca pequenininha, bonitinha, tem um acervo menor”, não sei o que. E era só eu de bibliotecária porque não tinha quase bibliotecário na época. Foi o primeiro concurso que entrou uma galera de bibliotecário. Cento-
- 417 Aline: cento e vinte quatro
- 418 Cecília: cento e noventa e duas vagas. As bibliotecárias-
- 419 Marcelo: acho que entraram cento e trinta e poucos=
- 420 Cecília: =bibliotecários numa leva só, né? Só tinha bibliotecário na universidade
- 421 Jair: não tinha concurso a mais de vinte anos. Aí um-
- 422 Jair: Quando nós chegamos não tinha bibliotecário
- 423 Iara: mais de vinte anos?
- 424 Cecília: aí, aí, eu fiquei com aquilo na cabeça. Quando eu fui me apresentar estava escrito

Biblioteca Central do CCS. Eu fiquei meio desanimada. Não era aquilo que eu queria, né? Não era isso que ela me falou. [risos] Não era essa monstruosidade. [risos] Fiquei meio decepcionada, né? Mas, é área de saúde também. Fui recebida pela Rosária, que a Verinha não está aqui agora, para administrar o setor de periódicos, porque não tinha bibliotecário. Tinha a Rosária, que ia subir. Na época, subiu aqui para referência e eu fiquei no lugar dela. Eram duzentos títulos, né Aline?

425 Aline: é

426 Cecília: o setor era o dia inteiro de pesquisador. Comut, tudo no papel, tudo no correio com, com, com-

427 Jair: tinha que ser

428 Aline: selinho

429 Cecília: selinho. Eu fazia tudo sozinha. Por isso que eu adoro periódico

430 Jair: sozinha? E eu ficava aonde nessa estória?

431 Cecília: até hoje. Livros eu era esquerda. Não entendo nada de livro até hoje

432 Jair: eu ficava aonde nessa estória?

433 Cecília: eu adoro periódicos. Saí de lá, aí eu fui para referência. Então foi tudo como eu sempre quis.

434 Juca: Eu não tenho o que falar. Por isso, eu estou há trinta e sete anos aqui. Eu só não cresci porque eu não quis, acho que foi preguiça mesmo

435 lara: até para enfrentar o Aleph foi-

436 Cecília: de estudar, né?

437 lara: foi complicado

438 Juca: mas também não me arrependo por causa disso não. Eu encontro vários professores aí. “Ô Juca, como é que você tá? Tudo bem?” “Tudo bem”. “Boa época sua lá na biblioteca”. “Eu continuo lá na biblioteca ainda”. Eu tenho uma filha com 28 anos, foi médico daqui da universidade que ajudou. Tá tranqüilo.

439 Selma: Os alunos falam assim-

440 Cecília: você tem 37 anos?

441 Selma: os alunos falam assim “pergunta a ele que ele sabe, ele sabe tudo que tem aqui. Pergunta a ele”

442 Geovana: não, o Juca é. Eu estou aqui há 28, mas eu sempre fiz estágio na área da saúde, mas era estágio na cidade, era estágio. Puxa eu sempre quis trabalhar na área da saúde, não só porque eu tinha tios médicos e tudo, mas eu sempre gostei. E quando eu vim para cá, quando a outra, a Fernanda falou “vamos para lá que tá precisando”, para mim foi legal, porque eu estava sem nada. Mas assim que eu saí da faculdade eu arrumei esse emprego aqui com a Fernanda. O que que aconteceu, a gente estava crua aí a diretora queria alguém sem, sabe, sem mania de nada-

443 lara: sem vícios

444 Geovana: para montar a biblioteca da Faculdade de Medicina, das obras raras. Aí nós montamos. Aí nessa a gente conseguiu, né. Montada, nós subimos e viemos para cá. E tinha poucos bibliotecários, isso em 82, e tinha poucos concursos. A maioria já tinha saído, porque antigamente a gente saía sem permuta sem nada. A Vera era subdiretora e ela cuidava dos livros. Então a gente veio, eu e a Fernanda, para trabalhar com livros. E a Fernanda foi para a circulação e eu fiquei trabalhando na catalogação. E eu gostava, tanto que gostava que estou até hoje, 28 anos. Então é uma coisa legal para mim, porque no estágio eu passava em todas as seções, assim, de periódico e não sei que, mas quando era época dos livros, ah eu amava. “Eu vou ficar aqui”. Mas como era estágio, eu não podia me prender só em uma seção, mas a minha vontade... Quando veio isso aqui foi tudo de bom. E é muito gratificante para mim. Quando você diz em relação ao Juca, quando eu vou aos médicos, que agora é tudo novinho também, [brinca] todos o conhece. “E o Juca, o Juca ainda tá lá?” O Juca é referência para todos os médicos que eu vou. Tanto que eu fui ao endocrinologista da Aline, que é ex-aluno daqui, e ele disse “eu estou lembrando de você, porque na época passava por mim, pelo Marcelo e pela lara a ficha de teses. Ele falou foi você, porque fui eu que assinei a ficha de teses. Ele falou “ainda bem que você assinou se não eu ia descontar da sua mãe agora com o tratamento” [risos]. Então é legal essa brincadeira que você tem. Que você vai a qualquer lugar, noventa por cento de chance de você encontrar um médico que já passou aqui.

445 lara: com certeza

446 Cecília: é uma história

- 447 Geovana: passou pelo Juca, passou pelas cabines
448 Aline: para mim foi ótimo. Eu estava desempregada, entrei no concurso de 93, então tudo que eu aprendi-
449 Cecília: Nós entramos em 92 e fomos chamadas no concurso de 93
450 Jair: ela tem que contestar [se referindo a Cecília em tom de brincadeira]
451 Aline: tudo eu estudei aqui, tudo aprendi aqui na UFRJ
452 Cecília: eu também
453 lara: eu também
454 Aline: eu cheguei, não sabia nada de computador, um bicho para mim. Quando eu cheguei aqui era Cleuza trocando CD, aquilo era um bicho para mim
455 Juca: para mim também
456 Aline: aprendi tudo aqui. Foi ótimo
457 Juca: eu sei fazer o básico
458 lara: eu passei pela Engenharia de Estradas de Rodagem, passei pela química de produtos naturais e caí aqui na biblioteca de medicina, né? Meu sonho quando eu vim para cá, para o Fundão, porque eu vim em 89, porque eu trabalhei no IFCS, entrei pela verba da FUJB que é Fundação José Bonifácio. É uma empresa privada da UFRJ com contrato. Aí quando foi em 87, titio Augusto, que Deus o tenha, puxou todo mundo que era da FUJB, que não deixa de ser da universidade, para a UFRJ mesmo. Aí em 87, eu saí do IFCS e vim para cá, no lugar do Lucas Martins, na biblioteca do NPPN. Aí eu fiquei chefiando a biblioteca seis anos e depois eu vim para cá. Meu sonho sempre foi vim para cá. Quando eu vim para o Fundão eu pensei que eu vinha para cá, mas não, eu fui para lá. Acabei com a biblioteca de lá e incorporei aqui, porque lá era biblioteca setorial, né. E eu adoro biblioteca central, eu adoro, sempre quis trabalhar aqui, tudo de bom.
459 Cecília: mas não é tudo um mar de rosas não, tem problemas para caramba
460 lara: tem problemas à beça, mas eu já fiz de tudo
461 Geovana: aqui na UFRJ, trabalhar em biblioteca setorial, a biblioteca, se a bibliotecária não se impor, ela vira secretária do diretor do departamento
462 lara: Ah eu era bibelô de mesa do usuário, não respeitavam nada na biblioteca. Foi um dos motivos que eu saí
463 Geovana: na central você não é exclusiva do departamento
464 lara: é, entendeu?
465 Geovana: então o tratamento é diferente
466 lara: então o tratamento é outro. Esse foi um dos maiores motivos
467 Grasi: e você Bianca, tem alguma coisa pra falar, como é que foi?
468 Bianca: e... como Jair, lara, também tenho 17 anos aqui, também concursada de 92 e... a biblioteca teve assim certa influência é... forte, né. Porque quando eu vim pra cá minha filha tinha-tava com 11 meses, então ela... [longa pausa – choro] ela cresceu, né aí no meio dessas estantes correndo. Quando tinha... tinha alguma coisa... é algum evento, né, aqui... ela gostava muito de vim para cá, né [vários participantes com lágrimas nos olhos]
469 Cecília: e vem até hoje, né?
470 lara: é, os filhos foram criados bem dizer aqui
471 Bianca: como Juca falou né, não crescemos mais por é... força de vontade mesmo, né?
472 Jair: fazer a creche aqui [risos]
473 Bianca: Teve tanta influência que a minha filha agora está fazendo vestibular para biblioteconomia e quer trabalhar aqui [falou muito emocionada]
474 Marcelo: Legal
475 Cecília: é essa eu não sabia, não
476 lara: nem eu...
477 Bianca: até falei para as meninas que
478 Aline: não deixou fazer para UFF, né? Só tentou aqui, aqui e UNIRIO
479 Bianca: [risos]
480 Geovana: aqui qualquer coisa era motivo pra reunir o pessoal e vinha aquela criançada toda, toda aquela criançada-
481 Cecília: as filhas do Ivo também foram criadas aqui, hoje são tudo moças
482 Bianca: é também
483 Cecília: corriam no meio das estantes. Os da Fernanda

- 484 Aline: exploravam os meus filhos, colocavam para levar livros. Dalva [risos]
485 lara: Dalva
486 Juca: Dalva
487 Jair: o que que as crianças iriam fazer aqui sem fazer nada, então eles aprendiam a trabalhar. Por isso que eles hoje são trabalhadores, porque eu ensinei a trabalhar
488 lara: Assim, os filhos dela [Aline], os meus, o do Jair, a da Bianca
489 Cecília: Fernanda
490 lara: os da Fernanda, da Dalva, do Ivo. Do Gilson e do Joel, os nossos são tudo mais ou menos a mesma idade, entre 18, 19-
491 Jair: 24 anos
492 lara: 23 e tudo nessa fase
493 Geovana: então... você consegue imaginar a festa de natal, páscoa
494 lara: é... a Karla tem 23, Ronaldinho tem 19, o da Rosa fez 19, o da Dalva tem 23 que é da idade da Karla, o da Fernanda também. A menina vinha para cá, o mais velho era da idade de-
495 Juca: o da Dalva vinha para cá e eu falava vamos guardar livro. O sobrinho dela vinha para cá [se referindo a Geovana]
496 Geovana: vocês exploravam o meu sobrinho [risos]
497 Jair: Os filhos dela [se referindo a Aline], os filhos dela vinham para cá, eram duas espoletas
498 lara: era tudo da mesma idade, sabe
499 Jair: como é que ia fazer para ficar sossegado? Trabalhando...
500 lara: colocava para carregar livro
501 Jair: um botava para carimbar e o outro me ajudava a carregar as revistas [risos]
502 Aline: [risos] depois você dava R\$1,00 para cada um
503 Bianca: na páscoa, heim Grasi?
504 Jair: R\$ 1,00 sim e foi o primeiro R\$ 1,00 que ele ganhou na vida dele e trabalhando [risos]
505 Bianca: Grasi, ô Grasi, na páscoa a Rosária trazia um montão de ovos de páscoa e escondia nas estantes
506 Cecília: Chegava mais cedo na biblioteca colocava para nós acharmos
507 lara: Ela chegava mais cedo na biblioteca, abria 7:30, aí ela chegava quinze para as sete, abria-
508 Jair: Nunca achei um ovo
509 lara: A criançada, todo mundo vinha, aí saía catando [risos e sobreposições inaudíveis]
510 Jair: era bem legal
511 Cecília: não, mas era para gente também, né?
512 lara: também. Nesse dia nós podíamos trazer os filhos. Todos eles saiam correndo
513 Geovana: churrasco
514 Juca: festa caipira
515 Geovana: festa caipira, churrasco no jardim
516 Juca: festa caipira, poxa.
517 Jair: teve uma festa na biblioteca que Dona Rosária fez de natal que foi muito bonita
518 Geovana: foi uma que a gente ficou na BVS jogando?
519 lara: foi uma das últimas
520 Jair: muito farta, muito farta
521 lara: Foi uma das últimas, foi uma das últimas
522 Cecília: Foi uma que a gente ficou na BVS jogando é... bingo?
523 lara: mas foi uma das últimas festas que ela fez
524 Cecília: Aí meu Deus...
525 Jair: foi uma festa muito bonita que ela fez
526 Aline: a universidade também fez muita festa boa. Já fui a muita festa aqui. Muito show
527 Cecília: Aliás, acho que a gente precisa retomar isso, né?
528 Aline: Acho que daqui eu que ia mais
529 Geovana: eu acho que teve um evento que ninguém chamou a educação física e a educação física foi entrando com aqueles bonecos gigantes, lembra? A gente fez uma festa e a educação física não foi chamada, aí vieram com aqueles bonecos grandes, tocando bumbo, anarquizou, lembra? Mas era muito legal
530 Cecília: tinha muita reunião. Aí tinha chazinho
531 lara: tem até um jogo de xícara

- 532 Cecília: ah?
533 lara: tem até um jogo de xícara
534 Cecília: tá cheio ali no armário. É... era bom
535 lara: fazia churrasco

FINAL DA ENTREVISTA